

Heloísa Pereira Vale

**A UNIDADE INFORMACIONAL DE PARENTÉTICO NO
PORTUGUÊS DO BRASIL:
UMA ANÁLISE BASEADA EM *CORPUS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística Teórica e Descritiva

Orientador: Prof. Dr. Tommaso Raso

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2010

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

V149u

Vale, Heloísa Pereira.

A unidade informacional de parentético no português do Brasil [manuscrito] : uma análise baseada em *corpus* / Heloísa Pereira Vale. – 2010.

149 f., enc.: il. color., p&b, tab. + 1 CD-ROM

Orientador: Tommaso Raso.

Área de concentração: Lingüística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudos Lingüísticos Baseados em Corpora.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Inclui Cd-Rom com arquivos de áudio e uma página em PPT com instruções para *download* de um *software*.

Bibliografia: f. 139-146.

Anexos: p. 147-149.

1. Análise prosódica (Lingüística) – Teses. 2. Atos de fala (Lingüística) – Teses. 3. Corpora (Lingüística) – Teses. 4. Língua portuguesa – Entonação – Brasil – Teses. 1. Raso, Tommaso. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 410

Agradecimentos

Professora e amiga Marília Mattos, Professora e amiga Marcia Alvarenga, amigas Débora Borges e Ana Berenice Rocha – o início de tudo.

Professor Tommaso Raso, pela presença, competência e confiança. Por acreditar sempre.

Professora Heliana Mello e Professor César Reis, pelas valiosas orientações.

Professoras Patrizia Bastianetto, Ana Chiarini, Maria Cândida Seabra, Mônica Vitorino, pela presença amiga e constante.

Professora Emanuela Cresti, Professor Massimo Moneglia e Professora Ida Tucci, pelo norte seguro.

Bruno Alberto Mota, para quem nunca hei de encontrar as palavras certas, um agradecimento especial.

Bruna Maia, Maryualê Mittmann e Lucia Ferrari, pela amizade, pelo exemplo, por tanto.

Amigos do C-ORAL-BRASIL Bruno Rocha, Célio Zuppo, Lucas Goulart, Flávia Leite, Luciana Aguiar, Cássia Jacqueline, Renata Amaral, Priscila Côrtes, Janayna Carvalho, Adriana Ramos, pelo cuidado e pelo carinho.

Amigos Maria Isabel Andrade, Fabio Vione, Fernando Noronha, Luciara Lourdes – foram e são importantes.

Amigos que me apoiaram – saberão quem são.

Aqueles que não vejo, mas que sei que estão comigo.

RESUMO

Por meio de parâmetros entonacionais e ferramentas informáticas, a fala pode ser segmentada em enunciados e unidades tonais/informacionais para ser estudada em sua estrutura informacional. Investiga-se a unidade informacional de Parentético na fala espontânea do português do Brasil à luz da Teoria da Língua em Ato. A investigação é baseada em uma amostra de *corpus* de diatopia predominantemente mineira, o C-ORAL-BRASIL, idealizado nos mesmos moldes do C-ORAL-ROM para o português europeu, italiano, francês e espanhol, privilegiando a variação diafásica a fim de se obter um leque maior de ilocuções e de possibilidades de estruturação informacional da fala. A amostra constitui-se de quatro textos contendo aproximadamente o mesmo número de palavras, sendo metade de tipologia dialógica e metade de tipologia monológica. Descreve-se a unidade objeto de estudo em seus correlatos funcionais, entonacionais e distribucionais, a partir da visão prévia de estudiosos, para em seguida serem apresentadas análises acústicas e de aspectos estruturais. São utilizados os *softwares* WinPitch e Praat para o tratamento dos arquivos de áudio dos enunciados que hospedam unidades de Parentético. Os seguintes aspectos são examinados: quantidade de unidades de Parentético por tipologia textual; variação da F0 e da velocidade da unidade em relação ao restante do enunciado, a partir de medições da média de F0 e da velocidade de fala na produção da unidade de Parentético e nas unidades anteriores e posteriores a ela; perfis entonacionais; distribuição; extensão; natureza verbal ou adverbial. Os resultados indicam que a aplicação da Teoria da Língua em Ato ao português do Brasil pode possibilitar a compreensão de aspectos importantes da estruturação da fala, ao mesmo tempo que apontam para a necessidade de estudos futuros mais aprofundados sobre a unidade de Parentético, o que requer um *subcorpus* maior. Tal necessidade assume relevo se se considerar a atual insuficiência de estudos sobre a estrutura informacional da fala espontânea do português brasileiro com uma interface entonacional, e em especial sobre a unidade de Parentético. Abre-se também a possibilidade de se dar continuidade aos trabalhos já existentes para outras línguas e de com elas se estabelecer uma comparabilidade.

Palavras-chave: Parentético, Língua em Ato, C-ORAL-BRASIL, aspectos estruturais

RIASSUNTO

Al fine dello studio della sua struttura informativa, il parlato può essere segmentato in enunciati ed unità tonali/informative, per mezzo di parametri che ne misurano il sistema intonativo e per mezzo di strumenti informatici. In questa sede, seguendo la Teoria della Lingua in Atto, viene studiata l'unità informativa di tipo Parentetico nel parlato spontaneo del portoghese brasiliano. L'indagine è stata effettuata su un campione di un *corpus* di diatopia prevalentemente dello Stato di Minas Gerais, il C-ORAL-BRASIL, ideato secondo lo stesso modello del C-ORAL-ROM per il portoghese europeo, l'italiano, il francese e lo spagnolo, dando risalto alla variazione diafasica in modo da ottenere una maggiore gamma di illocuzioni e di possibilità di strutture informative del parlato. Il campione è costituito da quattro testi, assimilabili per numero di parole, la cui tipologia è per metà di parlato dialogico e per metà di parlato monologico. L'unità oggetto di studio viene descritta secondo criteri di tipo funzionale, intonativo e distributivo, partendo dalla formulazione di una tesi da parte degli studiosi, ed in seguito vengono presentate analisi acustiche e di aspetti strutturali. Vengono utilizzati, per il trattamento dei *file* audio che contengono unità di tipo Parentetico, i *software* WinPitch e Praat. Vengono analizzati i seguenti aspetti: quantità di unità di Parentetico per tipologia testuale; variazione della F0 e della velocità dell'unità in rapporto al resto dell'enunciato, a partire dalle misurazioni della media di F0 e della velocità del parlato nella produzione dell'unità di Parentetico e nelle unità anteriori e posteriori ad essa; profili intonativi; distribuzione; estensione; natura di tipo verbale o avverbiale. I risultati indicano che l'applicazione della Teoria della Lingua in Atto al portoghese brasiliano può rendere possibile la comprensione di aspetti importanti della struttura del parlato, ed allo stesso tempo mostrano la necessità di studi futuri più approfonditi sull'unità di Parentetico, il che richiede un *subcorpus* maggiore; necessità, questa, ancor più pressante in considerazione dell'attuale insufficienza di studi sulla struttura informativa del parlato spontaneo del portoghese brasiliano secondo un approccio intonativo, in special modo sull'unità di Parentetico. Si presenta quindi la possibilità di dare continuità ai lavori già esistenti per le altre lingue e di effettuare paragoni con esse.

Parole-chiave: Parentetico, Lingua in Atto, C-ORAL-BRASIL, aspetti strutturali

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Ilocução de pergunta.....	14
Figura 2 -	Ilocução de resposta.....	15
Figura 3 -	Ilocução de ordem.....	15
Figura 4 -	Sequência de enunciados sem pausa.....	20
Figura 5 -	Enunciado realizado com pausa.....	21
Figura 6 -	Enunciado simples e enunciado complexo.....	22
Figura 7 -	Unidade de Comentário com valor ilocucionário de asserção.....	25
Figura 8 -	Unidade de Tópico seguida por um Comentário de asserção.....	26
Figura 9 -	Unidade de Comentário seguida por um Apêndice de Comentário.....	28
Figura 10 -	Unidade de Tópico escansionada seguida por um Apêndice de Tópico e uma unidade de Comentário escansionada.....	29
Figura 11 -	Unidade de Comentário seguida por um Parentético.....	30
Figura 12 -	Unidade de Parentético interna ao enunciado.....	31
Figura 13 -	Unidade de Introdutor Locutivo seguida por um Comentário.....	32
Figura 14 -	Unidades de Escansão em um Parentético ou Parentético escansionado.....	33
Figura 15 -	Unidade de Incipitário seguida por um Comentário.....	35
Figura 16 -	Comentário seguido por uma unidade de Conativo.....	36
Figura 17 -	Comentário seguido por uma unidade de Fático.....	37
Figura 18 -	Comentário seguido por uma unidade de Alocutivo.....	38
Figura 19 -	Unidade de Comentário com ilocução de chamamento.....	39
Figura 20 -	Unidade de Expressivo seguida por um Comentário.....	40
Figura 21 -	Unidade de Conector Textual seguida por um Comentário.....	41
Figura 22 -	Comentários Múltiplos com ilocuições de elenco.....	44
Figura 23 -	Comentários Múltiplos com ilocuições de comparação.....	45
Figura 24 -	Discurso Reportado.....	46
Figura 25 -	Comentários Ligados.....	49
Figura 26 -	Espectrograma relativo a fragmento do diálogo “obra no sítio”.....	81
Figura 27 -	Imagem da tela do <i>software</i> WinPitch com texto alinhado e etiquetado.....	88
Figura 28 -	Imagem da tela do <i>software</i> WinPitch com enunciados etiquetados em tabela à esquerda, perfis entonacionais à direita e enunciados alinhados na parte inferior.....	89
Figura 29 -	Imagem da folha Excel com enunciados etiquetados e relativas medidas.....	89
Figura 30 -	Unidade de Comentário interrompida por um Parentético.....	98
Figura 31 -	Parentético em final de enunciado.....	99
Figura 32 -	Parentético interno ao enunciado.....	100
Figura 33 -	Ilocução de tipo diretivo com modalidade deôntica.....	111
Figura 34 -	Ilocução de tipo assertivo com modalidade deôntica.....	111
Figura 35 -	Percentual de índices lexicais de modalidade nas unidades informacionais modalizadas.....	112
Figura 36 -	Enunciado com dois Parentéticos, em posição interna e contíguos.....	118
Figura 37 -	Parentético em final de enunciado.....	119
Figura 38 -	Parentético interno ao enunciado.....	120
Figura 39 -	Enunciado com três Parentéticos, em posição interna e contíguos.....	122
Figura 40 -	Parentético interno ao enunciado.....	123
Figura 41 -	Parentético escansionado interno ao enunciado.....	124
Figura 42 -	Parentético interno ao enunciado.....	125
Figura 43 -	Parentético escansionado interno ao enunciado.....	126
Figura 44 -	Parentético escansionado interno ao enunciado.....	127
Figura 45 -	Enunciado com quatro Parentéticos, em posição interna e contíguos.....	128
Quadro 1 -	Padrão prosódico vs padrão informacional.....	23
Quadro 2 -	Repertório de atos ilocutórios.....	52
Quadro 3 -	Faixas socioculturais no C-ORAL-ROM e no C-ORAL-BRASIL.....	57

LISTA DE TABELAS

- 1 - Variações de F0, velocidade e perfis entonacionais das unidades de Parentético presentes na amostra do PB.....129
- 2 - Aspectos estruturais das unidades de Parentético presentes na amostra do PB.....135

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALL	Alocutivo
AP	Apêndice
APC	Apêndice de Comentário
APT	Apêndice de Tópico
CMM	Comentários Múltiplos
COB	Comentários Ligados
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COM	Comentário
CON	Conativo
EMP	<i>Empty</i>
EXP	Expressivo
F0	Frequência Fundamental
ILC	Introdutor Locutivo
INP	Incipitário
INT	Introdutor Locutivo
INX	Parentético (Inciso)
LABLITA	<i>Laboratorio Linguistico del Dipartimento di Italianistica dell'Università di Firenze</i>
PAR	Parentético
PB	Português do Brasil
PHA	Fático
PoS	<i>Part of Speech</i>
RPC	<i>Reduced Parenthetical Clause</i>
SCA	Unidade de Escansão
SN	Sintagma Nominal
SP	Sintagma Preposicional
TMP	Tomada de Tempo
TOP	Tópico
TXC	Conector Textual
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

LISTA DE SÍMBOLOS

(@)	linha de metadados
(*)	início de turno
(%)	início de linha dependente
(ABC)	identificação do informante
(//)	quebra entonacional terminal; fim de enunciado
(/)	quebra entonacional não-terminal; fim de unidade tonal interna ao enunciado
(+)	enunciado interrompido
(<>)	sobreposição de fala
([/n°])	<i>retracting</i> ou falha na execução do enunciado
(&)	início de palavra interrompida
(&he)	hesitação ou silêncio preenchido
(" ")	citação
(hh)	comportamento paralingüístico
(xxx)	palavra ininteligível
(yy)	palavra censurada
(yyyy)	trecho de áudio não-transcrito

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Delimitação do objeto e objetivos.....	11
1.2	Justificativa.....	12
1.3	Organização da dissertação.....	12
2	A TEORIA DA LÍNGUA EM ATO	13
2.1	O enunciado.....	13
2.2	A força ilocucionária.....	13
2.3	Fala e enunciado vs escrita e frase.....	16
2.4	Enunciados simples e complexos.....	21
2.5	As unidades informacionais.....	24
2.5.1	Unidades informacionais textuais.....	24
2.5.1.1	Comentário.....	24
2.5.1.2	Tópico.....	25
2.5.1.3	Apêndice.....	27
2.5.1.4	Parentético.....	29
2.5.1.5	Introdutor Locutivo.....	31
2.5.1.6	Unidade de Escansão.....	32
2.5.2	Unidades informacionais dialógicas.....	34
2.5.2.1	Incipitário.....	34
2.5.2.2	Conativo.....	35
2.5.2.3	Fático.....	36
2.5.2.4	Alocutivo.....	37
2.5.2.5	Expressivo.....	39
2.5.2.6	Conector Textual.....	40
2.6	A perda do isomorfismo.....	41
2.6.1	Comentários Múltiplos (CMM).....	42
2.6.2	Discurso Reportado.....	45
2.6.3	Estrofe.....	46
2.6.3.1	Características da Estrofe.....	47
2.6.3.2	Comentários Ligados (COB).....	48
2.6.4	Atos de Fala e Língua em Ato.....	50
2.6.4.1	O esquema dos Atos de Fala.....	50
2.6.4.2	O esquema da Língua em Ato.....	50
3	O C-ORAL-BRASIL	55
3.1	Apresentação.....	55
3.2	A variação diafásica.....	57
3.3	O cabeçalho.....	59
3.4	As gravações.....	61
3.5	As transcrições.....	63
3.6	Os critérios de transcrição.....	65
3.6.1	Os critérios não-ortográficos.....	68
3.6.1.1	Fenômenos gerais.....	68
3.6.1.1.1	Ruídos paralingüísticos.....	68
3.6.1.1.2	Letras do alfabeto e números.....	68
3.6.1.1.3	Siglas e acrônimos.....	69
3.6.1.1.4	Palavras estrangeiras e erros de pronúncia.....	69
3.6.1.1.5	Títulos e citações.....	70
3.6.1.2	Fenômenos de aférese.....	70
3.6.1.3	Fenômenos relativos a verbos.....	70
3.6.1.3.1	Formas dos verbos <i>estar, ir, vir, ter, poder</i> e <i>deixar</i>	70
3.6.1.3.2	Primeira pessoa do plural, formas não-padrão e paradigmas reduzidos.....	71
3.6.1.3.3	Perífrases aspectuais e formas seriais.....	71
3.6.1.3.4	A forma <i>tó</i>	72
3.6.1.4	Fenômenos relativos ao sistema pronominal e preposicional.....	72
3.6.1.4.1	Cliticização do pronome sujeito.....	72

3.6.1.4.2	Os pronomes demonstrativos.....	73
3.6.1.4.3	As preposições.....	73
3.6.1.4.4	Combinações de preposições e pronomes.....	73
3.6.1.4.5	Os pronomes interrogativos, os relativos e os pseudo-relativos.....	74
3.6.1.5	Marca de plural, exclamações e onomatopéias.....	74
3.6.1.5.1	Marca de plural.....	74
3.6.1.5.2	Exclamações para afirmar ou negar.....	75
3.6.1.5.3	Exclamações com vogais.....	75
3.6.1.5.4	Exclamações religiosas.....	75
3.6.1.5.5	Onomatopéias.....	76
3.6.1.6	Outros fenômenos.....	76
3.6.1.6.1	Negações.....	76
3.6.1.6.2	Diminutivos.....	76
3.6.1.6.3	<i>Senhor</i> e <i>senhora</i>	77
3.6.1.6.4	O intensificador <i>mó</i>	77
3.6.1.6.5	Rotacismo.....	77
3.7	A segmentação.....	77
3.8	O processo de transcrição e segmentação e sua validação estatística.....	81
3.9	O <i>subcorpus</i> : da composição à etiquetagem informacional.....	85
4	A UNIDADE DE PARENTÉTICO (PAR)	91
4.1	Visão geral.....	91
4.2	Parentético na Teoria da Língua em Ato.....	93
4.2.1	Funções.....	95
4.2.2	Distribuição.....	97
4.2.3	Características prosódicas.....	97
4.2.4	Características morfossintáticas e lexicais.....	100
4.2.5	Parentético e Estrofes.....	102
4.2.6	Parentético e modalidade.....	104
4.2.6.1	A modalidade na Teoria da Língua em Ato.....	104
4.2.6.1.1	A modalidade e a unidade informacional de Parentético no PB.....	113
5	A UNIDADE DE PARENTÉTICO NO PB: UM ESTUDO PRELIMINAR	115
5.1	Apresentação.....	115
5.2	Análises acústicas.....	115
5.2.1	Diálogos.....	117
5.2.2	Monólogos.....	121
5.2.3	Síntese dos resultados.....	129
5.3	Alguns aspectos estruturais.....	131
5.3.1	Diálogo.....	131
5.3.2	Monólogos.....	132
5.3.3	Síntese dos resultados.....	135
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
	REFERÊNCIAS	139
	ANEXO A	147

1 INTRODUÇÃO

1.1 Delimitação do objeto e objetivos

Propõe-se nesta dissertação um estudo preliminar sobre a unidade informacional de Parentético na fala espontânea do português do Brasil (PB), predominantemente na diatopia de Minas Gerais, à luz da Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000). Nesse quadro teórico, através de parâmetros entonacionais, a fala pode ser segmentada em enunciados (unidades dotadas de autonomia pragmática), e estes em unidades tonais, que correspondem a unidades informacionais.

O estudo tem como objetivos apresentar as análises acústicas realizadas para a unidade de Parentético quanto à variação da sua F0 (frequência fundamental)¹ e da sua velocidade em relação ao restante do enunciado (por meio de medições da média de F0 e da velocidade de fala na unidade de Parentético e nas unidades anteriores e posteriores a ela), os perfis entonacionais da unidade verificados na amostra e alguns de seus aspectos estruturais.

O trabalho se baseia em uma amostra de quatro textos extraída do C-ORAL-BRASIL, *corpus* de fala espontânea do português brasileiro idealizado segundo a mesma arquitetura dos *corpora* integrantes do C-ORAL-ROM – para português europeu, italiano, francês e espanhol –, nos quais se privilegia a variação diafásica de modo a se obter a maior variedade de ilocuições e de estruturações informacionais da fala. O projeto foi iniciado na Universidade Federal de Minas Gerais em 2007, sob a coordenação dos Professores Tommaso Raso e Heliana Mello, a partir de um acordo entre a Faculdade de Letras da UFMG e a Facoltà di Lettere dell'Università di Firenze, o qual prevê a colaboração para a realização do *corpus* do português brasileiro e estudos interlingüísticos da estrutura informacional da fala.

¹ Frequência de vibração das pregas vocais ao passar por elas o ar que sai dos pulmões.

Participei ativamente de todo o processo de compilação do *corpus*, realizando gravações, contribuindo para a elaboração de critérios de transcrição, transcrevendo, segmentando, revisando textos e etiquetando informacionalmente aqueles que iriam compor o *subcorpus* selecionado para estudos. Para todas essas etapas foram necessários treinamentos específicos.

1.2 Justificativa

Acredita-se que a presente pesquisa se justifica devido à atual insuficiência de estudos sobre a estrutura informacional da fala espontânea do PB e em específico sobre a unidade de Parentético. A relevância deste trabalho é reforçada pelo fato de que o mesmo dará continuidade aos trabalhos sobre a unidade já existentes para o italiano, possibilitando a comparabilidade do PB com esta língua, como também com as outras línguas românicas integrantes do projeto europeu.

1.3 Organização da dissertação

Além desta primeira seção introdutória, a dissertação está dividida em outras cinco seções. Na segunda, é apresentada a Teoria da Língua em Ato, arcabouço teórico desta pesquisa, como já dito; na terceira, descreve-se o *corpus* C-ORAL-BRASIL e todo o trabalho e os esforços envolvidos na sua compilação; a quarta seção promove um aprofundamento da descrição da unidade de Parentético por meio da apresentação de vários estudos já realizados para a mesma; a quinta seção apresenta um estudo preliminar da unidade no PB, sendo primeiramente apresentadas a metodologia empregada nas análises acústicas e a discussão dos dados obtidos por meio destas e, na seqüência, alguns aspectos estruturais das unidades investigadas e relativas observações; na sexta e última seção fazem-se algumas considerações finais acerca da possibilidade de realização de futuros estudos sobre a unidade.

2 A TEORIA DA LÍNGUA EM ATO

2.1 O enunciado

A Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000)² fundamenta-se na correspondência entre unidade de ação e unidade lingüística (enunciado), através de parâmetros entonacionais³. Tal correspondência admite a segmentação do discurso em unidades mínimas, os enunciados, capazes de veicular uma ilocução. Nesse quadro teórico, o enunciado é tido como a “contraparte lingüística da ação”, isto é, a contraparte lingüística do ato ilocutório, e é interpretável pragmaticamente em autonomia. Isso significa, por exemplo, que um enunciado não precisa necessariamente apresentar autonomia semântica ou sintática, podendo, inclusive, ser composto simplesmente por uma interjeição, desde que entoadado de maneira a cumprir uma ilocução, ou seja, uma intencionalidade comunicativa interpretável pragmaticamente.

A identificação dos enunciados se realiza através de uma quebra entonacional percebida como tendo valor terminal, conforme a perspectiva teórica da Fonética Perceptual (t'HART; COLLIER; COHEN, 1990). A cada enunciado, unidade mínima de significado pragmático, corresponde uma única ilocução, uma intencionalidade do falante. Disso decorre uma relação de biunivocidade entre enunciado e ilocução, com uma interface entonacional.

2.2 A força ilocucionária

O tipo de força ilocucionária não está subordinado ao conteúdo locutivo, uma vez que se pode ter o mesmo conteúdo locutivo veiculando diferentes ilocuições, como podem existir diferentes conteúdos locutivos realizados de maneira a veicular a mesma ilocução. Desse modo, a curva entonacional, juntamente com parâmetros pragmáticos, cognitivos e semiológicos, é que permitirá ao interlocutor identificar a intencionalidade

² Para um resumo da teoria e uma primeira aplicação ao PB, veja-se Raso *et al.* (2007); Ulisses (2008) e Alves de Deus (2008). Baseados no mesmo substrato teórico, vários trabalhos foram publicados ou estão em preparação, dentre os quais Maia Rocha, Raso e Andrade (2008); Raso e Goulart (no prelo); Raso e Mello (no prelo, 2010) e Mota (em preparação).

³ A entonação está relacionada à estrutura informacional do enunciado, desempenhando papel decisivo na organização da fala e complementando a mensagem, podendo veicular informação não indicada no conteúdo verbal.

em um determinado conteúdo locutivo produzido. A realização de ilocuções de maneiras diferentes, através de diversos padrões entonacionais, pode veicular estruturas informacionais distintas.

Exemplos:

***XYZ: vai pra Roma //COM=**⁴

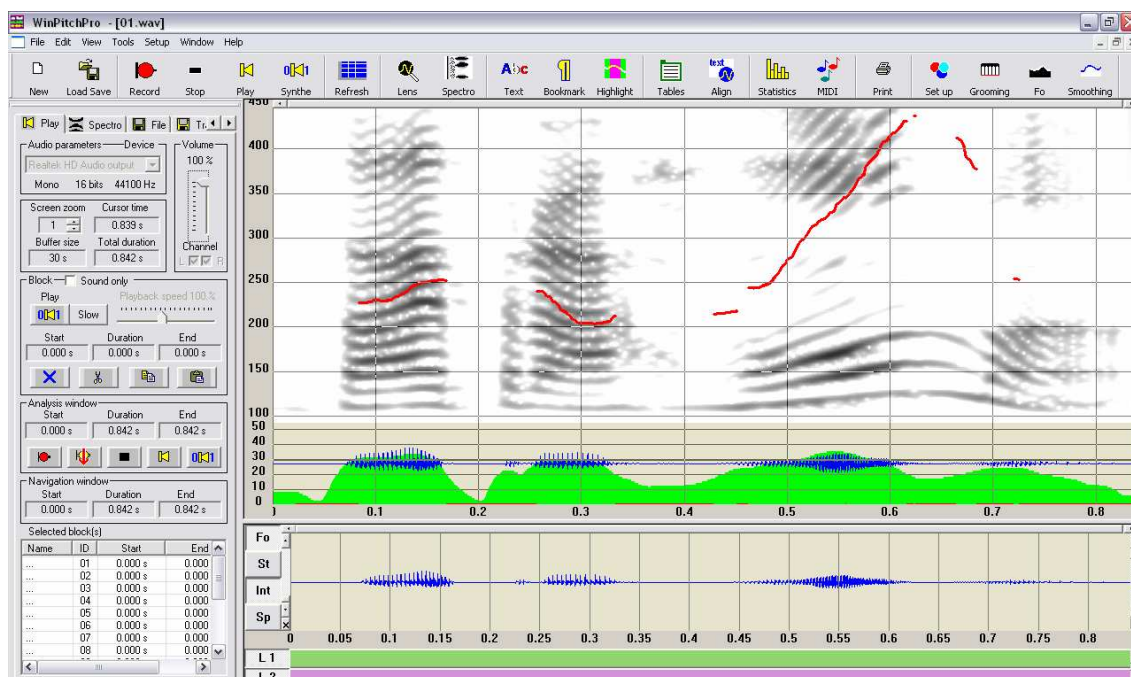


FIGURA 1 - Ilocução de pergunta (CD, arquivo 01)⁵

⁴ O asterisco (*) indica início de turno. A primeira sigla composta de três letras maiúsculas (XYZ) identifica o falante. O significado da sigla COM será explicitado ao final desta subseção, e o da barra dupla (//), na subseção 2.4.

⁵ A figura 1 mostra a imagem da tela do *software* WinPitch (<http://www.winpitch.com/>), utilizado para as análises prosódicas desenvolvidas neste trabalho. O programa é distribuído como *shareware* para 30 dias de uso restrito sem a licença. Suas funções e recursos estão descritos nos textos de autoria do seu criador, Philippe Martin, os quais vêm indicados na seção “Referências”. As instruções para baixar o *software* estão disponíveis no CD anexo a este trabalho, bem como os arquivos de áudio relativos a cada enunciado, conforme indicado ao longo do texto.

*XYZ: vai pra Roma // =COM=

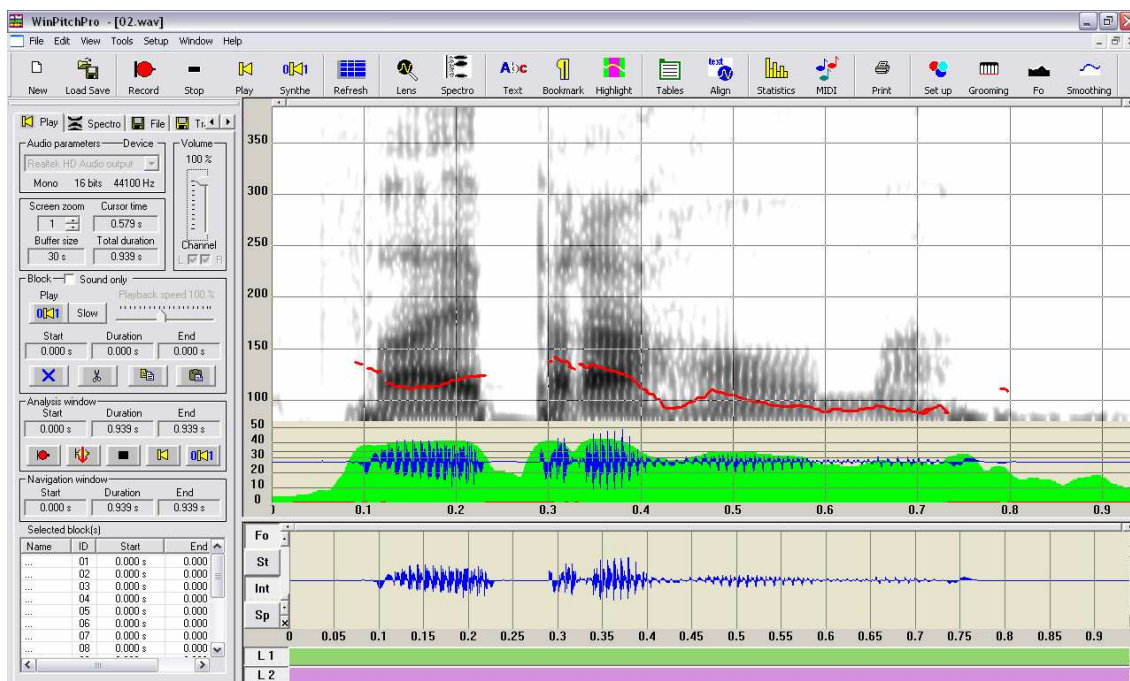


FIGURA 2 - Ilocução de resposta (CD, arquivo 02)

*XYZ: vai pra Roma // =COM=

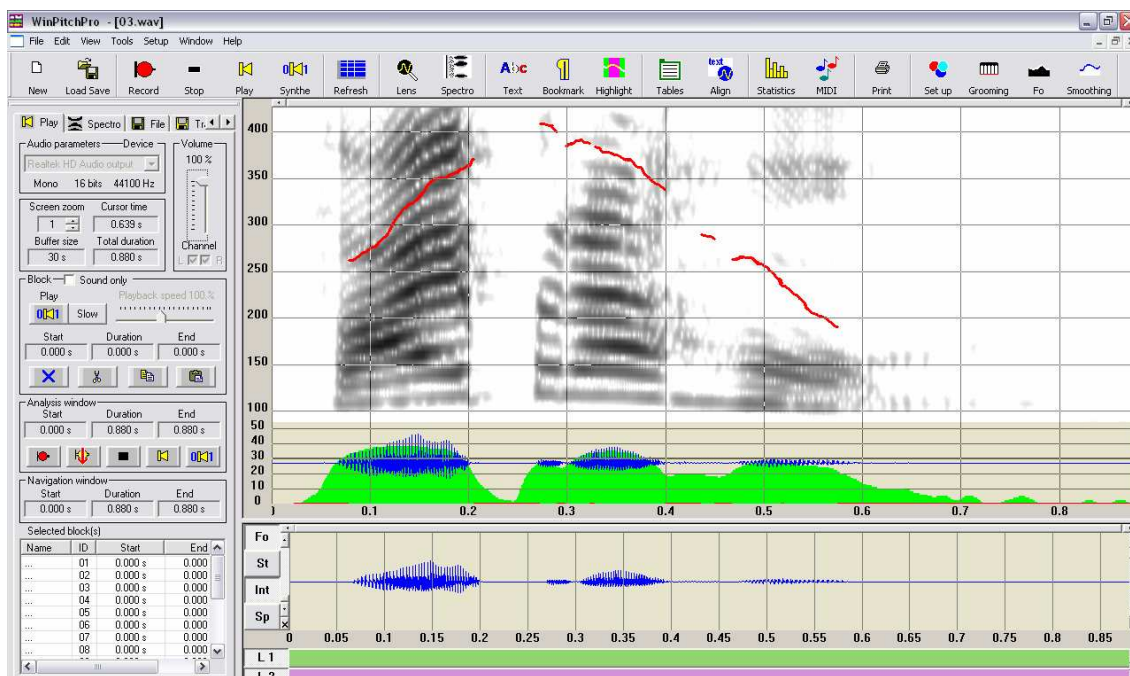


FIGURA 3 - Ilocução de ordem (CD, arquivo 03)

É a entonação que permite ao interlocutor identificar a atitude do locutor por meio de um determinado conteúdo locutivo. O interlocutor não atribui valor funcional às

diferenças microprosódicas que participam das curvas de diferentes conteúdos locutivos com a mesma força ilocucionária, mas somente identifica as diferentes ilocuições.

A identificação das formas de articulação de um enunciado é alcançada através da percepção dos diferentes perfis entonacionais, aos quais se atribui um valor funcional. Se um enunciado é executado em uma única unidade tonal, esta corresponde à unidade informacional de Comentário, necessária e suficiente para o cumprimento da ilocução. É o que se tem nos exemplos supra, em que a unidade é indicada pela sigla COM.

2.3 Fala e enunciado vs escrita e frase

A faculdade de falar pressupõe a habilidade de manifestar conteúdos de pensamento através de sinais físicos externos (ondas sonoras) que são convencionalmente codificados segundo um sistema lingüístico específico para que sejam comunicados a outros seres humanos. Pressupõe, pois, pensamento, comunicação e competência em um determinado sistema lingüístico.

O meio e o canal da comunicação, a modalidade de troca e a relação com a situação são caracteres distintivos na comunicação falada e na comunicação escrita.

Em relação ao primeiro aspecto – meio e canal da comunicação –, na língua falada tem-se o sinal sonoro e o ar como canal, e na escrita há o sinal visual e vários suportes estáveis como canais. Na fala espontânea a possibilidade de elaboração é bem mais restrita do que na comunicação escrita.

Quanto à modalidade de troca, falante e ouvinte estão face a face e interagem, enquanto escritor e leitor estão distantes e portanto sem interagir. Assim, o ouvinte reage à situação e às intervenções do falante, enquanto o escritor concebe a mensagem para que seja compreendida por possíveis futuros leitores. Na fala espontânea o falante não dispõe de tempo para programar sua mensagem, nem pode apagá-la ou corrigi-la, ao contrário do que ocorre com o escritor, ao qual se apresentam todas essas possibilidades. Na fala o desenvolvimento da interação é imprevisível, devido à participação ativa de todos os interlocutores, enquanto na escrita existe um plano que se desenvolve sob o controle do escritor.

No que concerne à relação com a situação, falante e ouvinte compartilham tempo e espaço, enquanto escritor e leitor podem estar separados temporal e espacialmente. O compartilhamento do conhecimento na comunicação falada é provável, sendo incerto na escrita.

Modalidade da troca e relação com a situação têm conseqüências relevantes na estruturação da fala e da escrita. Na linguagem falada, há um comportamento dinâmico entre os interlocutores, enquanto na escrita há a composição de textos destinados a possíveis leitores. Também o conteúdo mental da fala espontânea e da escrita apresenta algumas diferenças: as imagens, que são sempre o conteúdo de cada realização lingüística, podem mudar da fala espontânea para a escrita, passando de sensações e pensamentos inconscientes para os pensamentos verbais mais conscientes que geralmente são característicos da escrita. Diz-se, assim, que o conteúdo mental da fala espontânea é tendencialmente afetivo, e interessa principalmente descobrir que tipo de implicações lingüísticas tem o fato de que uma língua é realizada como variedade falada.

Os dados do C-ORAL-ROM revelam que na fala, comparativamente à escrita, há mais formas das classes vazias (classes gramaticais, funcionais, marcadores discursivos, interjeições) do que das classes semanticamente plenas (nomes, verbos, adjetivos, advérbios). Ainda no âmbito da fala há uma proporção verbal predominante, o que parece ser devido à existência de um contexto, que elimina a necessidade de descrições, e à presença dos interlocutores, que elimina a necessidade de explicitá-los.

A literatura freqüentemente avalia a sintaxe da fala em termos de redução de complexidade se comparada à escrita. Dado que a escrita deriva da fala, o correto seria tomar a fala como ponto de partida, ou seja, tomar o que é próprio da fala e não o que a fala não apresenta em relação à escrita.

Na fala, expressões com estruturas as mais diversas, freqüentemente não-oracionais e desprovidas de verbo, são operativas do ponto de vista comunicativo. Isso parece acontecer especialmente para a língua falada. Sendo assim, o que deve ser buscado é uma unidade que “funcione” para a fala, independentemente de configurações sintáticas, uma unidade que possa ser considerada como a unidade de referência da fala.

Existe um amplo acordo em identificar o enunciado (*utterance*, em inglês) como essa unidade de referência, já que é evidente para os estudiosos que trabalham com *corpora* de fala que a frase, definida sintaticamente, não é uma unidade apropriada para a análise da fala. Enunciado é cada expressão que, independentemente de sua configuração sintática, comporta-se como uma entidade autônoma comunicativamente, equivalente a um ato de fala, como será explicitado no decorrer do presente trabalho.

Se a entidade de referência da fala é o enunciado, que corresponde à contraparte lingüística de uma ação, ou seja, a um ato de fala, a frase é a entidade de referência da escrita, baseada na predicação e devendo possuir autonomia semântica e sintática.

As concepções propostas pela Teoria da Língua em Ato se diferenciam das acepções das abordagens tradicionais. Cresti apregoa que os critérios a serem empregados na distinção entre enunciado e frase são a variedade diamésica, a interpretabilidade pragmática e a completude semântica.

Em relação à variedade diamésica, o enunciado é a entidade característica da diamesia falada, enquanto a frase⁶ é a entidade característica da diamesia escrita. O princípio de organização da fala é pragmático-ilocutório, fundamentado no enunciado. Ao contrário, na variedade diamésica escrita o texto é organizado sob o princípio lógico-sintático, fundamentado na frase.

Quanto à interpretabilidade pragmática e à completude semântica, o enunciado é caracterizado como um tipo de expressão interpretável pragmaticamente, realizado entonacionalmente. Já a frase é caracterizada como um tipo de expressão interpretável sintática e semanticamente, independentemente do contexto de realização, e, contrariamente ao enunciado, necessita de uma predicação. Dessa maneira, a identificação do enunciado é realizada prosodicamente através da percepção, sendo o interlocutor capaz de identificar quebras entonacionais perceptíveis como terminais, que sinalizam a conclusão de um enunciado. Ao mesmo tempo, o interlocutor é capaz de identificar um outro tipo de variação melódica, interna ao enunciado, caracterizada

⁶ De acordo com Cresti, a força ilocucionária somente está presente na fala, porque se realiza a partir de uma atitude afetiva, uma pulsão – algo que não é controlado –, ao passo que a escrita é sempre executada de forma controlada e planejada.

como quebra não-terminal, que tem a função de individualizar as diversas unidades informacionais que articulam o enunciado.

As características associadas ao enunciado justificam a sua escolha como unidade analítica fundamental na Teoria da Língua em Ato, pois ao considerá-lo como entidade de referência da diamesia falada, tornou-se possível identificar as ilocuções e explicitar os níveis de articulação informacional da fala espontânea de maneira completa e sistemática.

A tradicional definição de enunciado como seqüência existente entre dois silêncios, isto é, seqüência delimitada por pausas fortes, mostra-se inconsistente, uma vez que é possível realizar seqüências de enunciados sem qualquer ocorrência de pausas, como também é possível realizar um enunciado que contenha pausas fortes.

Exemplos:

*PAU: <mas> eu ã [2]=SCA= eu ã quero daquela altura //COM= eu quero daquela altura ali o' //COM=⁷

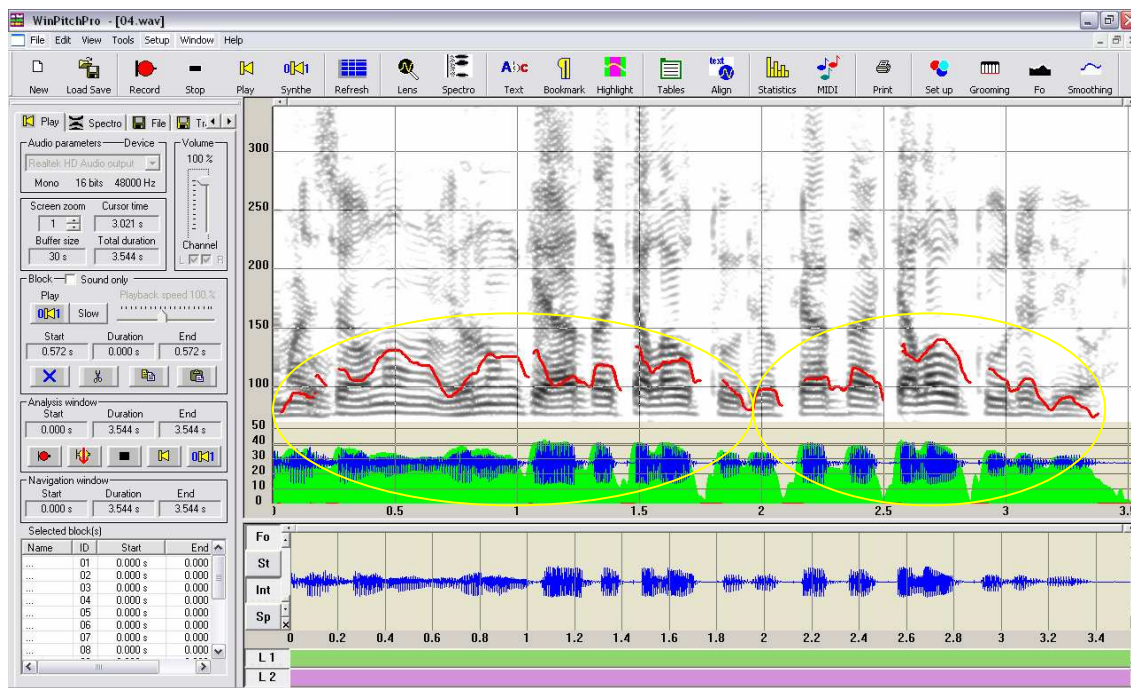


FIGURA 4 - Sequência de enunciados sem pausa (CD, arquivo 04)

Os enunciados estão delimitados por elipses amarelas. O ponto de contato entre as duas elipses sinaliza a fronteira final do primeiro enunciado e a fronteira inicial do segundo, fazendo notar a ausência de pausas entre eles.

⁷ Este exemplo e os seguintes são extraídos do corpus C-ORAL-BRASIL, ao qual é dedicada a seção 3 deste trabalho. Os colchetes angulares (< >) indicam sobreposição de fala. Os colchetes com uma barra simples interna seguida de um número ([/n°]) indicam *retracting* ou falha na execução do enunciado e o número de palavras anteriores aos colchetes que são canceladas pelo falante na retomada do texto. O significado da sigla SCA será explicitado na subseção 2.5.1.6.

*PAU: também uma carreira de pedra chatinha /=TOP= tem que pôr //=COM=⁸

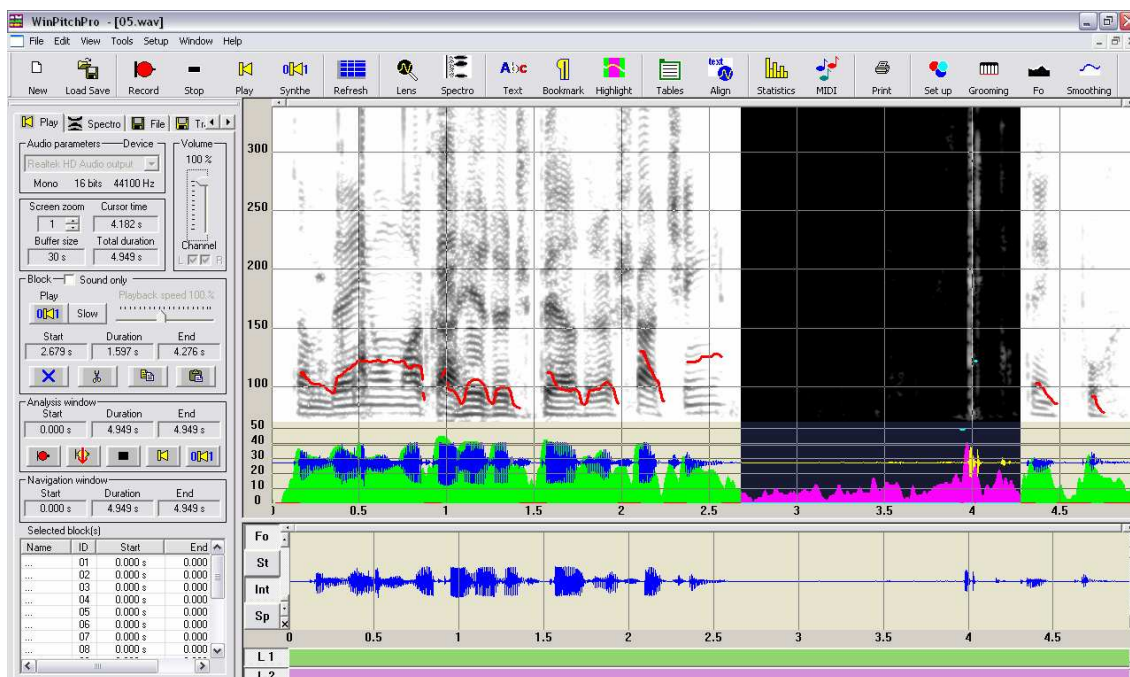


FIGURA 5 - Enunciado realizado com pausa (CD, arquivo 05)

A faixa preta vertical sinaliza uma pausa interna ao enunciado, com duração de 1,597s.

2.4 Enunciados simples e complexos

O enunciado pode ser simples, se executado em uma única unidade tonal, e complexo, se executado em mais unidades tonais. Cada unidade tonal veicula uma unidade informacional, acarretando uma relação também biunívoca, em princípio, entre unidade tonal e informacional. Segundo Cresti (2000), o interlocutor identifica as fronteiras entre as unidades (tonais e informacionais) a partir de quebras entonacionais percebidas como não-terminais.

Quebras prosódicas terminais sinalizam a conclusão de um enunciado e, portanto, de uma ação, ou seja, identificam os enunciados no *continuum* da fala, sendo representadas por uma barra dupla (//). Quebras não-terminais demarcam unidades tonais (e informacionais) internas ao enunciado e são representadas por uma barra simples (/).

⁸ O significado da barra simples (/) será explicitado na subseção 2.4, e o da sigla TOP, na subseção 2.5.1.2.

Veja-se o exemplo:

*MAI: o negócio é seguinte //COM= no norte de Minas /TOP= existia um [1]=SCA= um &s [2]=EMP= um /SCA= meio aparentado com a minha esposa //COM=⁹

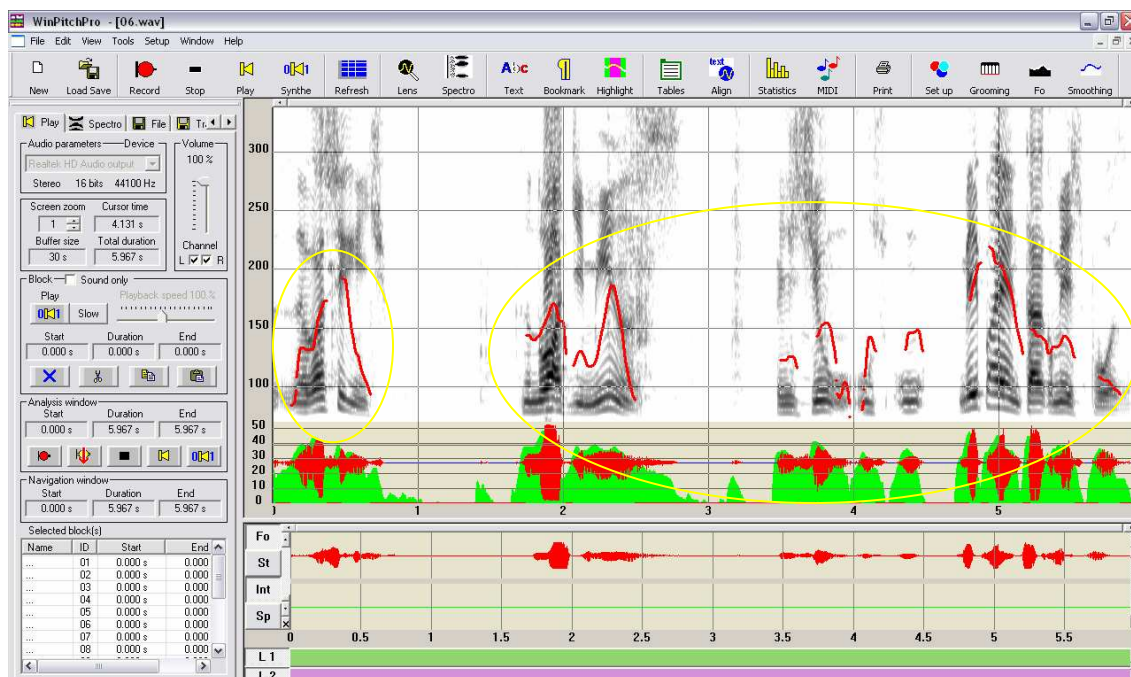


FIGURA 6 - Enunciado simples e enunciado complexo (CD, arquivo 06)

Na imagem acima, a primeira elipse sinaliza o enunciado simples, e a segunda, o enunciado complexo.

Somente um tipo de unidade informacional é obrigatória, porque veicula a força ilocucionária, e é denominada Comentário. As demais unidades informacionais são opcionais. Assim, os enunciados simples são compostos unicamente pela unidade informacional de Comentário, enquanto os complexos são constituídos, além da unidade de Comentário, de uma ou mais unidades, com a função não de transmitir a força ilocucionária, mas de construir um padrão informacional que auxilie a realização do Comentário.

O enunciado constituído de um padrão informacional simples tem a unidade tonal suficiente para a constituição desse padrão definida como unidade nuclear (*root*), ou,

⁹ A sigla EMP significa *empty* e se aplica a unidades tonais canceladas pelo falante por uma falha na execução do enunciado. “&” indica início de palavra interrompida.

informacionalmente, unidade de Comentário. Quando se constitui de um padrão informacional complexo, possui, além da unidade nuclear, outras unidades (*prefix*, *suffix* etc.) dedicadas ao cumprimento de funções outras que não a de veicular a força ilocucionária. Tanto os enunciados simples quanto os complexos podem ou não possuir verbo.

Veja-se o esquema do padrão prosódico proposto por t'Hart e o correspondente esquema do padrão informacional proposto por Cresti:

QUADRO 1
Padrão prosódico vs padrão informacional

Prosodic Pattern root		Information Pattern Comment	
(prefix)	(suffix)	(Topic)	(Appendix)
	(parenthesis)		(Parenthetical)
(incipit)	(phatic)	(Incipit)	(Phatic)

As unidades informacionais são identificáveis no enunciado por meio de três critérios: o critério funcional (função exercida pela unidade no enunciado), o critério entonacional (perfil entonacional característico de cada unidade) e o critério distribucional (posição da unidade no enunciado). É a junção dos três critérios que possibilita a criação de um parâmetro de identificação das unidades da fala.

A identificação dos diferentes perfis entonacionais é realizada através da análise dos movimentos da curva de F0, e de cada configuração melódica desses movimentos resulta um perfil característico ao qual é possível atribuir um valor funcional. As diferenças micromelódicas que caracterizam cada movimento a partir dos aspectos segmentais não são suficientes para levar a uma alteração do valor perceptivo da função de movimento que é determinado pelo núcleo.

2.5 As unidades informacionais

Conforme a Teoria da Língua em Ato, há dois tipos de unidades informacionais: textuais e dialógicas.

As primeiras são as que compõem o texto do enunciado propriamente dito. São elas:

- Comentário (COM)
- Tópico (TOP)
- Apêndice de Comentário (APC)
- Apêndice de Tópico (APT)
- Parentético (PAR)
- Introdutor Locutivo (INT)
- Unidade de Escansão (SCA)

As unidades informacionais dialógicas, por sua vez, não contribuem para a constituição semântica de um enunciado, mas se dedicam ao cumprimento pragmático desse enunciado. São elas:

- Incipitário (INP)
- Conativo (CON)
- Fático (PHA)
- Alocutivo (ALL)
- Expressivo (EXP)
- Conector Textual (TXC)

2.5.1 Unidades informacionais textuais

2.5.1.1 Comentário

O Comentário (COM)¹⁰, conforme já assinalado, é a única unidade necessária e suficiente à constituição de um enunciado porque carrega a força ilocucionária e lhe

¹⁰ Ver Firenzuoli (2000) e, para o PB, Ulisses (2008).

confere autonomia e interpretabilidade pragmáticas. Tem a função, pois, de cumprir um ato de fala, veicular uma intenção comunicativa. Entonacionalmente é uma unidade prosódica de raiz e pode possuir vários perfis, sempre com foco funcional, já que o perfil de tal unidade identifica o tipo de ilocução. Os perfis são determinados por características como posição do foco, forma da curva, *timing* etc. Tem distribuição livre no enunciado, e é em relação a essa unidade que é avaliada a distribuição das demais unidades do padrão informacional.

Exemplo:

***BAL: as recarregáveis tão aqui // =COM=**

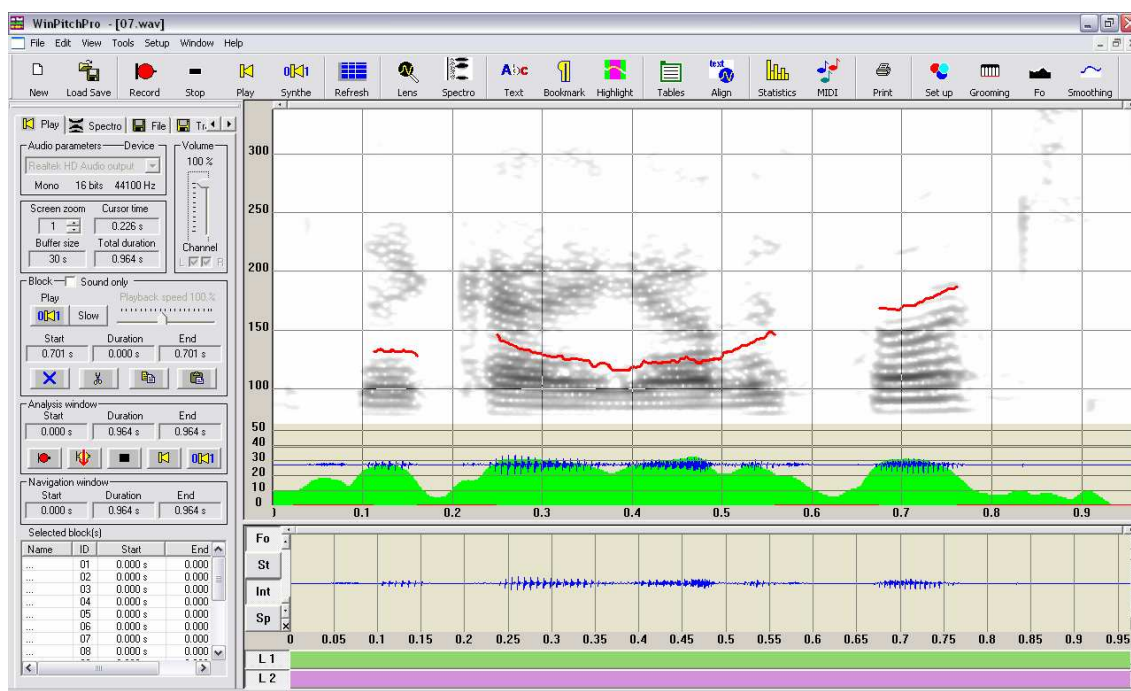


FIGURA 7 - Unidade de Comentário com valor ilocucionário de asserção (CD, arquivo 07)

2.5.1.2 Tópico

O Tópico (TOP)¹¹ se define funcionalmente como o âmbito de aplicação da força ilocucionária e delimita semanticamente a ação do Comentário. Independe de qualquer configuração sintática, mas deve indicar um domínio de identificação ao qual o Comentário se refere, ou seja, funcionalmente especifica no texto do enunciado o

¹¹ Ver Signorini (2004a, 2004b); Alves de Deus (2008) e Raso e Mello (no prelo).

domínio de relevância ao qual a força ilocucionária se refere. É a unidade mais importante de um padrão informacional complexo e é a única, além do Comentário, a possuir foco funcional, sempre à direita da unidade. Tem caráter opcional e é subordinada melodicamente ao Comentário, não sendo interpretável autonomamente. Estudos na língua italiana descrevem três formas entonacionais diferentes para esta unidade (CRESTI; FIRENZUOLI, 2002): a mais freqüente (55%) é caracterizada por um movimento ascendente-descendente; uma segunda forma (24%) apresenta movimento nivelado-ascendente; uma terceira forma (21%) possui movimento descendente-nivelado-ascendente. O foco funcional da unidade recai sobre a última sílaba tônica. Distribucionalmente, está sempre presente à esquerda do Comentário, mas não necessariamente no início de um enunciado ou em posição adjacente ao Comentário. É uma unidade bastante freqüente.

Exemplo:

*BAL: as recarregáveis /=TOP= tão aqui //=COM=

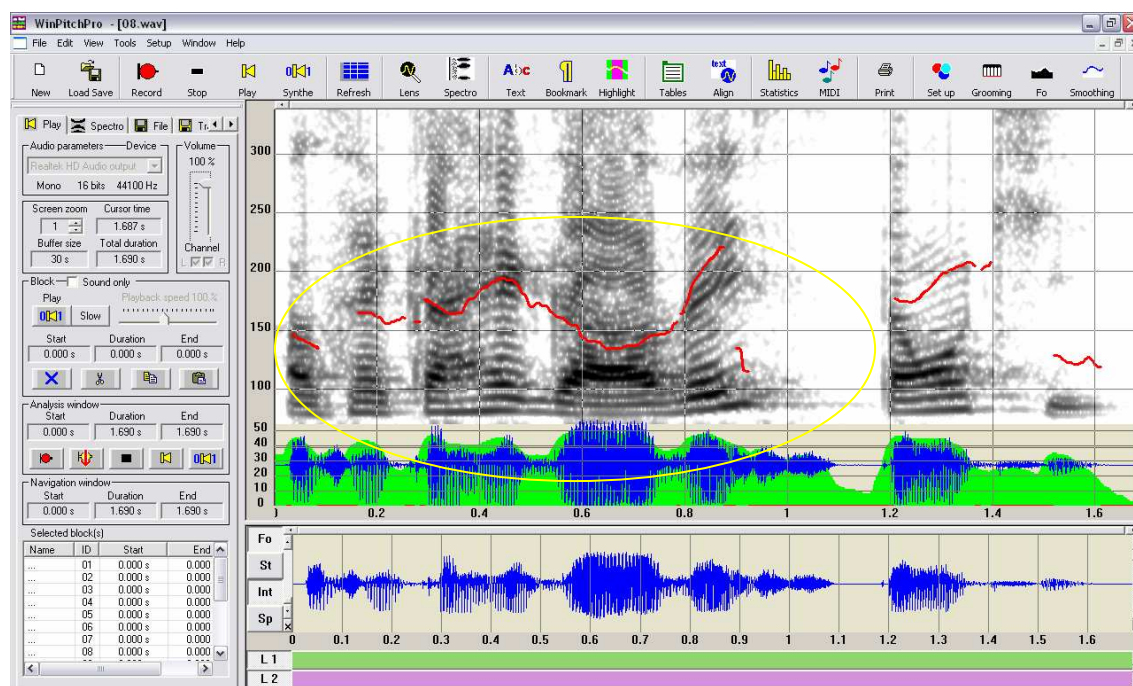


FIGURA 8 - Unidade de Tópico seguida por um Comentário de asserção (CD, arquivo 08)

Na imagem acima, a elipse amarela sinaliza a unidade de Tópico.

2.5.1.3 Apêndice

O Apêndice (AP)¹² é funcionalmente um elemento de integração textual das unidades de Comentário (APC) ou de Tópico (APT). De modo geral, sua principal função em termos informacionais é de mera compilação do texto. Entonacionalmente, ambos são destituídos de foco funcional, mas o Apêndice de Tópico, contrariamente ao Apêndice de Comentário, que possui um perfil nivelado ou descendente, pode possuir movimento e pode repetir o movimento apresentado pelo Tópico precedente, mas sem foco funcional. Assim, é uma unidade que se assemelha ao Tópico, mas que se escutada juntamente com o Comentário, percebe-se que o padrão prosódico não funciona. Distribucionalmente, ocupa necessariamente a posição após a unidade da qual é apêndice (Comentário ou Tópico). É uma unidade de sufixo, e sua ocorrência é sempre depois de uma unidade de raiz (COM) ou de uma unidade de prefixo (TOP). Dessa forma, se o Apêndice estiver ordenado no enunciado à direita da unidade de Comentário, será um Apêndice de Comentário; se à direita da unidade de Tópico, será um Apêndice de Tópico. Esta última é uma unidade rara, sobre a qual ainda não há um consenso.

¹² Ver Cresti e Firenzuoli (2002); Ulisses (2008) e Oliveira (2009).

Exemplos:

*BAL: as recarregáveis /=COM= tão aqui //APC=

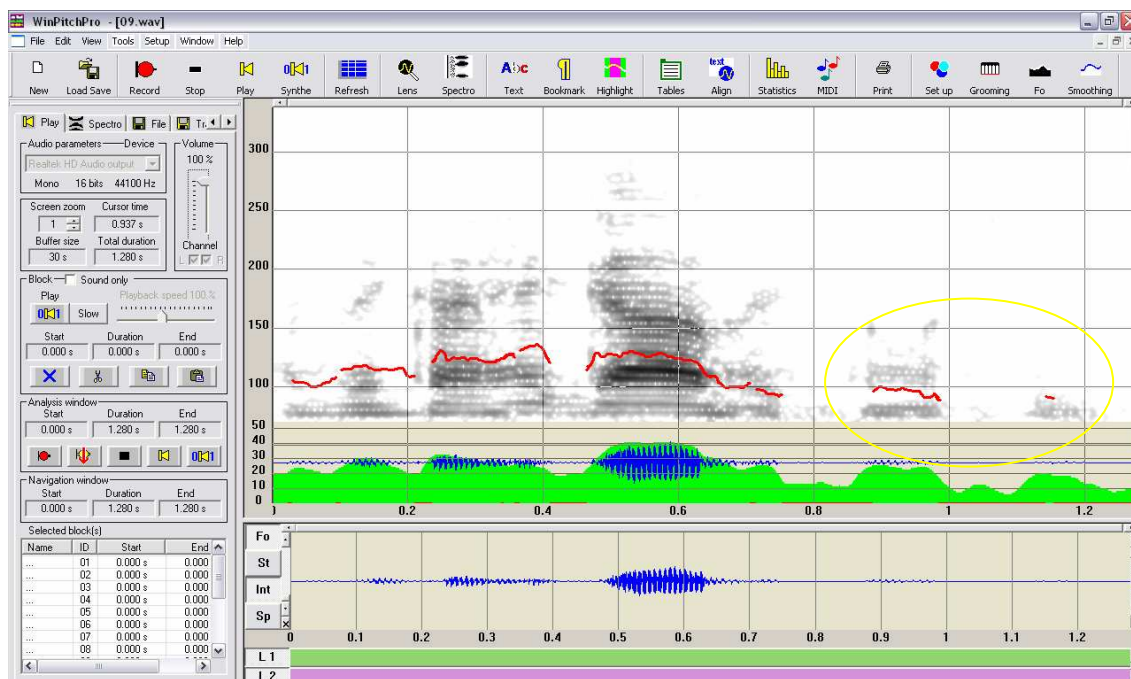


FIGURA 9 - Unidade de Comentário seguida por um Apêndice de Comentário (CD, arquivo 09)

Na imagem acima, a elipse amarela sinaliza a unidade de Apêndice de Comentário.

*CAR: como eu sou uma pessoa muito [/1]=SCA= muito /=SCA= fervorosa
 /=TOP= **acredito muito em Deus** /=APT= eu falei /=SCA= com Deus
 //COM=

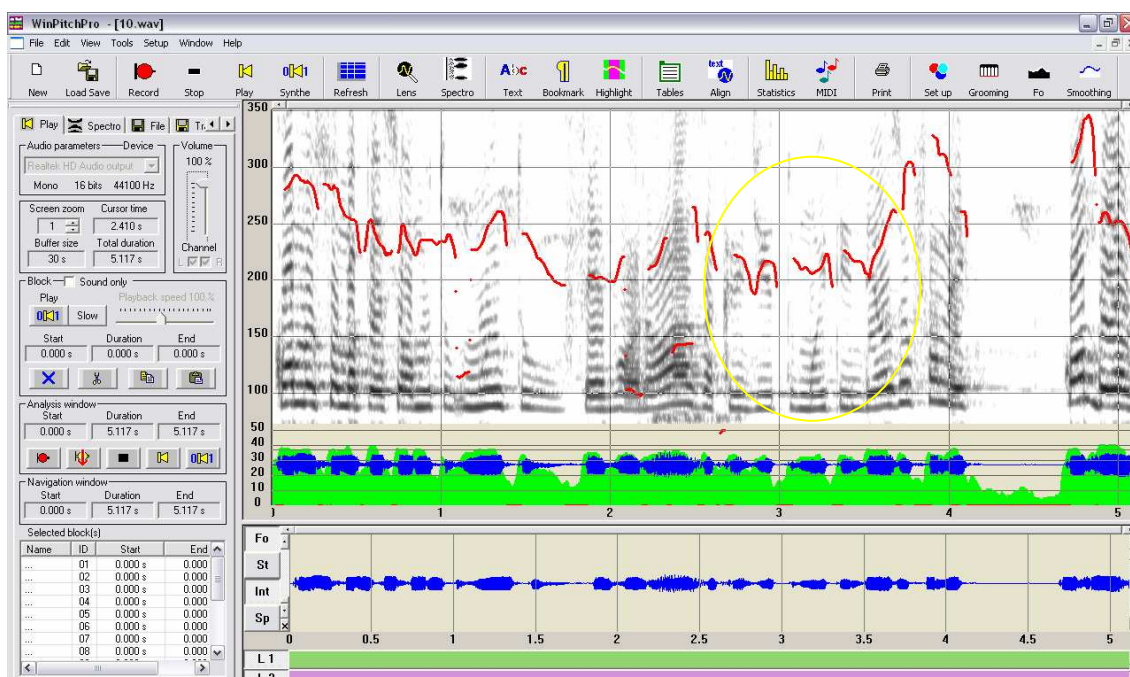


FIGURA 10 - Unidade de Tópico escansionada seguida por um Apêndice de Tópico e uma unidade de Comentário escansionada¹³ (CD, arquivo 10)

Na imagem acima, a elipse amarela sinaliza a unidade de Apêndice de Tópico.

Cresti nota que são muito freqüentes enunciados constituídos por uma unidade de Comentário e uma outra unidade tonal que não cumpre a função de delimitar o campo de aplicação da força ilocucionária, nem a de integração textual. São as unidades descritas na seqüência.

2.5.1.4 Parentético

O Parentético (PAR) é uma unidade textual que tem como domínio o enunciado como um todo ou parte dele e funcionalmente tem um valor metalingüístico. Serve como instrução sobre como interpretar o conteúdo proposicional e tem função modalizadora. Entonacionalmente possui um perfil prosódico uniforme ou descendente, podendo às vezes apresentar uma cauda tonal ascendente seguida de uma pausa, caracterizando-se também por um abaixamento ou, mais raramente, um aumento de F0 e, freqüentemente,

¹³ O conceito de unidade escansionada será explicitado na subseção 2.5.1.6.

por um aumento da velocidade de elocução. Distribucionalmente, pode ocorrer em todas as posições dentro do enunciado, exceto em seu início absoluto, e até dentro de uma outra unidade, inclusive dentro de outro Parentético.¹⁴

Exemplos:

*BEL: eles tavam num posto de gasolina /=COM= **eu acho** //PAR=

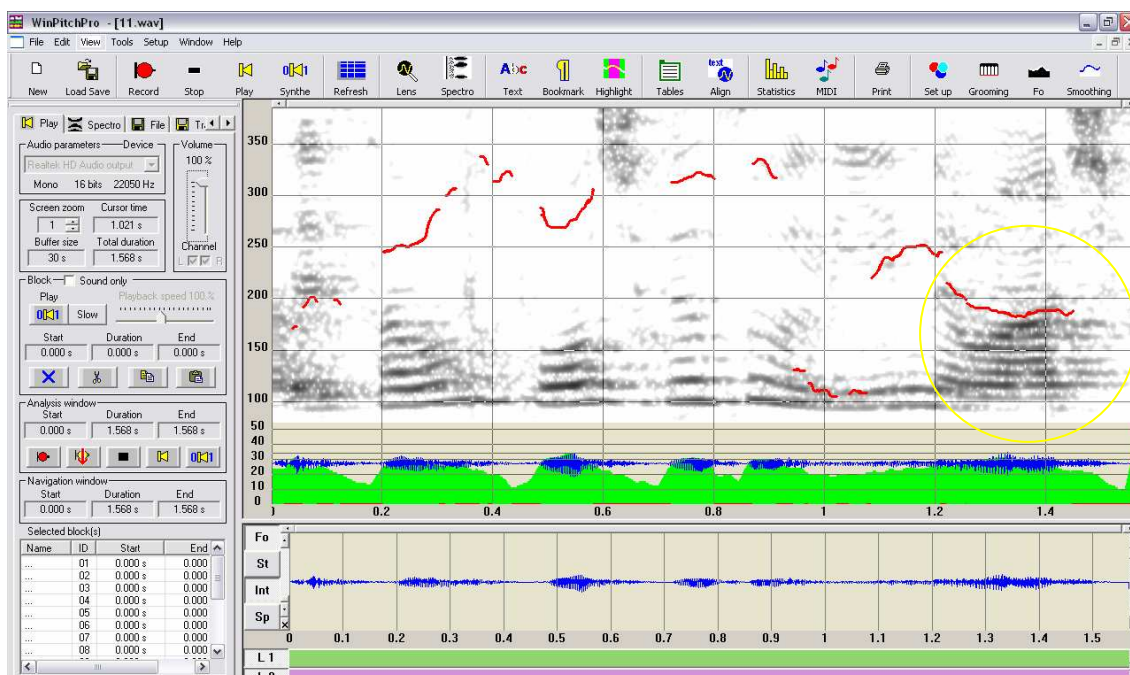


FIGURA 11 - Unidade de Comentário seguida por um Parentético (CD, arquivo 11)

Na imagem acima, a elipse amarela sinaliza a unidade de Parentético em final de enunciado.

¹⁴ A unidade de Parentético será aprofundada a partir da seção 4 do trabalho.

*CAR: e outra também /=COM= que /=TXC= quando nós fomos levar o papel do advogada lá pra assinar /=TOP= **que a advogada é que mexeu pra mim** /=PAR= ela ã queria assinar //COM=¹⁵

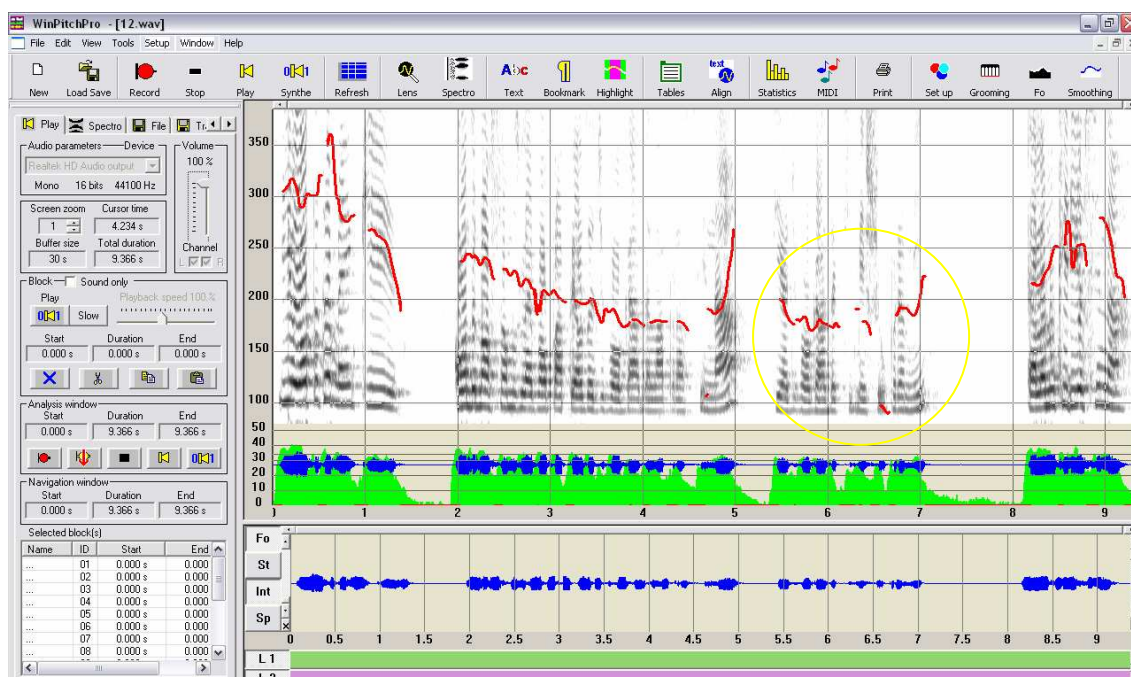


FIGURA 12 - Unidade de Parentético interna ao enunciado (CD, arquivo 12)

Na imagem acima, a elipse amarela sinaliza a unidade de Parentético com perfil entonacional nivelado e cauda tonal ascendente.

2.5.1.5 Introdutor Locutivo

O Introdutor Locutivo (INT)¹⁶ é uma unidade textual que sinaliza para o destinatário a suspensão pragmática do enunciado. Tem, pois, um valor metailocucionário, destacando-se das coordenadas *hic et nunc* da enunciação e anunciando uma suspensão pragmática do enunciado em casos de exemplificações, elencos, comparações, instruções e discurso reportado. Entonacionalmente o perfil dessa unidade informacional pode variar, mas sua F0 é quase sempre mais baixa do que a da metailocução introduzida; importa o contraste entre a F0 do Introdutor Locutivo e a da ilocução introduzida. A velocidade de elocução é mais alta, por vezes extremamente mais alta. Distribucionalmente ocorre antes da unidade de Comentário ou de um enunciado que se quer introduzir (na maioria dos casos em uma estrita continuidade). É

¹⁵ A informante pronuncia “do advogada”. O significado da sigla TXC será explicitado na subseção 2.5.2.6.

¹⁶ Ver Firenzuoli e Tucci (no prelo) e Maia Rocha e Raso (em preparação).

comum sua ocorrência antes de uma reportagem ou de uma exemplificação, sinalizando que o que vem na sequência não deve ser interpretado no mesmo plano pragmático da enunciação, mas em outras coordenadas temporais, espaciais ou pessoais.

Exemplo:

*CAR: eu falo /=INT= Mislaine //=-COM_r=17

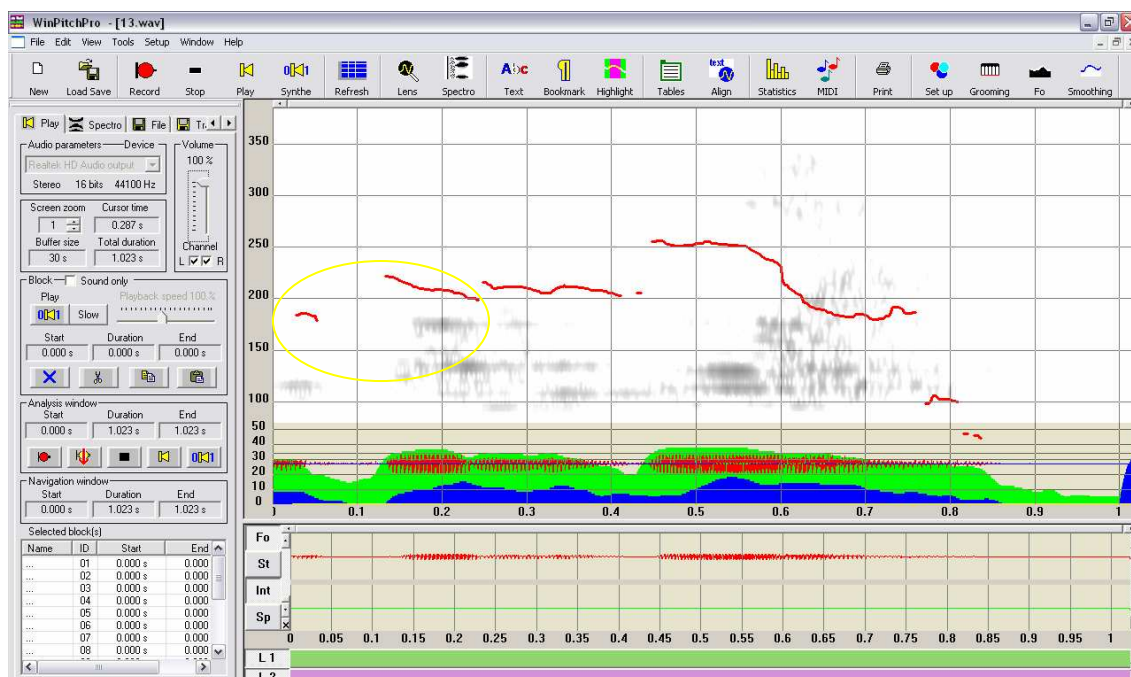


FIGURA 13 - Unidade de Introdutor Locutivo seguida por um Comentário (CD, arquivo 13)

Na imagem acima, a elipse amarela sinaliza a unidade de Introdutor Locutivo.

2.5.1.6 Unidade de Escansão

Foi dito, na subseção 2.4, que em princípio há uma relação de biunivocidade entre unidade tonal e unidade informacional, uma vez que cada unidade tonal seria dotada de um valor funcional. Contudo, esse princípio do isomorfismo é violado em nível informacional pelas unidades de Escansão. Assim, a unidade de Escansão (SCA) se distingue de todas as outras porque só tem valor entonacional, e não informacional. Ocorre quando o falante não realiza a unidade informacional em uma única unidade tonal por alguma dificuldade particular, por razões enfáticas, ou se o programa melódico

¹⁷ A sigla COM_r indica Comentário reportado.

da unidade tonal é muito longo em número de sílabas. Quando a locução é extensa ou por alguma razão problemática, o falante a segmenta em duas ou mais unidades com uma entonação neutra e repete esse mecanismo até que a expressão seja completada. A Escansão pode obedecer a alguma intenção expressiva. O perfil desejado do ponto de vista funcional só é realizado pelo falante na parte final dessa enunciação. A unidade tonal é sempre marcada por um perfil não-terminal.

Exemplo:

*CAR: a única coisa que eu fiquei muito triste que eu ã falo perto dela /=TOP= Mary /=ALL= é que /=INT= quando fez oito dia que ela tava com a gente /=TOP= eu /=SCA= **não falo perto dela** /=SCA= **porque** /=SCA= **isso ela não sabe** /=PAR= é que /=INT= &he /=TMP= a mãe /=TOP= mandou buscar porque tinha vendido ela por seiscentos reais //COM=¹⁸

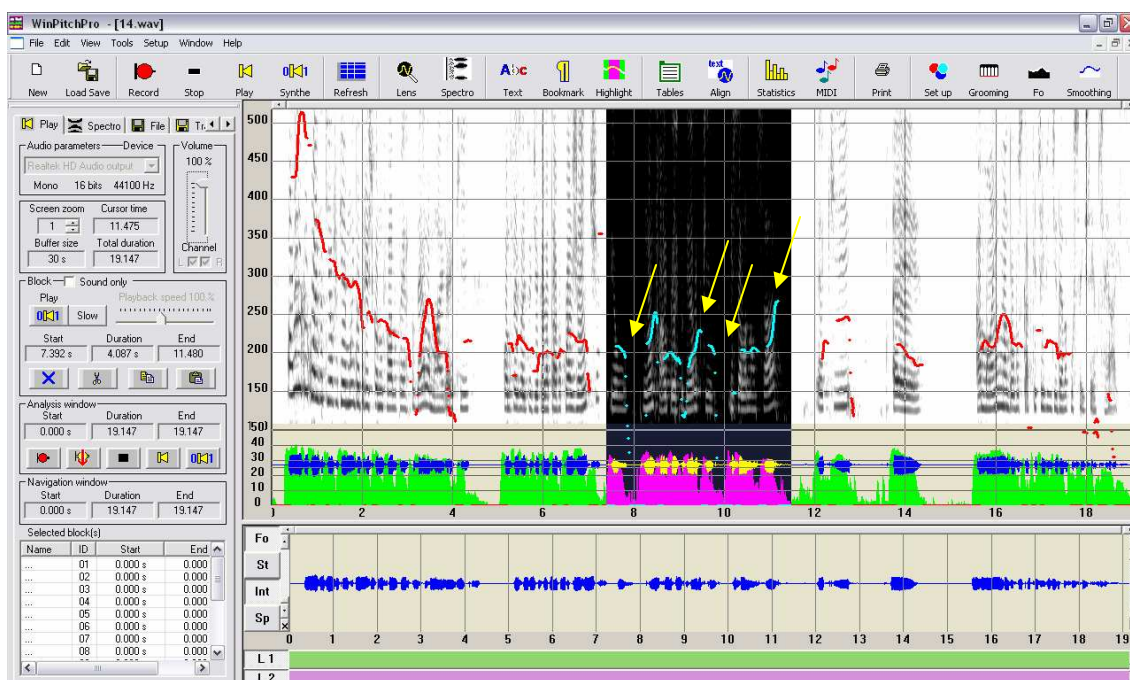


FIGURA 14 - Unidades de Escansão em um Parentético ou Parentético escansionado (CD, arquivo 14)

Na imagem acima as setas amarelas sinalizam as unidades de Escansão, e a faixa preta vertical sinaliza a unidade de Parentético escansionada.

¹⁸ A sigla TMP significa hesitação ou tomada de tempo pelo falante.

2.5.2 Unidades informacionais dialógicas

As unidades dialógicas são também conhecidas como Auxílios Dialógicos (FROSALI, 2008), instrumentos para regular a interação. Possuem um perfil entonacional próprio, porém não têm uma relação direta com o conteúdo locutivo do enunciado, mas com o interlocutor. Alguns subtipos de tais unidades são muito freqüentes, sobretudo os Fáticos, mas também os Alocutivos e os Incipitários, e, em textos de caráter predominantemente monológico, os Conectores Textuais.

2.5.2.1 Incipitário

O Incipitário (INP) é uma unidade dialógica que sinaliza para o interlocutor o início de um enunciado com valor contrastivo em relação ao enunciado anterior. Isso significa que os Incipitários explicitam a vontade do falante em começar um turno ou prosseguí-lo. Entonacionalmente apresentam um perfil muito alto, intenso e curto (MAIA ROCHA; RASO; ANDRADE, 2008). Como funcionalmente introduzem um ato de fala fazendo contraste com o anterior, distribucionalmente sempre aparecem em início de enunciado. É uma unidade muito freqüente e não se correlaciona a nenhuma classe lexical específica, podendo ser constituída por advérbios, conjunções coordenadas e subordinadas, pronomes pessoais e interjeições.

Exemplo:

*BAL: gente /=INP= mais <pilha recarregável> //=-COM=

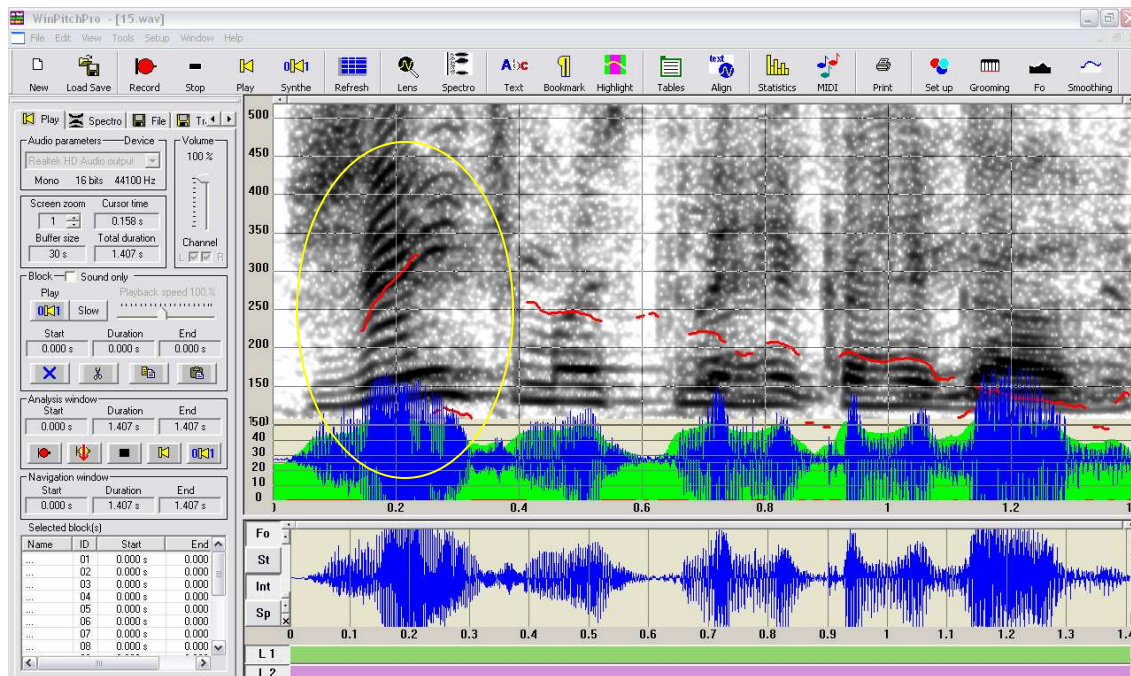


FIGURA 15 - Unidade de Incipitário seguida por um Comentário (CD, arquivo 15)

Na imagem acima, a elipse amarela sinaliza a unidade de Incipitário.

2.5.2.2 Conativo

O Conativo (CON), do ponto de vista funcional, visa a levar o interlocutor a fazer ou a deixar de fazer algo. Entonacionalmente é uma unidade muito intensa e caracterizada por um movimento descendente de F0. Distribucionalmente não ocupa uma posição fixa dentro do enunciado, embora apareça de forma mais freqüente em posição final. Trata-se de uma unidade rara e lexicalmente variada, podendo ser constituída de nomes, verbos, expressões adverbiais, dentre outras, mas não possui uma força diretiva capaz de possibilitar sua interpretação pragmática em isolamento.

Exemplo:

*REN: é o mesmo daquele lá /=COM= o' //CON=

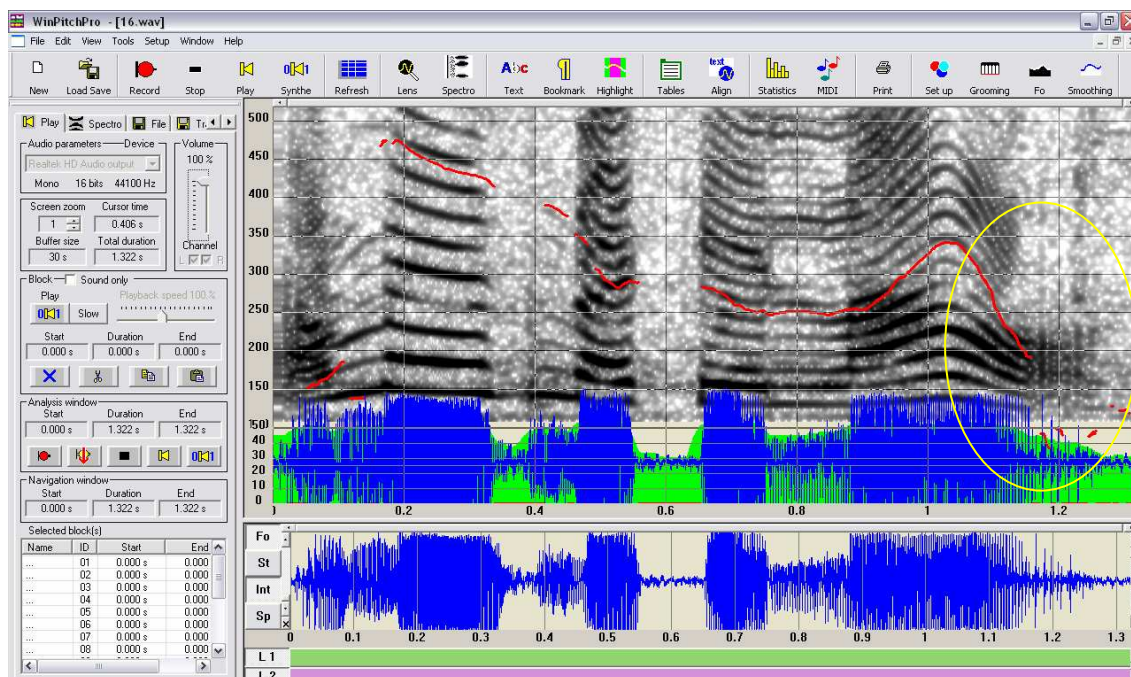


FIGURA 16 - Comentário seguido por uma unidade de Conativo (CD, arquivo 16)

Na imagem acima, a elipse amarela sinaliza a unidade de Conativo.

2.5.2.3 Fático

O Fático (PHA) é uma unidade dialógica funcionalmente dedicada ao controle do bom funcionamento da comunicação, assegurando a manutenção do canal comunicativo. Entonacionalmente possui intensidade baixa e duração muito curta, com movimento descendente de F0 e baixa relevância perceptual. É uma unidade muito freqüente e distribucionalmente ocorre em qualquer posição no enunciado. Lexicalmente é constituída de formas verbais, verbos de percepção, adjetivos, advérbios e interjeições.

Exemplo:

*REG: porque ninguém acreditava /=COM= né // =PHA=

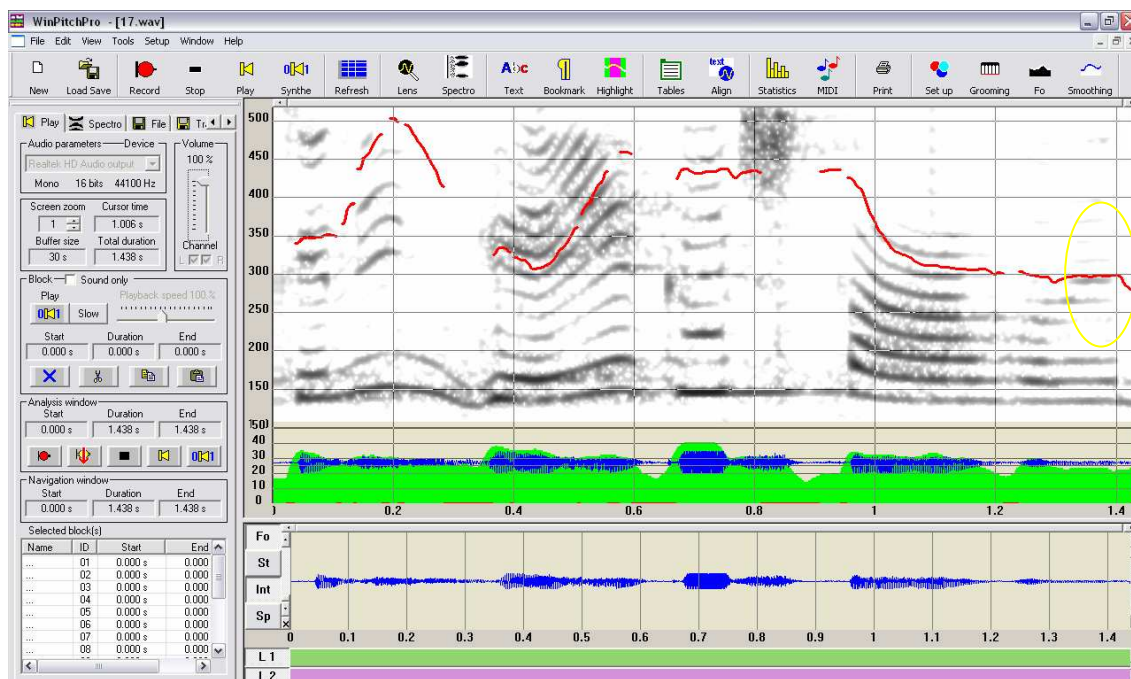


FIGURA 17 - Comentário seguido por uma unidade de Fático (CD, arquivo 17)

Na imagem acima, a elipse amarela sinaliza a unidade de Fático.

2.5.2.4 Alocutivo

O Alocutivo (ALL), tradicionalmente classificado como vocativo, está funcionalmente relacionado à ativação afetiva do canal comunicativo entre os interlocutores. Dirigido diretamente ao interlocutor, controla a comunicação por meio de nomes próprios, títulos, pronomes pessoais, adjetivos qualificativos afetuosos ou ofensivos, com função de distingui-lo de outros possíveis interlocutores ou de marcar a coesão social. Em outras palavras, a unidade especifica a quem a mensagem é dirigida por meio de seu nome ou de uma atribuição de epíteto. Através dela se mantém a atenção do interlocutor, ao mesmo tempo em que se evidencia uma função coesiva e enfática, trazendo-o a compartilhar do ponto de vista do enunciador. Entonacionalmente possui um perfil pouco relevante, modulado e descendente. Distribucionalmente pode estar em qualquer posição dentro do enunciado, mas preferencialmente no início. Segundo Raso e Goulart (no prelo) e Raso e Almeida (em preparação), sua distribuição parece variar

nas diferentes línguas e culturas. A unidade de Alocutivo não pode ser interpretada de forma isolada. Difere completamente da ilocução de chamamento, já que sua função informacional primordial está relacionada à ativação afetiva do canal comunicativo entre interlocutores.

Exemplo:

*FLA: cê vai embora que dia /=COM= **Rena** // =ALL=

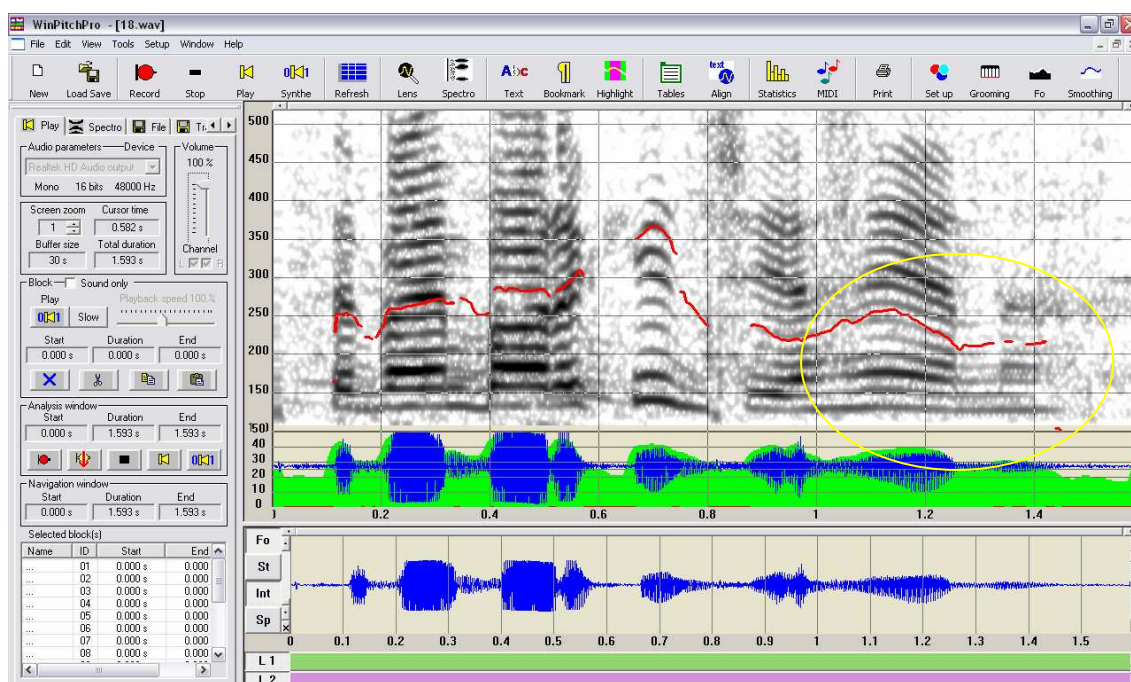


FIGURA 18 - Comentário seguido por uma unidade de Alocutivo (CD, arquivo 18)

Na imagem acima, a elipse amarela sinaliza a unidade de Alocutivo.

Na seqüência tem-se um exemplo do mesmo material locutivo (“Rena”) em uma unidade de Comentário de chamamento, pragmaticamente autônoma, diversamente da unidade de Alocutivo identificada acima, desprovida de tal autonomia.

*FLA: Rena // =COM=

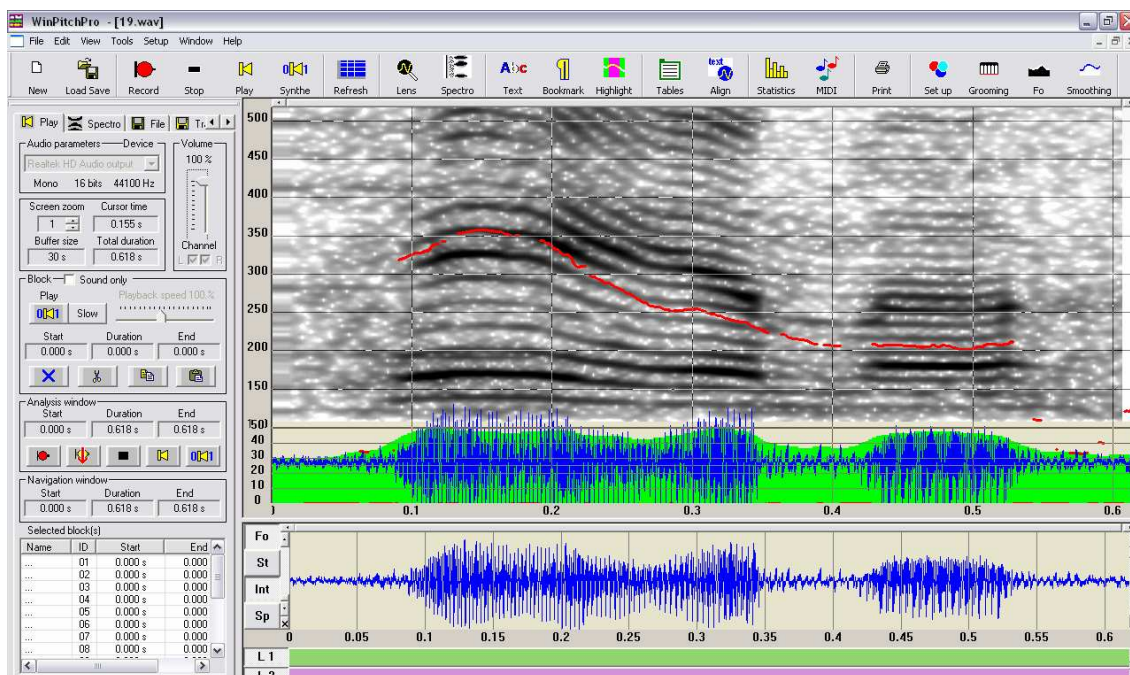


FIGURA 19 - Unidade de Comentário com ilocução de chamamento (CD, arquivo 19)

2.5.2.5 Expressivo

O Expressivo (EXP) é uma unidade dialógica que busca a coesão social. Funcionalmente é um suporte emocional para o ato ilocutório executado pelo Comentário. Enfatiza a atitude do falante, estimulando o interlocutor a compartilhar um ponto de vista. Entonacionalmente apresenta um movimento ascendente-descendente da F0, mas não como o Incipitário, que, como já se disse na subseção 2.5.2.1, apresenta um perfil muito alto, intenso e curto. Distribucionalmente pode ocupar qualquer posição dentro do enunciado, bem como dentro de um discurso reportado, para representar um diálogo, diferenciando-se do Incipitário também nesse aspecto, já que este, por apresentar valor de contraste em relação ao enunciado anterior, tem ocorrência sempre em início de enunciado. As unidades de Expressivo, em sua maioria, são formadas por nomes (que denotam blasfêmia, juramento), interjeições e advérbios, e são idiossincráticas culturalmente.

Exemplo:

*HEL: Nossa /=EXP= vamo mudar pro verde //=COM=

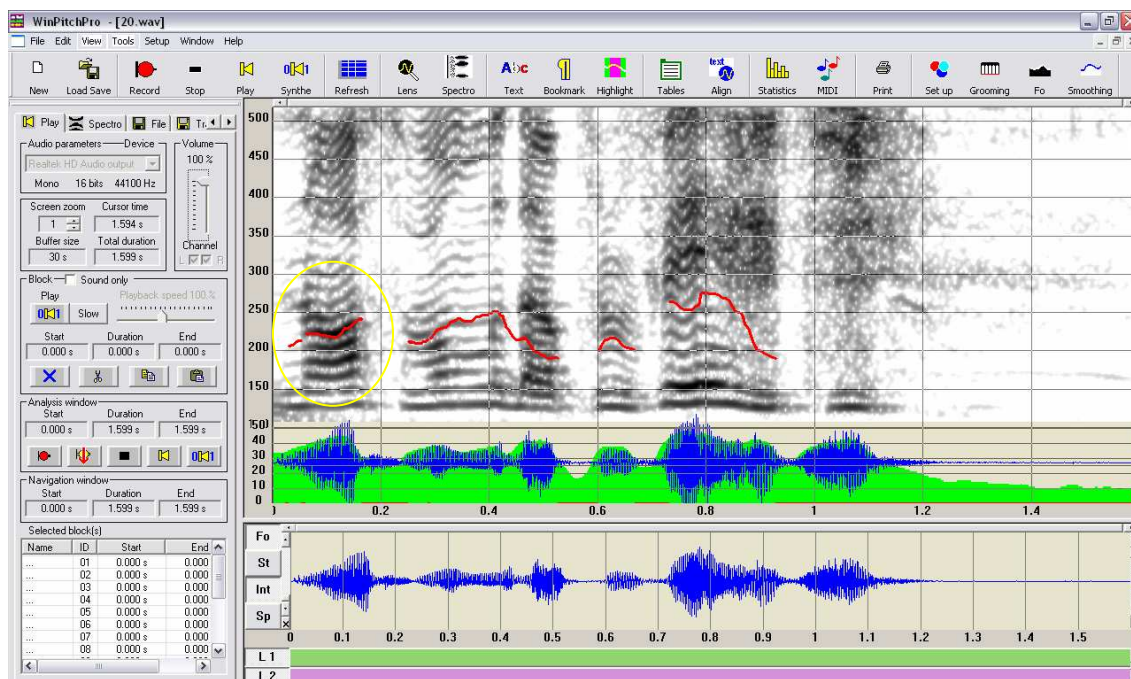


FIGURA 20 - Unidade de Expressivo seguida por um Comentário (CD, arquivo 20)

Na imagem acima, a elipse amarela sinaliza a unidade de Expressivo.

2.5.2.6 Conector Textual

O Conector Textual (TXC), em termos funcionais, assinala para o ouvinte que o turno terá continuidade, sem contudo fazê-lo através de um contraste (como ocorre com o Incipitário). Entonacionalmente é marcado por um movimento modulado de F₀, duração longa, intensidade alta e velocidade baixa. Distribucionalmente ocorre no início do enunciado, garantindo o nexos semântico entre os enunciados através de operadores do tipo coordenativo e/ou subordinativo (conjunções, advérbios).

Exemplo:

*FBA: mas /=TXC= foi bastante positivo //=-COM=

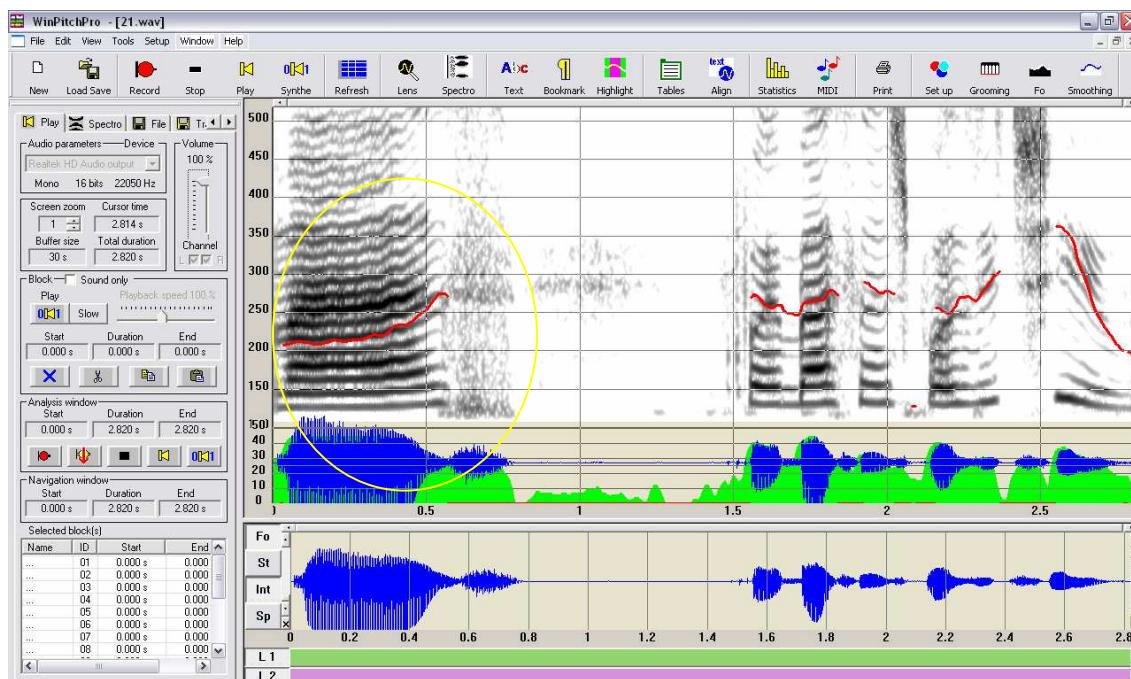


FIGURA 21 - Unidade de Conector Textual seguida por um Comentário (CD, arquivo 21)

Na imagem acima, a elipse amarela sinaliza a unidade de Conector Textual.

2.6 A perda do isomorfismo

Até agora se pontuou que um enunciado constitui-se sempre a partir da unidade de Comentário, responsável por veicular uma ilocução. Logo, essa unidade estaria sempre em correspondência biunívoca com o enunciado, no sentido que cada enunciado possuiria sempre uma e apenas uma unidade de Comentário. O mesmo tipo de correspondência se estabeleceria entre unidade informacional e unidade tonal, uma vez que cada unidade tonal corresponderia a um valor funcional. Todavia, esse princípio do isomorfismo pode ser violado. Já foi visto na subseção 2.5.1.6, por exemplo, que as unidades de Escansão violam o isomorfismo em nível informacional.

É possível pontuar para cada caso de violação ao princípio do isomorfismo os fatores que ocasionam a não-correspondência entre enunciado e uma única unidade de Comentário, bem como entre uma unidade tonal e uma unidade informacional.

Os Comentários Múltiplos (CMM), por exemplo, correspondem a uma forma de estruturação do enunciado em que não se respeita o princípio segundo o qual cada enunciado deve possuir apenas um único Comentário com valor ilocucionário. As ocorrências de Comentários Múltiplos estão presentes nos Comentários de citação, nas ilocuções de elenco, de comparação, de relação necessária, de pedido de confirmação e nos reforços, mas esta é uma lista aberta, passível de ampliação a partir da investigação de *corpora* de fala espontânea. Isso significa que existiriam alguns tipos de ilocuções que se caracterizam pelo fato de que um único enunciado é constituído de duas ou mais unidades de Comentário pela própria natureza da ilocução em questão.

O isomorfismo é o fundamento de qualquer fala espontânea, mesmo em textos em que segmentos produzidos apresentam uma perda dessa característica. São três os casos em que há essa perda: Comentários Múltiplos, Discurso Reportado e Estrofes.

2.6.1 Comentários Múltiplos (CMM)

Os Comentários Múltiplos são ilocuções que, por sua natureza, constituem-se de mais de um Comentário. Nesse caso perde-se somente a correspondência biunívoca entre um Comentário e um enunciado, mas não a correspondência entre uma ilocução e um enunciado. É o tipo específico de ilocução que requer mais de um Comentário. É o próprio programa dessas ilocuções que requer mais de um Comentário para ser realizado.

Dentre as ilocuções, foram identificados cinco tipos que necessariamente se distribuem em mais de uma unidade de Comentário. A saber:

- 1) a ilocução de elenco, em que cada elemento do elenco localiza-se em uma unidade de Comentário diferente, e somente o último apresenta uma quebra terminal;
- 2) a ilocução de comparação, em que cada elemento da comparação também se localiza em uma unidade de Comentário diferente e somente o último apresenta uma quebra terminal;
- 3) a ilocução de hipótese ou relação de necessidade, em que dois Comentários possuem

uma relação especialmente estreita e necessária, seja de natureza temporal ou de semelhança, e não necessariamente de natureza lógica de causa-efeito como no período hipotético. Também aqui há quebra terminal presente só no final;

4) a ilocução de reforço, em que dois Comentários se reforçam dentro do mesmo programa;

5) a ilocução de pedido de confirmação, cujo objetivo é solicitar do ouvinte a afirmação do que fora mencionado anteriormente.

Os Comentários Múltiplos se distinguem de uma seqüência de enunciados simples porque constituem um padrão composicional de ilocução com uma estrutura rítmica e prosódica, enquanto a seqüência de enunciados simples é totalmente independente.

Vejam-se alguns exemplos:

*JOR: linha branca /=TOP= **geladeira** /=CMM= **fogão** /=CMM= **ar condicionado** /=CMM= **microondas** /=CMM= **máquina de lavar** /=CMM= **lava-louça** /=CMM= e linha marrom /=TOP= **&he** /=TMP= **televisores** /=CMM= **videocassete** /=CMM= e outros equipamentos som [/1]=SCA= de som automotivo /=SCA= tipo /=INT= **devedê** /=CMM= **&he** /=TMP= **cedê** /=CMM= **etcetera** //CMM=

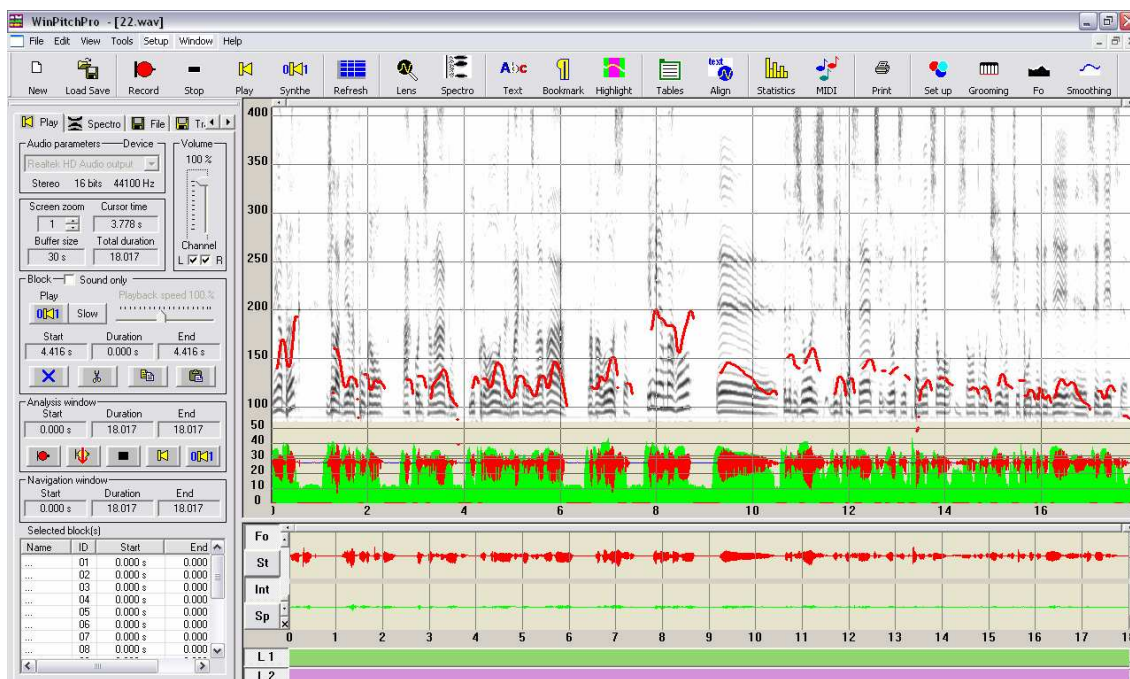


FIGURA 22 - Comentários Múltiplos com ilocções de elenco (CD, arquivo 22)

*JOR: viajar de avião /=CMM= em vez de tar viajando de ônibus //CMM=

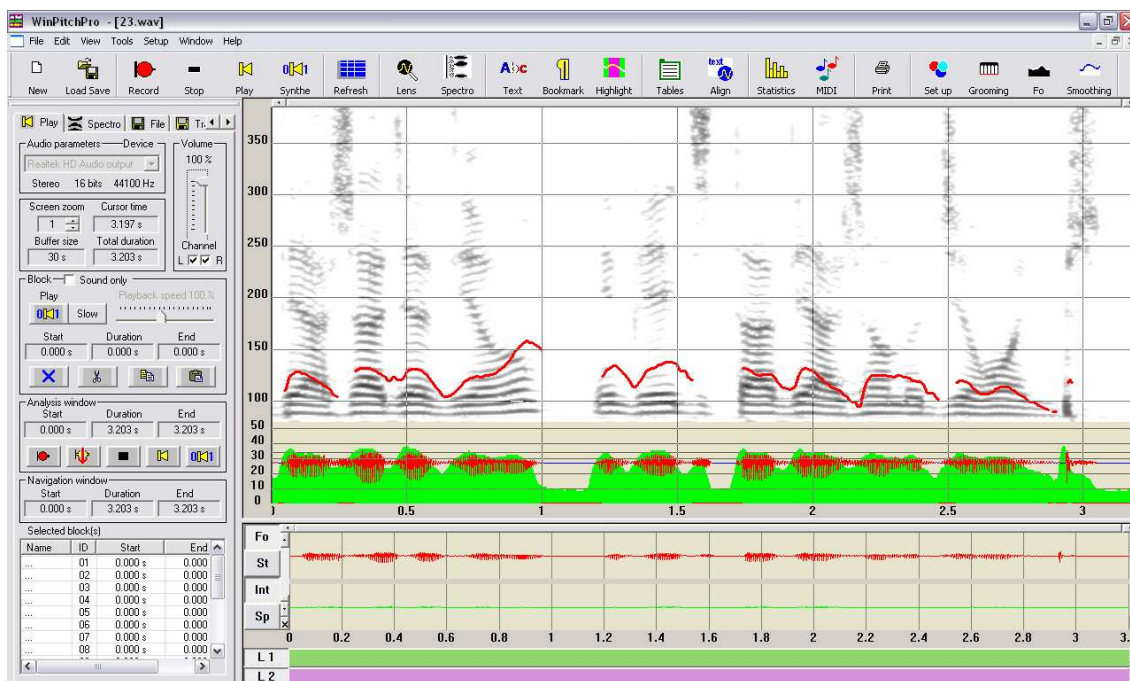


FIGURA 23 - Comentários Múltiplos com ilocuções de comparação (CD, arquivo 23)

2.6.2 Discurso Reportado

O Discurso Reportado se realiza através da suspensão pragmática da enunciação em que o falante abandona o *hic et nunc* para realizar mimeticamente ilocuções pertencentes a outro tempo, outro espaço ou outro falante. Equivale ao discurso direto da escrita e representa uma modalidade freqüente de realizar a subordinação na fala.

Um Discurso Reportado pode ser constituído por um ou mais enunciados. Cada enunciado pode ser realizado também com um padrão informacional complexo, e o falante pode chegar a mimetizar um diálogo em vários turnos.

Exemplo:

***REG: Ronilda //COM_r= adivinha onde que eu tô //COM_r= uma hora dessa cê me ligando //COM_r= cê nũ acorda cedo //COM_r= barulheira que é essa //COM_r= assim /INT= João nasceu dentro do carro //COM_r= quê //COM_r**

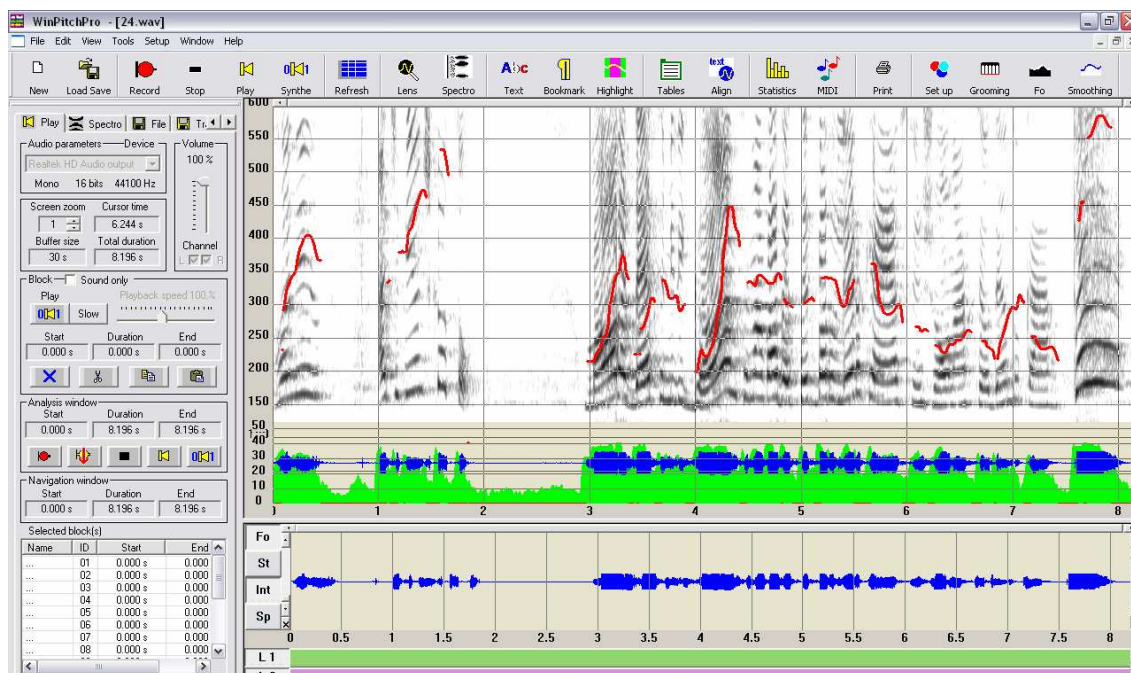


FIGURA 24 - Discurso Reportado (CD, arquivo 24)

2.6.3 Estrofe

As Estrofes são unidades maiores que desenvolvem duas ou mais ilocuções antes da quebra prosódica percebida como tendo valor terminal. Contrariamente aos Comentários Múltiplos, não são unidades programadas, mas processuais; nelas o princípio ilocucionário se enfraquece em favor de uma dimensão menos pragmática e mais textual. É dizer, no caso dos Comentários Múltiplos, há um programa que requer mais de um Comentário para ser realizado; no caso das Estrofes, na medida em que ocorre a enunciação vão-se acrescentando outros Comentários que o falante percebe sejam importantes naquele momento, sem que se tenha programado algo anteriormente.

2.6.3.1 Características da Estrofe

O primeiro caráter identificador das Estrofes é seu valor ilocutivo fraco e difuso (CRESTI, 2009). A impressão de difusão se justifica pelo fato de uma Estrofe ser composta de uma seqüência de Comentários com força ilocutiva fraca, ligados dentro de uma entidade maior, ou seja, a percepção da quebra terminal se dá somente depois da realização de várias ilocuções. Prosodicamente vai de uma quebra terminal à sucessiva quebra terminal e prevê, no seu próprio interior, subpadrões prosódicos sinalizados por quebras prosódicas às quais correspondem os diversos Comentários Ligados ou outras unidades informacionais em um subpadrão com esses Comentários. É freqüente o fenômeno de escansão das unidades tonais, sobretudo de tipo *root* e *prefix*.

As Estrofes não apresentam toda a gama nem de articulação informacional nem de variação ilocutiva próprias dos enunciados e são caracterizadas positivamente por ilocuções homogêneas por classe perlocucionária e por freqüentes variações modais e peculiaridades sintáticas.

A Estrofe não tem programa informacional pré-constituído, mas se constrói por acréscimo de sucessivos Comentários Ligados, que gradualmente realizam um dos elementos que são desenvolvidos na evolução de um pensamento, regido afetivamente em relação a um interlocutor. Entretanto, uma Estrofe pode conter não só uma seqüência de Comentários, mas também porções de articulação informacional. Em geral, estas não são muito complexas e consistem em um Tópico (com uma freqüência de ocorrência mais baixa do que a registrada nos enunciados complexos), no uso peculiar e maximal de unidades de Parentético (com uma freqüência mais alta do que a registrada nos enunciados complexos) e em unidades informacionais com função de conector entre os diversos Comentários Ligados. Assim sendo, a articulação da informação das Estrofes é mais reduzida e diferenciada da do enunciado complexo.

O que é importante evidenciar é que também no caso da ocorrência de algumas unidades informacionais em torno de um Comentário Ligado, sua função informacional diz respeito àquele único Comentário e tem alcance local, ou seja, a Estrofe como um todo não é nem um padrão informacional nem mesmo um super padrão, mas, sobretudo, uma seqüência de subpadrões informacionais.

Há algumas Estrofes cujos Comentários Ligados são conectados através de expressões, em geral conjunções ou advérbios realizados através de unidades tonais dedicadas. Os conectores se comportam como retomadas anafóricas de unidades informacionais precedentes, sinalizando ao interlocutor que se deve esperar um novo Tópico ou um novo Comentário dentro da mesma Estrofe. As conjunções e advérbios que desenvolvem tais funções informacionais alternam de uma função de subordinação sintática, em seu uso mais freqüente, mas não exclusivo, na língua escrita, à de retomada anafórica e junção entre Comentários Ligados dentro de uma Estrofe na fala.

Há um fenômeno que não diz respeito estritamente a uma unidade informacional específica ou à articulação informacional da Estrofe: é a semântica de algumas unidades de Comentários Ligados ou de Tópico. Acontece com freqüência que sejam repetidas expressões, não como meros ecos, como às vezes é característico da fala não-planejada, mas caracterizadas funcionalmente como retomadas de partida para um novo subpadrão.

2.6.3.2 Comentários Ligados (COB)

Os Comentários Ligados são unidades de ilocuções diferentes marcadas por uma quebra terminal e por um explícito sinal prosódico de continuidade. Naturalmente nunca ocorrem em isolamento e veiculam, sobretudo, valores ilocucionários fracos. Sua função informacional é a de construir uma entidade textual do tipo Estrofe ou a de distribuir a força ilocucionária em mais unidades escansionadas, ou seja, nos Comentários Ligados há mais de uma ilocução ocorrendo em um mesmo enunciado, embora não haja programa, porque não há um padrão de ocorrência.

Assim, os Comentários Ligados são unidades processuais que o falante julga importante acrescentar durante a produção do enunciado, sem prévia programação.

Veja-se um exemplo:

***JOR: e assim eu fiquei dentro dessa outra multinacional por um período /COB= trabalhando com som automotivo /COB= &he /TMP= produtos automotivos /COB= da rede de autopeça /COB= hhh e ferramentas elétrica //COM=¹⁹**

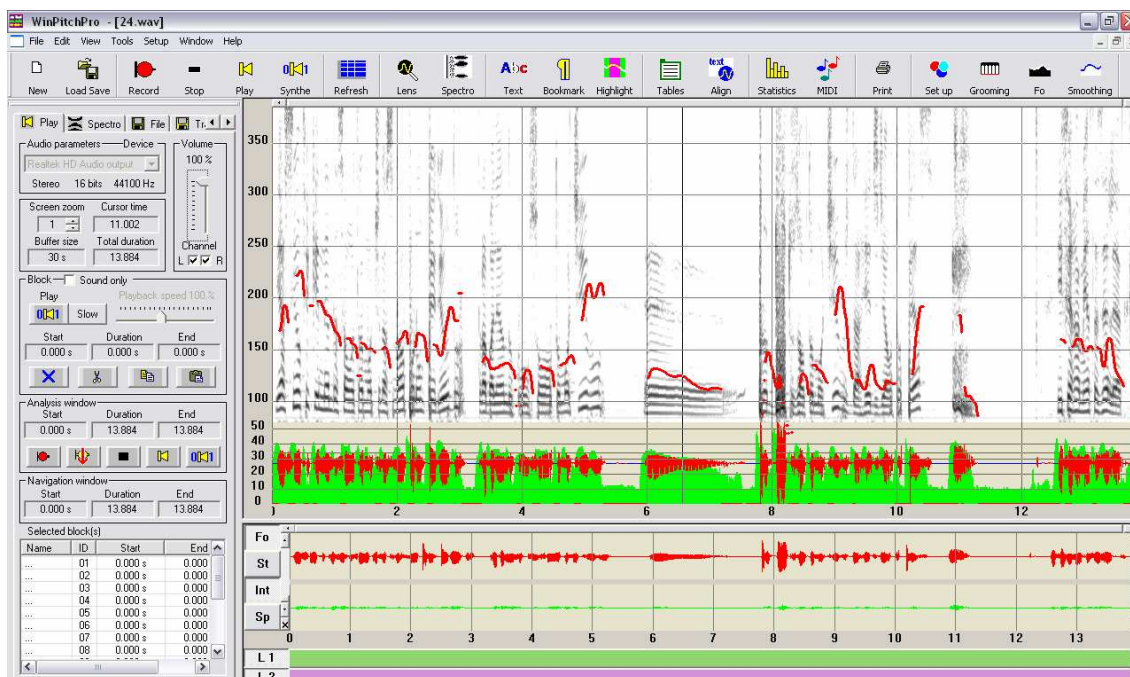


FIGURA 25 - Comentários Ligados (CD, arquivo 25)

Os Comentários Ligados são uma unidade do tipo raiz + raiz, marcados por um sinal de continuidade. Seu perfil entonacional varia de acordo com o valor ilocucionário da unidade de Comentário e contêm foco funcional. Possuem frequência modal variada, e dentro de uma Estrofe, quando ocorrem, desfruta cada Comentário Ligado de modalidade independente um do outro.

Os Comentários Ligados, bem como os Comentários que dão origem a um enunciado, podem ser formados por uma palavra ou frase, mas nunca por um morfema. No que diz respeito à sintaxe das relações estabelecidas, os Comentários Ligados parecem se comportar como todas as unidades informacionais. No entanto, principalmente quando ocorrem em Estrofe são, em geral, mais extensos que os outros Comentários e

¹⁹ O símbolo hhh indica comportamento paralingüístico (riso, choro, tosse, ruídos feitos com a boca).

freqüentemente escansionados. Possuem, portanto, uma maior complexidade sintática dentro de uma Estrofe.

2.6.4 Atos de Fala e Língua em Ato

Conforme já se disse na subseção 2.1, a Teoria da Língua em Ato fundamenta-se na correspondência biunívoca entre uma entidade pragmática, também definida como unidade de ação (AUSTIN, 1962), e uma unidade lingüística, o enunciado, sendo este visto como a unidade mínima autônoma e interpretável pragmaticamente. Todavia, devem ser notadas diferenças significativas entre a Teoria dos Atos de Fala de Austin e a Teoria da Língua em Ato proposta por Cresti, conforme se depreende dos esquemas seguintes.

2.6.4.1 O esquema dos Atos de Fala

Segundo Austin, o ato de fala é composto pela realização simultânea de três atos:

- **Ato locutório:** “o ato de falar”.
- **Ato ilocutório:** “o que fazemos quando falamos”.
- **Ato perlocutório:** “o que queremos fazer; o que nos motiva; o efeito do que fazemos”.

2.6.4.2 O esquema da Língua em Ato

A hipótese de Cresti elege uma perspectiva diferente, partindo do ato perlocutório e da sua definição como “impulso” para a ativação do ato de fala:

- **Ato perlocutório:** “nossa atitude para com o interlocutor quando falamos”.
- **Ato ilocutório:** “a transformação de nossa atitude em comportamento social e definido convencionalmente”.

- **Ato locutório:** “o ato de falar”.

No nível do ato perlocutório, Cresti apresenta cinco classes atitudinais que se baseiam nas características afetivas das ações humanas e nas relações dinâmicas entre os falantes: recusa, asserção, direção, expressão e rito. O que se assume basicamente é que cada ativação do falante é necessariamente baseada na afetividade que emerge com relação ao interlocutor. Tal aspecto é inconsciente, completamente livre e não regulado por convenções – o falante reage a um *input* relacional humano com um comportamento lingüístico.

As 5 classes atitudinais são caracterizadas por diferentes graus e níveis de ativação afetiva:

- **Recusa:** uma disposição, atitude ou estado de espírito de liberdade e separação por parte do falante com relação ao parceiro da comunicação, que permite um confronto completo com esse último.
- **Asserção:** uma disposição, atitude ou estado de espírito de autoconfiança por parte do falante, com base nas próprias realizações de pensamento, que permite a manifestação de julgamentos, descobertas, avaliações, representações, como novos objetos no mundo.
- **Direção:** uma disposição, atitude ou estado de espírito de tomar em consideração as habilidades, possibilidades, disponibilidade do parceiro, enquanto se espera transformar o mundo através de ações, informações, movimentos, ou que o parceiro transforme a si mesmo com relação a seu horizonte de atenção, seu conhecimento, sua habilidade, seu ponto de vista.
- **Expressão:** uma disposição, atitude ou estado de espírito de manifestação “estética” de estados mentais, sentimentos, emoções, crenças, esperando que o parceiro se torne consciente disso e compartilhe disso.

- **Rito:** um comportamento externo de execução de tarefas lingüísticas que têm valor e efeito legal e social, e que pode ser realizado com o mínimo de participação afetiva, apenas suficiente para a ativação fisiológica da fala.

A afetividade ativada no ato perlocutório torna-se um esquema acional específico socialmente e convencionalmente codificado com uma força pragmática.

O conjunto dos atos ilocutórios não pode ser definido segundo princípios lógicos e lexicais, mas deve ser buscado na língua em uso através de pesquisa empírica.

Até o momento tem-se para o italiano um repertório com base na análise de um *corpus* falado e na validação através de experimentos de laboratório (LABLITA)²⁰:

QUADRO 2
Repertório de atos ilocutórios

REFUSAL	ASSERTION	DIRECTION	EXPRESSION	RITE
	weak assertion	distal recall	expression of contrast	thanks
	answer	recall in proximity	expression of disbelief	greetings
	commentary	distal deixis	irony	apologies
	explanation	deixis in proximity	doubt	wishes
	declaration	presentation of event	expression of intent	congratulation
	definition	denominative	admission/attenuation	condolences
	inference	announce	giving up	compliments
	identification	direct speech reference	exclamation	condemnation
	confirmation	total question	expression of surprise	promise
	conclusion	partial question	expression of fear	bet
	objection	alternative question	expression of relief	baptism

²⁰ <http://lablita.dit.unifi.it/corpora/>

	approval/ disapproval	request of information	expression of wish	declaration of legal value
	agreement/ disagreement	request of action	expression of uncertainty	
	verification	request of confirmation	claim	
	hypothesis/ supposition	prohibition	regret	
	narration	instruction	complaint	
	story telling		imprecation	
	description		insinuation	
	list		permit	
	quotation		derision	
	comparison		provocation	
	hypothetical period		reprimand	
			hint	
			encouragement	
			assurance	
			warning	
			pity	

Segundo Cresti, portanto, um ato perlocutório é identificado como a base afetiva necessária para a ativação do ato lingüístico como um todo, e a comunicação não se define apenas pela realização de enunciados em que há a correspondência biunívoca entre uma unidade de ação e uma unidade lingüística com o cumprimento de um ato ilocutório específico, pois há as referidas unidades mais extensas denominadas Estrofes, cujo valor ilocutivo é enfraquecido e difuso. Assim, a Estrofe não é um ato único de relação com o interlocutor como é o caso do enunciado, mas uma atividade que visa à realização de um texto planejado, e portanto com mais ilocuções enfraquecidas. Dessa forma, o planejamento se contrapõe à afetividade.

Nessa perspectiva, a Teoria da Língua em Ato reconhece que:

1) de um ponto de vista informacional, qualquer enunciado é um padrão, ou seja, assume-se que a organização informacional de um enunciado é sistematicamente marcada pela prosódia e centrada no valor ilocutivo (com uma forte tendência ao isomorfismo);

2) dependendo da tipologia interacional, exigências de natureza textual, e não pragmática e acional, enfraquecem o princípio ilocucionário de base. Esse fenômeno ocorre quando o texto perde a interatividade típica da fala espontânea – principalmente dialógica – entre os interlocutores, reduzindo-se exatamente o aspecto interativo e a motivação afetiva.

Apresentada a Teoria da Língua em Ato, na seção seguinte passa-se à descrição do *corpus* C-ORAL-BRASIL, que, como os *corpora* das demais línguas integrantes do C-ORAL-ROM, está sendo compilado com base neste arcabouço teórico.

3 O C-ORAL-BRASIL

3.1 Apresentação

O C-ORAL-BRASIL²¹ é um *corpus* de fala espontânea que tem como objetivo o estudo das ilocuções e da estrutura informacional do PB com base na Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000)²², possibilitando também outros estudos. Baseado principalmente na diatopia do estado de Minas Gerais (prevalentemente a área metropolitana de Belo Horizonte), é arquitetado nos mesmos moldes dos *corpora* do projeto C-ORAL-ROM²³ para permitir o estudo comparado do PB com as quatro principais línguas românicas européias – italiano, espanhol, português europeu e francês.

O *corpus* prevê cerca de 200 textos e 300.000 palavras, divididos em uma metade informal, em fase avançada de realização, e uma metade formal, a ser implementada. Na parte informal, 80% dos textos pertencem ao domínio privado/familiar, e 20% ao domínio público. Um terço é de tipologia monológica, um terço de tipologia dialógica, e um terço de tipologia conversacional. Busca-se a maior variação diastrática possível, mas o projeto objetiva representar principalmente a variação diafásica. As gravações são realizadas em contexto natural enquanto os falantes realizam a maior variedade possível de atividades, o que é permitido pelo uso de um equipamento de alta qualidade com microfones sem fio.

Como nos *corpora* do C-ORAL-ROM, os textos são transcritos no formato CHILDES-CLAN²⁴, e procede-se à segmentação da fala em enunciados e unidades tonais²⁵ e à notação prosódica²⁶. Por enunciado, como já se viu (subseção 2.1), entende-se a unidade mínima da fala dotada de autonomia pragmática, contraparte lingüística do ato de fala, individualizada com base em uma quebra entonacional que seja percebida como

²¹ <http://www.c-oral-brasil.org/>. Ver Raso e Mello (2009).

²² Para o quadro teórico das ilocuções, vejam-se Austin (1962) e Cresti (2005).

²³ Ver Cresti e Moneglia (2005) e, para as especificações, Moneglia (2000). Existe um acordo entre a Faculdade de Letras da UFMG e a Facoltà di Lettere dell'Università di Firenze, coordenado por Cresti e Raso, que prevê a colaboração para a realização do *corpus* do PB e estudos interlingüísticos da estrutura informacional.

²⁴ Ver MacWhinney (2000).

²⁵ Para a base teórica dessa escolha, vejam-se Moneglia (2005); Cresti (2000); Cresti e Moneglia (2008) e a seção 2 deste trabalho.

²⁶ Para os critérios, ver Moneglia e Cresti (1997).

terminal. Internamente ao enunciado, possíveis quebras entonacionais percebidas como não-terminais marcam sua estruturação informacional. Portanto, a transcrição impõe a necessidade de se treinarem os transcritores para que percebam e marquem de forma adequada as unidades prosódicas.

A arquitetura da parte informal prevê um mínimo de 15 horas de gravação distribuídas em pelo menos 100 textos de, em média, 1500 palavras. Destes, uma porcentagem reduzida (não mais de 25) poderá ser constituída por textos maiores (4500 palavras) ou menores, desde que apresentem autonomia textual. Dos pelo menos 100 textos, 20% serão de contexto público, e 80% de contexto familiar/privado. Em cada contexto, um terço dos textos será constituído de monólogos, e dois terços de diálogos ou conversações (ou seja, diálogos com mais de dois participantes), buscando-se uma representatividade paritária entre essas duas últimas tipologias.

Como no C-ORAL-ROM, escolheu-se representar de maneira sistemática uma única diatopia, no caso a do estado de Minas Gerais, e em particular a área urbana da capital, Belo Horizonte. Tal escolha se deve à limitada dimensão do *corpus*, que não poderia ser representativo de mais diatopias. Assim, pelo menos 50% dos falantes integrantes do *corpus* serão mineiros, podendo esta proporção resultar bem mais alta quando da conclusão da compilação do *corpus*. Tradicionalmente a fala mineira é dividida em pelo menos três grandes áreas: Sul e Triângulo (*falar paulista*), Norte (*falar baiano*) e região constituída pela Zona da Mata, Zona Metalúrgica, Vertentes e Belo Horizonte e arredores (*falar mineiro*)²⁷. Estas serão representadas, mas a grande área metropolitana de Belo Horizonte terá a maior representação.

O *corpus* busca representar em uma certa medida a variação diastrática, especialmente importante na fala brasileira, mas também nesse caso não se pretende alcançar uma representatividade sistemática, ainda que haja um esforço no sentido de que várias faixas socioculturais estejam presentes – em todas as ramificações do *corpus* constarão interações com falantes de várias diastratias, interagindo tanto com falantes da mesma faixa quanto com falantes de faixas diferentes.

²⁷ Ver Zágari (1998).

Nesse aspecto, com relação aos critérios adotados para o C-ORAL-ROM, optou-se por adequar a indicação das faixas de escolaridade a uma distribuição que melhor refletisse a realidade brasileira, tendo-se em conta as significativas diferenças em relação à realidade européia. No quadro 3 abaixo estão explicitadas as diferenças entre as faixas adotadas no C-ORAL-ROM e no C-ORAL-BRASIL:

QUADRO 3
Faixas socioculturais no C-ORAL-ROM e no C-ORAL-BRASIL

C-ORAL-ROM	C-ORAL-BRASIL
1- Escola primária ou nenhuma escolarização	1 - Nenhum título de estudo: até o primário incompleto
2 - Segundo grau	2 - Até o título de terceiro grau, desde que não exerça uma profissão que necessite do título universitário
3 - Terceiro grau ou estudante universitário	3 - Profissão que necessite de título universitário ou superior
X - Desconhecida	X - Desconhecida

Tal distribuição busca refletir as diferenças entre o contexto sociolinguístico europeu e o brasileiro quanto à relação entre nível escolar e nível linguístico. Como divisão esquemática que é, não pode ser considerada plenamente satisfatória, mas acredita-se que a escolha de ampliar o espectro do estrato intermediário (2) em relação ao projeto europeu represente melhor a realidade escolar brasileira, ou seja, reflita a maior variabilidade entre as instituições educacionais brasileiras se comparadas às européias. O fato de na Europa as faculdades apresentarem um padrão de ensino mais homogêneo do que no Brasil induz à necessidade, aqui, de confirmação de exercício do grau universitário.

3.2 A variação diafásica

A variação privilegiada no *corpus* é a diafásica, a qual se busca representar estatisticamente por ser, na opinião dos coordenadores do projeto, aquela realmente significativa na variação estrutural da fala. É, pois, a variação privilegiada na arquitetura em suas diversas ramificações: a divisão entre formal e informal; no âmbito informal, a divisão entre contexto público e familiar/privado; no âmbito de cada contexto, a divisão em três tipologias interacionais: monólogo, diálogo e conversação; no âmbito de cada

tipologia interacional, a máxima variação possível de situações comunicativas, porque as ilocuções e a estrutura informacional são dependentes dos comportamentos dos falantes.

A tipologia monológica prevê uma variação no assunto (contos de vida, narrativas, piadas, entrevistas, monólogos de trabalho etc.), nos destinatários dos monólogos (familiares, amigos, crianças, clientes, pessoas com as quais se mantêm relações de trabalho etc.) e nos locais escolhidos para as gravações (casa de amigos ou parentes, local de trabalho, restaurante etc.). Da mesma forma, nas conversações e especialmente nos diálogos buscou-se, além das diferentes relações entre os falantes e dos diferentes locais de gravação, a maior variação possível de atividades desempenhadas durante as interações: uma pessoa explicando para outra(s) o funcionamento de um equipamento ou de um programa de computador, cliente(s) interagindo com o vendedor em uma loja, um pedreiro e um engenheiro conduzindo uma obra, duas pessoas fazendo compras no supermercado, dois garçons trabalhando em uma festa, professores discutindo trabalho, professor e aluno em uma aula particular, duas ou mais pessoas em uma mesa de restaurante, conversando amigavelmente em casa sem desenvolver uma atividade específica, trabalhando juntas em um computador, conversando em um carro, cozinhando, fazendo contas, estudando juntas para uma prova, visitando um apartamento para ser alugado etc.

A variação situacional em cada ramificação é dada pela combinação das seguintes variáveis: atividade desenvolvida durante a interação; número e tipologia dos participantes; lugar; assunto. Mudando-se qualquer uma delas, muda-se a situação comunicativa.

Um problema que se pôs foi o de como definir contexto público e contexto privado. No C-ORAL-BRASIL, a definição de contexto público em oposição a contexto familiar/privado se dá com base no papel exercido pelo falante no momento da interação – um determinado falante pode interagir na sua própria condição de indivíduo, como quando interage com amigos ou familiares, ou pode agir com base em um papel social, devido ao trabalho ou à predominância, naquela interação, de uma condição específica determinada pelo assunto ou por condições de natureza social.

Sendo assim, no caso brasileiro não é a presença ou a ausência de “estranhos” no contexto de interação que determina necessariamente o caráter público ou privado da situação – uma conversa entre amigos em um restaurante não pode de pronto ser considerada pública, assim como não pode ser considerada privada uma interação profissional entre um aluno e seu orientador, ainda que os dois estejam sozinhos no gabinete.

Naturalmente certos fatores favorecem uma situação que venha a ser considerada pública ou privada, mas nenhum fator por si só é decisivo. Importa o comportamento do falante, independentemente do motivo que o leve a esse comportamento: se se comporta com base na sua condição de indivíduo, considera-se a interação privada; se se comporta com base no seu papel social (de profissional, cliente, funcionário, cidadão), a interação é considerada pública. Tratar de assunto profissional induz uma fala estruturada de maneira diferente. Assim, o assunto alteraria a estruturação da fala.

Definir público/privado, bem como definir monólogo/diálogo, é um problema sociolinguístico de importância. Assim, pode-se questionar ainda, por exemplo, se em uma interação informal existiria monólogo estrito ou se uma entrevista poderia ser considerada monólogo.

3.3 O cabeçalho

Os metadados presentes no cabeçalho seguem os mesmos critérios do C-ORAL-ROM, com a diferença, como já se viu na subseção 3.1, quanto à definição das faixas de escolaridade.

Veja-se o exemplo:

@Title: adoption
 @File: bfammn05²⁸
 @Participants: CAR, Carmosina (woman, C, 1, housekeeper, narrator, Alpercata/MG)
 MMM, Maryualê (woman, B, 3, PHD student, researcher, São Miguel do Oeste/SC)
 JUN, Junior (man, A, 2, visual arts teacher, CAR's son, Belo Horizonte/MG)
 @Date: 12/04/2008
 @Place: informant's house, Belo Horizonte
 @Situation: narration about how CAR adopted her youngest daughter, CAR's kitchen,
 CAR makes lunch, two clip-on mics not hidden, researcher participant
 @Topic: daughter's adoption
 @Source: C-ORAL-BRASIL
 @Class: informal, family/private, monologue
 @Length: 9' 52''
 @Words: 1583
 @Acoustic_quality: AB
 @Transcriber: Maryualê Malvessi Mittmann
 @Revisor: Heloísa Pereira Vale
 @Comments: JUN interrupts CAR's narration, CAR pronounces "dócia" when it
 should be "dócil", "amava" when it should be "amável", "vivenos" when it should be
 "vivendo", "outa" when it should be "outra", "capu" when it should be "capô", "memo"
 when it should be "mesmo". Sometimes CAR calls the researcher Mara and not Mary.²⁹

Os dados contidos no cabeçalho irão fornecer os dados estatísticos sobre as categorias de sexo, idade, nível escolar, ocupação e papel comunicativo exercido pelos falantes, assim como informações relativas às atividades exercidas durante a gravação, os assuntos e os locais de gravação. Os comentários podem conter observações sobre a natureza situacional julgadas importantes para a compreensão do texto como um todo ou de parte(s) dele e observações lingüísticas não acolhidas nos critérios de transcrição (que serão tratados na subseção 3.6), mas consideradas relevantes no caso específico. Busca-se usar o campo reservado para comentários com o fim de reduzir ao mínimo o recurso às linhas dependentes³⁰ previstas pelo sistema CHILDES-CLAN, porque estas dificultam a leitura do texto, além de serem geralmente ignoradas em *corpora* dessa natureza. Seu uso está relacionado à função original do sistema, desenvolvido para a

²⁸ Na sigla bfammn, *b* indica "PB" (assim como *i* para italiano, *e* para espanhol, *f* para francês e *p* para português europeu), *fam* indica "familiar" (assim como *pub* indica "público"), *mn* indica "monólogo" (assim como *dl* indica "diálogo" e *cv* indica "conversação"). O número ao final corresponde ao número do arquivo no *corpus*.

²⁹ Quando o *corpus* for publicado, o cabeçalho deverá estar em inglês. Haverá outros exemplos de cabeçalho no decorrer deste trabalho que ainda estão em português.

³⁰ A linha dependente é inserida no texto transcrito, imediatamente abaixo de um determinado turno, para comentar algum aspecto lingüístico ou situacional relevante para a compreensão do texto.

linguagem infantil, que necessita de um acompanhamento comentado contínuo para sua correta interpretação.

3.4 As gravações

Salvo poucas exceções, as gravações são realizadas em formato .wav com o seguinte equipamento³¹:

- gravadores digitais Marantz PDD660 com cartão de memória Compact Flash de 2 *gigabytes*;
- *kits wireless* Sennheiser Evolution EW100 G2 (*receiver*, *transmitter*, microfone de lapela) com dois *kits* bateria/carregador adaptados para o *receiver*, ou solução alternativa com bateria própria e seis microfones completos;
- microfones omnidirecionais Sennheiser MD 421 com pedestais Hunter PMP103 e cabos RCL303569 de 6 metros, ou sistema *wireless*;
- *mixer* Xenyx 1222 com cabos para seis entradas de microfones de lapela.

Os microfones de lapela são utilizados para gravações de situações dialógicas e monológicas, e o microfone omnidirecional, inicialmente, para gravações de conversações. Em um segundo momento, dada a dificuldade de se obter gravações de boa qualidade com o microfone omnidirecional, passou-se a gravar as conversações com microfones de lapela e *mixer*, permitindo que até seis falantes pudessem ser gravados com microfones monodirecionais sem fio. Entretanto, há boas gravações obtidas com o microfone omnidirecional, e em alguns casos obtiveram-se boas gravações de conversações com três ou quatro participantes utilizando-se apenas dois microfones de lapela, quando os falantes sem microfones estavam próximos a um falante com microfone.

³¹ As poucas exceções ao uso do equipamento são devidas a um número muito restrito de gravações realizadas em formato .mp3 ou em cabine acústica.

Quando realizadas com os microfones de lapela, as gravações são normalmente mantidas em estéreo, o que oferece maiores recursos para a análise da fala: permite, por exemplo, melhor identificar a fala de cada informante em caso de sobreposição de vozes, além de gerar uma melhor qualidade de som.

O equipamento possibilita gravações em ambiente natural com uma qualidade de som que permite no mínimo recuperar a curva de F0, fundamental para as análises prosódicas que são executadas por meio do *software* WinPitch. Em geral a qualidade obtida é apropriada também para análises segmentais.

Os participantes das gravações devem autorizá-las através da assinatura de um Termo de Consentimento (ANEXO A) aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais.

Indica-se, no cabeçalho de cada transcrição, a qualidade acústica das gravações, adotando-se um critério diferente daquele do projeto C-ORAL-ROM. Isso se deve às inovações tecnológicas que se sucederam desde que se iniciaram as gravações do projeto europeu (a partir dos anos oitenta)³². No C-ORAL-ROM usam-se as letras A, B e C para indicar, respectivamente, qualidade excelente, boa e aceitável. A letra D indica uma qualidade acústica tão baixa que impede que o arquivo seja parte integrante do *corpus*. No C-ORAL-BRASIL essas letras se mantêm, mas em princípio uma letra indica uma qualidade melhor no C-ORAL-BRASIL do que a indicada pela mesma letra no C-ORAL-ROM, em razão das melhorias tecnológicas. Além disso, no *corpus* brasileiro adota-se uma codificação da qualidade acústica mais complexa do que a do *corpus* europeu, utilizando-se, além das três possibilidades A, B e C, as combinações AB, BC e CD para qualidades intermediárias.

Possibilidade de se escutar claramente a fala dos informantes, qualidade do espectrograma, presença ou ausência de ruídos e de retorno, ganho, sobreposições de fala e situação de gravação são os parâmetros considerados para a determinação da qualidade acústica. Qualidade A indica gravações que, em princípio, permitiriam muitos tipos de estudos fonéticos; qualidade D indica gravações que somente podem ser usadas

³² As gravações do *corpus* C-ORAL-BRASIL tiveram início em 2007.

para estudos de natureza morfossintática ou lexical, porque a curva de F0 é ilegível ou inconfiável na maioria dos casos. As classificações intermediárias garantem a confiabilidade e a legibilidade de pelo menos 60% da curva. A categorização CD indica que a gravação pode ser utilizada no *corpus*, mas apenas se, por razões situacionais, não puder ser substituída, como quando, por exemplo, tratar-se de uma situação especialmente original ou interessante do ponto de vista situacional.

O rigor da classificação deve também levar em conta o tipo de interação e a situação. Assim, os critérios aplicam-se de forma mais rigorosa no caso dos monólogos, menos rigorosa no caso dos diálogos, e de forma ainda menos rigorosa no caso de uma conversação. O fato de as conversações possuírem um maior número de falantes já condiciona negativamente a qualidade acústica dessa tipologia interacional. Da mesma forma, não se pode esperar que um diálogo gravado em um supermercado apresente a mesma qualidade acústica de uma interação gravada em local silencioso. Em suma, a classificação indica a qualidade por si mesma, mas, em vista dos parâmetros supracitados, uma conversação classificada como de qualidade A pode vir a corresponder a um monólogo de qualidade AB.

Dentre as gravações realizadas até o momento, promovi um total de 12, das quais algumas foram desdobradas em mais de um texto e por vezes em vários outros textos, em virtude, no meu caso específico, das seguintes variáveis: 1) mudança de tipologia interacional (monológica ou dialógica) em uma mesma situação de gravação; 2) mudança da atividade desenvolvida durante a gravação; 3) alteração do número de participantes; 4) mudança de assunto.

3.5 As transcrições

Como já se disse na subseção 3.1, as transcrições são feitas segundo o sistema CHILDES-CLAN (MACWHINNEY, 2000), e a notação prosódica se faz com as indicações de Moneglia e Cresti (1997). A base é ortográfica, mas inúmeras adaptações foram adotadas para capturar fenômenos da fala do PB considerados especialmente importantes. Como já acenado, os critérios de transcrição serão discutidos na subseção 3.6.

A transcrição pretende capturar fenômenos que possam refletir processos de gramaticalização e lexicalização que estejam em curso. Concomitantemente, os critérios adotados devem considerar dois outros aspectos: 1) o texto transcrito não pode gerar problemas para a imediata compreensão do leitor; 2) as formas não-ortográficas devem estar ligadas a critérios que garantam a homogeneidade e a consistência do trabalho dos transcritores e não podem ocasionar mais problemas do que vantagens. Advém daí a dificuldade de se encontrar um equilíbrio entre a necessidade de captura dos fenômenos, a legibilidade do texto e a factibilidade da transcrição executada por muitos transcritores³³.

Ao mesmo tempo em que se apresentam dificuldades pela adoção de critérios para a transcrição, abrem-se novas perspectivas de estudo para fenômenos conhecidos mas nunca estudados com métodos quantitativos, com a possibilidade de se verificar estatisticamente sua coocorrência.

O principal problema acarretado pela adoção dos critérios de transcrição que serão apresentados diz respeito à necessidade de se programar um etiquetador léxico-morfossintático capaz de identificar as formas, fazendo-o com o mínimo de erros. A dificuldade se apresenta ainda maior se se considera que a unidade de base do *corpus* não é a frase mas o enunciado, que não é coadjuvado pelas regras da escrita. Para superar esse problema, o projeto conta com a parceria do autor do *software* Palavras (BICK, 2000)³⁴, programa para o português que apresentou os melhores resultados em testes com as transcrições do C-ORAL-BRASIL. Este etiquetador foi utilizado no Projeto Linguateca, *corpus* escrito do português europeu.

Uma transcrição exclusivamente ortográfica, como a do *corpus* de português do C-ORAL-ROM, encobre de forma definitiva os fenômenos mais interessantes da fala em nível léxico-morfossintático. Diverso e mais trabalhoso foi o procedimento adotado na confecção do *corpus* italiano, no qual se buscou registrar, através de uma atenta escolha dos critérios de transcrição, os principais fenômenos de lexicalização e gramaticalização em curso. Mas mais dificultosa se torna a operação no âmbito do PB, em especial na

³³ O grupo de base é composto por sete pessoas.

³⁴ Ver <http://visl.hum.ou.dk/Linguistics.html>. Ver também referências às publicações de Bick em <http://beta.visl.sdu.dk/~eckhard/Artikeloversigt.html>.

diatopia mineira, se considerarmos que se trata de uma língua em rápida transformação e com alomorfia apresentando um altíssimo nível de coarticulação devido ao forte componente acentual³⁵.

Ao mesmo tempo em que são necessários um grande esforço para implementar os critérios nas transcrições, uma formação rigorosa e atenta dos transcritores e um longo processo de revisão, dispor de transcrições com o registro dos fenômenos de lexicalização e gramaticalização em curso irá possibilitar o desenvolvimento de análises muito interessantes, com base estatística, da frequência e coocorrência dos vários fenômenos nos diversos contextos, ou seja, em cada ramificação do *corpus* e em nível diastrático e individual.

3.6 Os critérios de transcrição³⁶

Como já se disse na subseção anterior, os critérios adotados no C-ORAL-BRASIL buscam, por um lado, abarcar o maior número de fenômenos potencialmente em curso de gramaticalização e lexicalização na fala espontânea, e, por outro, fazer com que as transcrições sejam factíveis e legíveis. A quantidade de fenômenos contemplados não pode sobrecarregar os transcritores, que acabariam cometendo mais erros do que normalmente se esperaria, e isso iria requerer um número muito maior de revisões, reduzindo, conseqüentemente, o nível de confiabilidade do trabalho ou até mesmo inviabilizando-o. Ademais, os fenômenos devem ser percebidos de maneira clara e consistente para que não haja escolhas de soluções diferentes por diferentes transcritores ou escolhas de soluções diferentes para o mesmo fenômeno pelo mesmo transcritor.

Em vista dessas necessidades, procurou-se manter a maior coerência possível na escolha dos fenômenos a serem contemplados – aqueles que podem estar gerando alguma mudança no sistema do ponto de vista lexical ou morfossintático. Assim, foram excluídos fenômenos que, ainda que extremamente recorrentes na língua, não estão sujeitos a processo de gramaticalização, a saber:

³⁵ Relativamente ao PB, é mais fácil transcrever fenômenos de alomorfia de uma língua de base silábica como o italiano, que apresenta poucos e limitados fenômenos de coarticulação e uma tradição ortográfica antiga para fenômenos locais, quase todos relativamente estabilizados.

³⁶ Ver Mello e Raso (2009). É de tamanha importância o tema dos critérios de transcrição que ora vem apresentado, que se optou por dedicar-lhe uma seção independente da anterior em vez de tratá-lo como uma sua subseção.

- fenômenos de natureza exclusivamente fonética, como, por exemplo, assimilação nos gerúndios (*falando>falano*), apócope do *-r* nos infinitivos (*falar>falá*), vocalização da lateral palatal (*velho>véio*) e ditongação em finais nasais (*bom>bão*);
- fenômenos de sândi, pois acabariam por gerar um sem-número de diferentes formas para a mesma palavra em função de fatores que não influem em processos de gramaticalização ou lexicalização, como, por exemplo, a velocidade de elocução;
- paragoge de [i] depois de consoante, freqüente em palavras de origem estrangeira que não possuam uma grafia convencionalizada em português, como *cult>culti* ou *golf>golfti*³⁷;
- fenômenos de palatalização de [t,d] antes de vogal palatal, palatalizações de [s] em certos contextos e outros fenômenos dessa natureza;
- alongamentos fonéticos – um caso como *Jeeeesus* é transcrito *Jesus*; se for particularmente significativo, pode-se registrar o fenômeno em linha dependente ou nos comentários do cabeçalho.

Naturalmente poderiam ter sido contemplados ou desconsiderados outros fenômenos, mas é certo que os critérios adotados, se corretamente aplicados, irão viabilizar estudos em que não se poderia pensar anteriormente.

Foi longo o processo de definição dos critérios. O rol sofreu inúmeras alterações e acréscimos, e ainda hoje se impõem aos transcritores novos questionamentos que emergem de textos que ainda estão sendo transcritos e revistos. Assim, não se pode dizer categoricamente que a lista de convenções esteja concluída, mas dado que já foram transcritos mais de 80 textos e cerca de 110.000 palavras, parece improvável que venha a ser ainda ampliada, e portanto eventuais acréscimos seriam mínimos. Vale

³⁷ Em muitos falantes o [i], e em certos casos até um [e], é inserido epenteticamente em palavras que apresentam encontros consonânticos estranhos à estrutura silábica do PB, como *pragmática>praguimática* ou *advogado>adevogado*.

lembrar que, não fosse o trabalho atento dos transcritores, não seria possível enriquecer a lista.

A grande dimensão do rol de convenções gerou um problema de ordem metodológica: a escolha do etiquetador para a etiquetagem lexical e morfossintática. Os etiquetadores de que se tem notícia baseiam-se normalmente no português europeu; baseiam-se, além disso, na díamesia escrita, portanto com o inconveniente de tomar como unidade de análise a frase, com base nos critérios de pontuação, e não o enunciado, com base nos critérios das quebras prosódicas. Poder-se-ia até considerar a quebra terminal como ponto final e a quebra não-terminal como vírgula, mas isso implicaria um enorme pós-processamento manual ou semi-automático, uma vez que a interpretação dos elementos seria feita com base nas construções típicas da escrita mas em seqüências “pontuadas” com base em unidades típicas da fala. Poder-se-ia também treinar um *software* existente ou criar um novo *software* para o reconhecimento automático do enunciado como unidade e da sua segmentação interna.

Realizados os testes com os principais etiquetadores para o português, os melhores resultados foram obtidos através do *software* Palavras (BICK, 2000), como já se disse na subseção anterior. Bick foi então convidado a integrar o projeto para adequar o programa às exigências do *corpus*, incluindo os critérios de segmentação prosódica e os de transcrição não-ortográficos. Para tal, foi-lhe enviado um conjunto de transcrições revisadas que perfaziam cerca de 20.000 palavras. Os resultados da operação indicarão as necessidades de pré-processamento³⁸ para que as formas sejam reconhecidas pelo *software* com uma margem de erro aceitável.

Particpei ativamente da elaboração dos critérios de transcrição, seja por meio dos questionamentos que levantei à medida que me deparava com problemas ao longo do processo de transcrição e mesmo de revisão dos textos, o que gerou alterações e acréscimos no elenco de convenções, seja por meio da participação das inúmeras discussões e proposições de soluções, e ainda através da sistematização dos fenômenos elencados. Fui a pessoa responsável por coordenar e intermediar a discussão entre os coordenadores do projeto e o grupo de transcritores.

³⁸ O pré-processamento será em muito facilitado pelo uso do programa R (<http://www.r-project.org/>) aplicado aos estudos de *corpora*, praticamente eliminando operações manuais.

3.6.1 Os critérios não-ortográficos³⁹

Nas subseções seguintes vêm elencados os critérios de transcrição não-ortográficos. Fenômenos não elencados são transcritos ortograficamente e com base na ortografia tradicional em vigor até 2010, pois as transcrições foram iniciadas antes da reforma ortográfica por transcritores acostumados com os critérios antigos. Para qualquer dúvida ortográfica foi tomado como referência o dicionário Houaiss em CD⁴⁰.

3.6.1.1 Fenômenos gerais

3.6.1.1.1 Ruídos paralingüísticos

Os ruídos paralingüísticos (tosse, riso etc.) são transcritos *hhh* e não são segmentados, a menos que possuam um valor ilocucionário, como quando, por exemplo, um falante pede dinheiro emprestado e recebe como resposta um riso que vale como uma recusa frente ao absurdo do pedido. Nesse caso, é atribuído valor comunicativo ao riso, que é portanto transcrito *hhh //*. Convencionou-se transcrever de maneira diferente alguns ruídos paralingüísticos: é o caso do *click* que convencionaliza manifestação de incômodo (transcrito *nts*) e do ruído usado freqüentemente para chamar alguém (*psiu*). Nesses casos, por se tratar de ilocuições, há segmentação.

3.6.1.1.2 Letras do alfabeto e números

As letras do alfabeto e os números são transcritos como são pronunciados: *a*, *bê*, *cê*, *xis*, *jota* etc. No caso dos números compostos, insere-se um hífen entre os elementos que os compõem: por exemplo, *mil-duzentos-e-quinze*, *quinhentas-e-cinqüenta*, *dois-mil-e-nove*. A razão disso é que a identificação através do hífen permite, com um simples comando, tanto a avaliação dos números como uma palavra só, quanto a avaliação como várias palavras. Ademais, permite automaticamente a eliminação das conjunções *e* quando são parte integrante de numerais. A tradição ortográfica de outras línguas do C-ORAL-ROM (como o italiano) prevê que os números sejam uma única palavra. Com a

³⁹ Toda a sistematização dos critérios está descrita em Mello e Raso (2009).

⁴⁰ <http://www.dicionariohouaiss.com.br/>

inserção do hífen podem-se evitar desproporções indesejadas nas comparações de algumas medidas da fala.

3.6.1.1.3 Siglas e acrônimos

As siglas e acrônimos são transcritos com letras maiúsculas se pronunciados como palavras, como por exemplo *TAP*, *UFSC*; são transcritos como palavras mas com letras minúsculas se pronunciados soletrando-se, como por exemplo *devedê*, *fenemê*, *cefete*, *uefemegê*; se já são considerados palavras da língua, ou seja, se não mais são tidos como siglas ou acrônimos, são transcritos em minúsculas, como por exemplo *radar*. Quando seguidos por números, estes são transcritos após as siglas ou acrônimos, independentemente de fazerem ou não parte deles; a razão disso é que em siglas ou acrônimos técnicos não se pode esperar que o transcritor saiba se o número é parte deles, se diz respeito a uma versão do produto por eles indicados (ex.: *emepeg um*), ou se indica qualquer outra coisa (ex.: *ele baixou o emeppeg quatro vezes*). OK é transcrito *oquei*.

3.6.1.1.4 Palavras estrangeiras e erros de pronúncia

Se existe uma tradição gráfica em português, as palavras estrangeiras são transcritas segundo essa tradição, ou seja, conforme a ortografia da língua portuguesa (ex.: *estresse*, *estéreo*), a não ser que fique claro que a pessoa esteja falando com a pronúncia estrangeira (ex.: *stereo*). Em caso de inexistência de uma forma aportuguesada, respeita-se a grafia em língua estrangeira. Se a pronúncia da palavra estrangeira é incorreta (ex.: *Big Broguer* ao invés de *Big Brother*), transcreve-se a forma pronunciada e registra-se o erro nos comentários do cabeçalho. No caso da expressão *et cetera*, convencionou-se transcrevê-la como uma única palavra (*etcetera*). Nomes de produtos estrangeiros (*Youtube*, *Google Maps*, *Google Videos*), ainda que haja a forma aportuguesada para a palavra, como no caso de *Google Videos*, em que há *vídeo* para *video*, são transcritos com a grafia original. Quanto aos erros de pronúncia em palavras do português ou de qualquer língua, se o falante erra e se corrige, registra-se simplesmente a presença do erro e da correção. Se o falante erra sem se corrigir, transcreve-se a forma pronunciada e registra-se o erro nos comentários do cabeçalho. Em, por exemplo, *eu fui esfaquejada / esfaqueada //*, há correção. Se não houvesse a correção, deveria ser transcrita apenas a

forma errada, efetivamente pronunciada, devendo ser feita uma observação nos comentários do cabeçalho. Formas frequentes de erros como, por exemplo, *poblema* são mantidas e sinalizadas nos comentários.

3.6.1.1.5 Títulos e citações

Os títulos são transcritos sempre com maiúsculas e sem aspas duplas: *Estado de Minas, Programa do Jô, Pixote*. As citações são transcritas entre aspas duplas (ex.: *ele falou “pato” em vez de “gato”*).

3.6.1.2 Fenômenos de aférese

Os fenômenos de aférese podem ser indício de processo de lexicalização, a não ser quando são casos de sândi devido a uma fala rápida e coarticulada. Alguns exemplos: *brigado*<*obrigado*; *cabou*<*acabou*; *güentar*<*agüentar*. Como não é possível exigir dos transcritores uma avaliação de quais aféreses é interessante transcrever e quais não, não se podendo também esperar nem mesmo de um lingüista maduro que tome uma decisão a respeito com a total certeza sempre, os fenômenos de aférese geram um problema de importância para o etiquetador, resolvível apenas pelo pré-processamento se se mantém uma listagem de todos os casos. Por essa razão, cada transcritor elenca nos comentários do cabeçalho de cada texto todas as formas aferéticas ali presentes. É possível que, na conclusão do *corpus*, algumas formas aferéticas não consideradas interessantes para os fins do C-ORAL-BRASIL sejam normalizadas.

3.6.1.3 Fenômenos relativos a verbos

3.6.1.3.1 Formas dos verbos *estar, ir, vir, ter, poder e deixar*

Todas as formas aferéticas do verbo *estar* são respeitadas na transcrição. Transcreve-se portanto: *tô, tava, tá, tando, tar, tão* etc., inclusive a forma *teje*. O infinitivo sempre mantém o *-r* mesmo se não pronunciado, como se convencionou para os demais verbos. As formas de primeira pessoa plural do verbo *ir* podem ser transcritas *vamos, vamo e vão*, dependendo da pronúncia. Contudo, como muitas vezes a pronúncia é do tipo *vam*, em caso de dúvida entre *vamo* e *vão* a preferência é pela primeira forma. Com isso

objetiva-se ter certeza da pronúncia *vão* para poder verificar se há gramaticalização em certas funções de uso (como por exemplo a função exortativa). O verbo *vir* é transcrito *vim* quando for assim pronunciado. Quanto ao verbo *ter*, é freqüente a forma *tem* por *tenho*, seja na perífrase *tenho que/tenho de*, seja quando o verbo é simplesmente seguido por objeto. A pronúncia *tem* é sempre respeitada na transcrição. As formas apocopadas equivalentes a *pode*, do tipo *po'* (como em *po' fazer*) são igualmente respeitadas na transcrição e portanto são transcritas *po'*. A forma *deixa* do verbo *deixar* é transcrita ortograficamente quando é pronunciada *deixa* ou *eixa*, mas é transcrita *xá* quando é aferética da primeira sílaba. Diversamente, a grafia não é influenciada pela perda da final, de difícil avaliação perceptiva; assim, uma cadeia como *exeuê* é transcrita *deixa eu ver*, e uma cadeia como *xovê* é transcrita *xá eu ver*.

3.6.1.3.2 Primeira pessoa do plural, formas não-padrão e paradigmas reduzidos

A primeira pessoa do plural transcreve-se respeitando a pronúncia: por exemplo, *empurramos* ou *empurramo*, conforme for pronunciada. Analogamente é respeitada na transcrição a forma não-padrão *empurremo*, assim como as outras formas não-padrão, como *seje* por *seja*. A redução das desinências nos paradigmas verbais é sempre respeitada na transcrição. Portanto são mantidos os tipos *nós faz*, *eles foi*, *vocês faz*, *tu é* etc.

3.6.1.3.3 Perífrases aspectuais e formas seriais

Dois tipos que podem ser facilmente confundidos na fala rápida são freqüentes no PB: as perífrases aspectuais (*eu pego e faço*, *ele virou e falou*, *ocê chega e diz*), em que o primeiro verbo possui valor aspectual e é separado do verbo semanticamente pleno pela conjunção; as formas seriais, em que os mesmos verbos são simplesmente justapostos sem a presença da conjunção (*virou falou*, *foi falou* etc.). Em virtude da escassa consistência fonética da conjunção, é muito fácil confundir as duas formas na fala espontânea. Os transcritores estão cientes desses casos e foram orientados no sentido de transcrever a forma serial se nada sinalizar a percepção da conjunção (nem mesmo o alongamento da vogal antecedente).

3.6.1.3.4 A forma *tó*

A forma *tó*, do verbo *tomar* no imperativo (equivalente a *toma/tome*), com sentido de transferência de posse, é transcrita como pronunciada. É até discutível se tal forma mantém seu estatuto verbal em todas as ocorrências.

3.6.1.4 Fenômenos relativos ao sistema pronominal e preposicional

3.6.1.4.1 Cliticização do pronome sujeito

A cliticização (ou enfraquecimento) dos pronomes sujeito é um fenômeno comumente considerado em curso de gramaticalização no PB. Ainda que isso não signifique que todas as formas de pronomes sujeito se reduzam, impõe-se a necessidade de se estudar quando e em quais contextos o fenômeno acontece, e em coocorrência com quais outros fenômenos. Assim, os critérios de transcrição prevêm uma série tônica de pronomes sujeito, que segue a ortografia tradicional, e uma clítica, com base nas formas seguintes: *cê, cês* para a segunda pessoa; *e', es, ea, eas* para a terceira pessoa. Às formas tônicas foram acrescentadas *ocê, ocês* para a segunda pessoa⁴¹. Optou-se por não prever nenhuma forma clítica para a primeira pessoa (correspondente a *eu* e *nós*) pela extrema dificuldade em distinguir de forma consistente as formas tônicas das reduzidas – diferentes transcritores e até o mesmo transcritor em momentos diferentes tomariam decisões inconsistentes, que comprometeriam a confiabilidade de estudos estatísticos. Vale observar que a pronúncia *cê* ou *ea* (ou de outros casos da série clítica) não indica necessariamente formas clíticas. Verificou-se, em falantes de diastratia baixa, a forma *ea* claramente tônica bastante freqüente, até com valor contrastivo. Sendo assim, é possível haver casos de *cê* em que a sibilante inicial é pronunciada com maior intensidade, sendo a vogal alongada, casos em que a forma é também tônica. Nesse ponto vale lembrar que a tarefa do transcritor não envolve a análise funcional, e portanto ele deve se ater à transcrição com base na percepção. Assim, a decisão sobre quais formas da série clítica são verdadeiramente clíticas deve ficar a cargo de posteriores estudos, que de toda maneira requerem que se faça, em fase de transcrição, a diferenciação das formas.

⁴¹ Formas estas muito comuns na variedade mineira.

3.6.1.4.2 Os pronomes demonstrativos

Também os pronomes demonstrativos apresentam uma série dupla: as formas *aquela*, *aqueles*, *aquela*, *aquelas*, e as formas *aque'*, *aque*, *aquea*, *aqueas*. Tais formas serão retomadas na subseção 3.6.1.4.4, sobre sua composição com as preposições.

3.6.1.4.3 As preposições

As formas contraídas das preposições articuladas são respeitadas nas transcrições: *pra*, *pro*, *pras*, *pros*, *prum*, *pruns*, *pruma*, *prumas*; *num*, *numa*, *nos*, *nas*; *dum*, *duma*, *duns*, *dumas*; *cum*, *cuma*, *cuns*, *cumas*, *co*, *ca*, *cos*, *cas* (com o valor de *com* + *artigo*, e nunca com o valor da simples preposição *com*) etc. São previstas também as formas *pa* (= *para a*), *po* (= *para o*), *pum* (= *para um*) e *puma* (= *para uma*). A preposição *em* é transcrita como *ni* quando assim é pronunciada (*ni mim*, *ni entrevista* = *em mim*, *em entrevista*).

3.6.1.4.4 Combinações de preposições e pronomes

Considerando as duplas séries de pronomes pessoais e demonstrativos e as várias formas preposicionais, foi preciso estabelecer critérios para a transcrição das várias combinações possíveis entre preposições e pronomes. Decidiu-se, pois, adotar um princípio de natureza composicional para que se contemplassem todas as combinações dos elementos previstos sob forma isolada, preservando o espaço entre os dois elementos nos casos em que a ortografia do PB não prevê uma forma única. Assim, são previstas as formas *pr' ocê(s)*, *n' ocê(s)*, *c' ocê(s)*, *d' ocê(s)* e combinações com *para/pra/pa/p'*, *com/c'*, *de/d'*, *em/ni/n'*, *por* e os pronomes. No caso da forma *des* (para *deles*), ou *nes* (para *neles*), dado que o PB prevê a ortografia *deles* e *neles*, a forma contraída também é uma palavra única, diferentemente dos casos de *pr' es*, *c' es* etc. Sendo previstas as formas *p'* e *cê*, é possível criar *p' cê*, como também se pode ter *c' ocê* e *c' cê* se é esta a pronúncia. Em suma, o princípio se aplica à composição de todas as formas previstas em isolamento, e após o apóstrofo mantém-se um espaço. Poder-se-ia pensar que é possível criar *c' ele* para *com ele*. Entretanto, como não é prevista a forma *co* (para *com*, já que *co* é forma da preposição combinada com o artigo), não é possível a composição *co ele*, e portanto deve-se escrever ortograficamente *com ele*. O

critério composicional é bastante produtivo, pois desobriga o transcritor de prever todas as formas *a priori*. Segue-se o mesmo critério para a composição de preposições e demonstrativos – uma vez previstas as formas *daqueles* e *naqueles* na ortografia tradicional, suas formas contraídas serão *daques* e *naques* (e assim *daque'*, *naquea* etc.); quando a forma única não é prevista, recorre-se à composicionalidade com apóstrofo e espaço, como em *c' aques*, *pr' aques* etc.

3.6.1.4.5 Os pronomes interrogativos, os relativos e os pseudo-relativos

Em construções interrogativas do tipo *que que*, *por que que*, *quando que*, *quanto que* etc., não se transcreve o verbo *é* se ele não é pronunciado. Transcreve-se, pois, *que é que cê faz* somente se o verbo é pronunciado; não sendo pronunciado, transcreve-se *que que cê faz*. Se a pronúncia do primeiro *que* é com *e* aberta, considera-se que o verbo é pronunciado e transcreve-se *que é que* (e não *qu' é que*). Fenômeno parecido ocorre nas construções clivadas. Um caso como *Maria é que faz* pode ser pronunciado *Maria que faz*, e a transcrição obedecerá à pronúncia. Ocorre freqüentemente, após um demonstrativo, a supressão do *que* em casos como *esse (que) cê tá experimentando*, *esse (que) tá na sua mão é oito* ou *por isso (que) cê tá sentindo*. Se o *que* é minimamente percebido, deve ser transcrito. A expressão de espanto ou de surpresa *que isso* ou *que é isso* pode ser realizada com o *e* do *que* aberto ou fechado. No primeiro caso se transcreve com o verbo (*que é isso*); no segundo, sem o verbo (*que isso*). Quando tem valor nominal, o *que* é transcrito conforme a norma ortográfica, ou seja, com acento circunflexo (*quê*).

3.6.1.5 Marca de plural, exclamações e onomatopéias

3.6.1.5.1 Marca de plural

A pronúncia de palavras sem a marca de plural é respeitada na transcrição. Portanto: *os carro* / *os menino bonito* etc. Quando ocorrem exclamações ou outras construções invariáveis com marca de plural, como em *ques menino bonito* (= *que meninos bonitos*), *ois menino* (saudação = *oi meninos*), *ôs menino* (chamamento = *ô meninos*), também se respeita a pronúncia na grafia.

3.6.1.5.2 Exclamações para afirmar ou negar

Certas exclamações são usadas com extrema frequência para afirmar ou negar, e também para outras ilocuções. São elas *hum hum* e *ham ham* (em caso de afirmação ou ironia) e *uhn uhn* e *ahn ahn* (para negação). Todas podem ser encontradas de forma isolada (ainda que não seja o caso mais frequente), isto é, pode-se ter apenas o elemento *hum*, ou *ham*, ou *uhn*, ou *ahn*, sendo que as duas primeiras veiculam ilocuções que não as de afirmação ou ironia, e as duas últimas, ilocuções outras que não a de negação. Nesses casos transcreve-se a forma isolada. Casos em que se veicula uma afirmação nos dois elementos sem que haja a aspiração no primeiro (como em *ahn ham* e *uhn hum*) são transcritos *ham ham* e *hum hum*.

3.6.1.5.3 Exclamações com vogais

As exclamações *ah*, *ih*, *uh* não apresentam dificuldades. No caso de *oh* (exclamação), a forma deve ser distinguida de *ô* (vocativo: *ô João, vem aqui*) e de *o'* (por *olha*). Quando se torna difícil distinguir entre *oh* e *o'*, recorre-se a uma prova de comutação: se a exclamação pode ser substituída por *ah*, significa que deve ser transcrita *oh*; em caso contrário, transcreve-se *o'*. A abreviação de *olha* pode gerar a forma *a'* em *a' lá* ou *a' ela lá* etc. Difícil também pode ser a distinção entre *eh* (exclamação), *&he* (tomada de tempo) e *é* (do verbo *ser*). A distinção entre *eh* e *&he* também pode ser feita por uma prova de comutação, mudando-se a vogal da exclamação; quanto à distinção entre *é* e *&he*, cumpre dizer o seguinte: no PB é frequente o uso de *é* com função de concordância, equivalente a *sim* ou *oquei*, por exemplo. Não sendo sempre claro se se trata de expressão de concordância ou de tomada de tempo, convencionou-se que sempre que a forma é substituível por outra expressão de concordância, deve ser transcrita como *é*.

3.6.1.5.4 Exclamações religiosas

Exclamações de cunho religioso são transcritas com inicial maiúscula, e respeitam-se as formas abreviadas *Nossa*; *No'*; *Nu'* (para *Nossa Senhora*), *Vixe'* (para *Virgem Maria*), *Aff'* (para *Ave Maria*), com pronúncia em uma ou duas sílabas.

3.6.1.5.5 Onomatopéias

Em caso de onomatopéias, transcreve-se conforme se pronuncia: a onomatopéia para o bater na porta, por exemplo, pode ser transcrita *toque toque toque* ou *toc toc toc*, dependendo de como for pronunciada; para choro de bebê, pode-se transcrever *ué* se esta for a pronúncia. Se o transcritor julgar necessário explicar a forma transcrita, pode fazê-lo em linha dependente ou nos comentários do cabeçalho.

3.6.1.6 Outros fenômenos

3.6.1.6.1 Negações

Freqüentemente a negação *não* se apresenta sob forma clítica ou enfraquecida. Decidiu-se criar um elemento não-ortográfico (*nũ*) para registrar o fenômeno, pois seria interessante estudar tal forma em termos de valor funcional e distribuição. Para a cadeia *nenão*, decidiu-se de transcrever *n' é não* (com espaço entre *n'* e *é*) por se tratar de fenômeno de sândi, que permite mesmo uma interpolação como *n' é assim não*. Entretanto, há casos em que a cadeia *nenão* não corresponde a *n' é não*, e sim a *né não* (como no pedido de confirmação *isso é bem legal, né não?*⁴²), casos esses de fácil distinção.

3.6.1.6.2 Diminutivos

Respeitam-se na grafia os diminutivos apocopados. *Sozinho*, por exemplo, é transcrito *sozim* quando é esta a pronúncia. O fenômeno é raríssimo no feminino mas freqüente no masculino, fazendo supor um processo de gramaticalização, o que já sinaliza a necessidade de se fazer um estudo. O diminutivo pode apresentar mais de uma forma, como em *devagarinho* e *devagarzinho*. Transcreve-se tal como se pronuncia.

⁴² Aqui foram utilizados vírgula e ponto de interrogação apenas para tornar claro o exemplo. Vale lembrar que nas transcrições do C-ORAL-BRASIL não se usa a pontuação convencional.

3.6.1.6.3 *Senhor e senhora*

A forma *senhor* é transcrita conforme sua pronúncia, podendo se apresentar sob as seguintes representações: *senhor*, *sior*, *seu*, *sô*. A pronúncia *sinhô* é transcrita *senhor*. *Senhora* é transcrita como *sio'* quando há queda da sílaba final (*-ra*). A forma *sá* (como em *sá Maria*) é transcrita como pronunciada, ou seja, *sá*.

3.6.1.6.4 O intensificador *mó*

É comum no PB o uso de *mó* (contração de *maior*) como intensificador, que pode apresentar também o sentido de *muito* (*mó legal*, *mó barato*, *mó mal* etc.). A forma, tanto com o sentido de *maior* quanto com o de *muito*, é transcrita tal como se pronuncia, ou seja, *mó*.

3.6.1.6.5 Rotacismo

Respeitam-se na transcrição os casos de rotacismo (como *Cráudia* ao invés de *Cláudia* ou *farta* ao invés de *falta*). Este é o único caso em que se decidiu registrar um fenômeno exclusivamente fonético que não tenha qualquer perspectiva de se lexicalizar ou de gerar efeitos morfossintáticos. Isso porque se trata de um fenômeno freqüente e perceptualmente relevante, cuja normalização acarretaria mais dificuldade para os transcritores do que a sua manutenção.

3.7 A segmentação

Como já visto ao longo deste trabalho, as transcrições são segmentadas em enunciados e unidades tonais, segundo os mesmos critérios adotados para o C-ORAL-ROM, salvo algumas pequenas mudanças. Os símbolos usados são os seguintes:

- (*) para indicar início de turno;
- (%) para indicar início de linha dependente;
- (ABC) para identificar o informante;

- (//) para indicar quebra entonacional percebida como terminal, ou seja, em fronteira de enunciado;
- (/) para indicar quebra entonacional percebida com valor não-terminal, ou seja, em fronteira de unidade tonal (com valor informacional, em princípio) interna ao enunciado;
- (+) para indicar enunciado interrompido, representando um outro tipo de quebra prosódica terminal, mas sinalizando que o enunciado deixou de ser completado por alguma razão;
- (< >) para indicar sobreposição de fala;
- ([/n°]) para indicar *retracting* ou falha na execução do enunciado. O número após a barra simples indica o número de palavras envolvidas na retração e canceladas pelo falante na retomada do texto;
- (&) para indicar palavra interrompida (como *&ter* quando a palavra *terra* não é completada);
- (&he) para indicar hesitação ou silêncio preenchido;
- (“ ”) para indicar citação;
- (hhh) para indicar comportamento paralingüístico (riso, choro, tosse, ruídos feitos com a boca);
- (xxx) para indicar palavra ininteligível;
- (yyy) para indicar palavra censurada;
- (yyyy) para indicar trecho de áudio não-transcrito.

Pode haver quebras dentro das palavras, quando há casos de silabação, mas este é um fenômeno raro.

Veja-se o exemplo:

*KAR: *de / ti //*

*EDU: *jolo //* (CD, arquivo 26)

Nesse caso KAR cumpre uma ilocução de sugestão em que começa a pronunciar a palavra que quer que EDU pronuncie como resposta a uma pergunta que lhe havia sido formulada, e EDU completa a palavra. Assim, a palavra *tijolo* pertence, na primeira sílaba, à fala de KAR, sendo seguida por uma quebra terminal; as duas sílabas seguintes pertencem à fala de EDU e são seguidas por outra quebra terminal. Menos raros são os casos de silabação pelo mesmo informante; neles se verificam, entre uma sílaba e outra, quebras não-terminais, como em *eu disse ci / ne / ma //*.

Abaixo seguem exemplos dos diferentes tipos de quebras em fragmentos de fala extraídos do *corpus* C-ORAL-BRASIL:

(1) Enunciados simples no mesmo turno:

*PAU: *bom //* Rogério // (CD, arquivo 27)

*FLA: *é //* me falaram // que ele é muito <bom> // (CD, arquivo 28)

*FLA: *hhh o nosso tá longe //* tá em outra cidade // (CD, arquivo 29)

*REN: <ham ham // é // tá> // tá certo // brigada // (CD, arquivo 30)

(2) Enunciado complexo:

*CAR: *e outra também / que / quando nós fomos levar o papel do advogada lá pra assinar / que a advogada é que mexeu pra mim / ela nã queria assinar //* (CD, arquivo 12)

(3) Enunciado interrompido, seguido pela interrupção do outro falante:

*PAU: aí / por exemplo +

*ROG: aqui já tá dando [/4] aqui já tá dando a altura // (CD, arquivo 31)

(4) *Retracting*:

*ROG: aqui já tá dando [/4] aqui já tá dando a altura // (CD, arquivo 32)

(5) Trecho de fala transcrito e segmentado:

*PAU: bom // Rogério //

*ROG: uhn //

*PAU: cê sabe aqui como é que [/3] como é que tem que fazer esse muro aqui / né // por que que cê ã tá trabalhando com linha / aqui olha //

*ROG: ah / então eu vou [/2] eu vou &f +

*PAU: hein //

*ROG: eu vou &coloc [/3] eu vou suspender mais um pouquim aqui / vou pegar a linha / e vou colocar por cima //

*PAU: ah / porque senão // aqui o' // aí / por exemplo +

*ROG: aqui já tá dando [/4] aqui já tá dando a altura //

*PAU: olha aqui // não // tá dando a altura / daquele que a <Isa> marcou <lá / né> //

*ROG: <é> // <é / que a> Isa marcou ali // que a dona <Isa marcou> // (CD, arquivo 33)

O trecho acima transcrito foi extraído de uma gravação realizada ao ar livre entre um engenheiro e um pedreiro durante a construção de um muro. A qualidade acústica é AB. Por meio do *software* WinPitch, obtém-se a seguinte imagem do espectrograma relativo a esse fragmento:

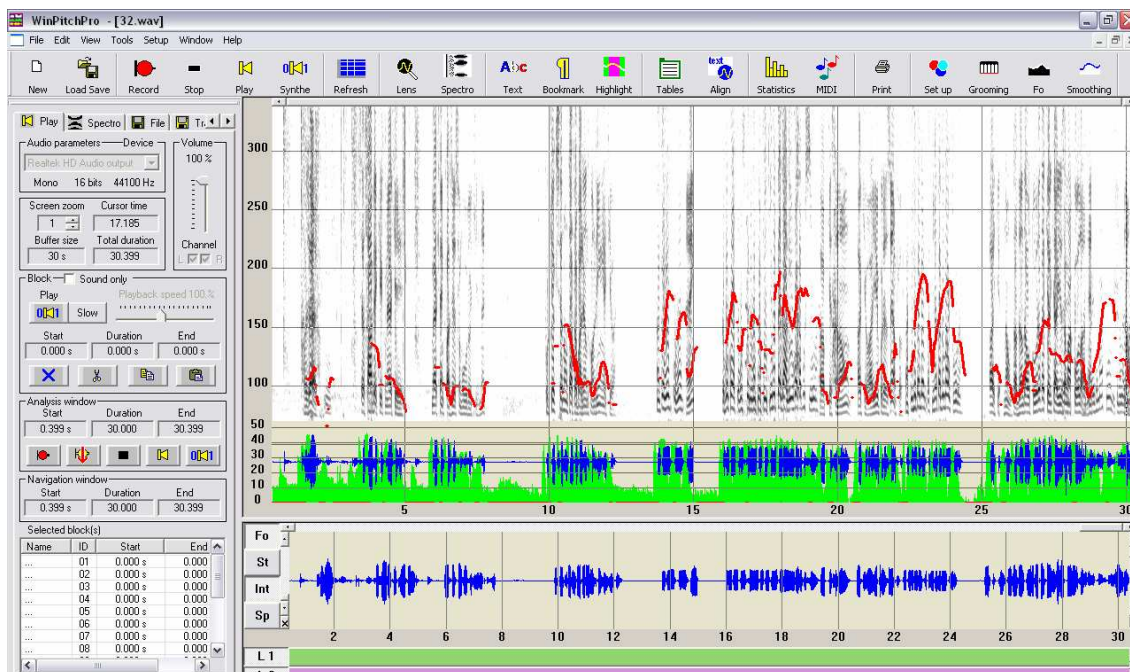


FIGURA 26 - Espectrograma relativo a fragmento do diálogo “obra no sítio”

3.8 O processo de transcrição e segmentação e sua validação estatística⁴³

O processo de segmentação é contemporâneo à transcrição, pois ambas as atividades se realizam a partir da percepção acústica. É bastante complexo⁴⁴ e requereu um longo treinamento⁴⁵ que envolveu todos os participantes do projeto. Após o treinamento, foram selecionados dez potenciais transcritores para a realização de testes. Sendo os transcritores orientados a se guiarem unicamente por sua percepção em relação à presença ou ausência de quebras prosódicas e do seu caráter terminal ou não-terminal, gera-se uma certa desuniformidade no produto final, uma vez que indivíduos diferentes podem perceber de forma diferente quebras perceptualmente mais fracas, em função de fatores como nível de atenção e variedade lingüística do transcritor. Foi essa diferença natural de percepção que impôs a necessidade de se elaborar o treinamento para os transcritores, após uma fase de formação teórica acerca dos critérios de segmentação, e posterior aferição do acordo pelo teste Kappa⁴⁶ (FLEISS, 1971).

⁴³ Todo o processo de validação estatística está descrito em Raso e Mittmann (submetido para publicação). A validação buscou assegurar que o produto final tivesse a maior uniformidade possível quanto à segmentação da fala.

⁴⁴ A esse respeito vejam-se, para o C-ORAL-ROM, Danieli *et al.* (2004) e Moneglia *et al.* (2002).

⁴⁵ Foram realizados três *workshops* e uma disciplina de pós-graduação como parte do treinamento.

⁴⁶ O Kappa é uma medida de concordância entre observadores, com valor entre 0 e 1; 0 significa que o acordo não existe ou é o esperado pelo acaso, e 1 indica acordo total. Um valor Kappa >0 indica alguma concordância. A interpretação dos resultados varia de acordo com o critério adotado pelo pesquisador,

Inicialmente se formaram três grupos, sendo dois compostos de três transcritores, e um de quatro transcritores. O chamado grupo 1 era composto de uma aluna de doutorado, uma de mestrado e uma de graduação que posteriormente ingressou no programa de mestrado, as quais haviam demonstrado durante o treinamento uma maior aptidão para a atividade de segmentação e um comprometimento maior com o projeto. O grupo 2 era formado por uma aluna de doutorado, uma mestre que posteriormente ingressou no programa de doutorado e uma aluna de graduação, as quais apresentavam maior preparo e comprometimento dentre os estudantes remanescentes. O grupo 3 era composto de uma mestranda⁴⁷ e três alunos de graduação que haviam integrado o projeto há menos tempo ou que apresentavam um menor grau de comprometimento.

Os grupos eram submetidos a testes, e os casos de desacordo na marcação das quebras⁴⁸ eram posteriormente discutidos em reuniões coletivas. As transcrições usadas para os testes não eram definitivas, pois ainda não haviam sido aperfeiçoadas em relação a todos os critérios. Esse aspecto deve ser ressaltado porque gerou desacordos não sempre devidos a problemas de segmentação, e sim à falta de uma uniformidade de critérios que pudesse decidir os casos aos quais podiam-se dar, naquela fase, diferentes soluções. Assim, a diminuição do grau de acordo não se deveu a problemas de competência na segmentação.

O objetivo era que cada grupo atingisse um valor Kappa de acordo geral a três (ou a quatro) igual ou superior a 0,8, que representaria uma uniformidade excelente na segmentação. Também se esperava que o grupo obtivesse um nível de acordo mais alto para as quebras terminais, já que este tipo de quebra é o mais saliente e mais importante. Além disso, era de suma importância que não ocorressem casos de desacordo extremo, ou seja, casos em que alguém não percebesse nenhuma quebra e alguém percebesse quebra de natureza terminal.

A partir dos resultados dos testes, promoveu-se uma reformulação na composição dos grupos, que passaram a ser apenas dois – o grupo 1 em sua formação original e um

mas na literatura encontram-se indicações (LANDIS; KOCH, 1977): 0-0,19 = acordo fraco; 0,2-0,39 = acordo vago; 0,4-0,59 = acordo moderado; 0,6-0,7 = acordo substancial; >0,8 = acordo quase total.

⁴⁷ A mestranda não está integrada ao projeto, mas havia acompanhado o treinamento e demonstrado interesse em participar do processo.

⁴⁸ Antes dos testes eliminou-se das transcrições toda a marcação da segmentação prosódica.

segundo grupo composto por quatro alunos, resultante da substituição de dois dos componentes do grupo 2 por dois do grupo 3 que haviam sobressaído em seu desempenho, e do ingresso de um quarto componente.

Os resultados dos testes para o grupo 1 foram os seguintes⁴⁹:

1. Segmentação de cerca de 800 palavras de um texto dialógico e 800 palavras de um texto monológico - teste Kappa: 0,820 para o dialógico; 0,750 para o monológico.
2. Segmentação de cerca de 1500 palavras de um texto dialógico - teste Kappa: 0,820.
3. Segmentação de cerca de 1500 palavras de um texto monológico - teste Kappa: 0,839.

Era importante que não houvesse nenhum desacordo quanto às quebras terminais. Em todos os testes, os poucos desacordos presentes eram devidos ou a distração ou a questões ainda pendentes em fase de transcrição – eram casos de falta de palavra que induzia os segmentadores a assinalar a quebra em locais diferentes, mas com a mesma intenção, e casos de turnos ocupados por riso apenas, que um transcritor segmentava, e outro não⁵⁰, o que gerava desacordo extremo, ou seja, quebra terminal *vs* ausência de quebra, como já se disse. Assim, dada a motivação desses desacordos, conclui-se que desacordo extremo real não houve.

Na fase de discussão dos testes, freqüentemente o segmentador que havia segmentado de forma divergente, mesmo sem saber que era sua a segmentação divergente, ou não reconhecia que havia feito aquela determinada escolha, ou imediatamente mudava de posição.

⁴⁹ O grupo 2 atingiu um Kappa a quatro de 0,820 (0,850 se se considerar apenas os três melhores), mas foram necessários dois meses de treinamento a mais do que para o grupo 1.

⁵⁰ Esses casos não deveriam ser segmentados, mas na fase de formação isso ainda não era claro para todos.

Do ponto de vista estatístico, os resultados dos testes já eram considerados excelentes; considerando os aspectos supracitados, mostram-se ainda melhores.

Deu-se continuidade aos testes considerando-se as quebras terminais e as não-terminais. O resultado de um primeiro teste relativo às terminais foi de 0,901, índice que teria sido superior não fossem os casos de desacordo mencionados. O teste relativo às não-terminais apresentou 0,660 como resultado, que, juntamente com o anterior para as terminais, promovia um resultado superior ao 0,8, considerado excelente, mas que ao mesmo tempo levou o grupo a investigar mais detidamente as diferenças. Percebeu-se que uma das três segmentadoras tendia a perceber menos as quebras em relação às outras duas segmentadoras, o que gerava impacto nas quebras não-terminais⁵¹. Essa diferença na percepção fez com que se decidisse deixar as revisões dos textos transcritos a cargo das duas transcritoras que apresentavam o maior grau de acordo, mas ainda assim se deu continuidade aos testes e às discussões. Vale lembrar que o valor Kappa apresenta-se superior quando as transcrições se tornam definitivas e eleva-se ainda mais quando passam pelo processo de revisão. Para o grupo 1, tal valor não aumentou ao longo do processo de testes e discussões, do que se conclui que o referido grupo já estava suficientemente treinado e que as oscilações eram ligadas à dificuldade de cada texto – em princípio os monólogos são mais difíceis de serem segmentados do que os diálogos, devido à sua maior textualidade e menor acionalidade, com conseqüente aumento na extensão dos enunciados e na quantidade de quebras prosódicas não-terminais.

Após um ano, realizaram-se novos testes de validação. Se os resultados da validação estatística ao final da fase de treinamento indicavam alta confiabilidade quanto à segmentação, a reavaliação indicou um grau ainda maior de acordo entre os transcritores. Excluindo-se os casos de distração e de desacordo relacionados a problemas de transcrição, observou-se que três fatores prosódicos muito peculiares ao PB (em especial na variedade de Minas Gerais) podem gerar mais dúvidas na percepção, o que poderia explicar os casos de desacordo. Esses fatores merecem estudos

⁵¹ Notou-se que a menor sensibilidade quanto às quebras em uma das transcritoras parece ser devida a uma causa interessante: a estudante é originária de uma área rural, ao passo que as outras duas transcritoras são originárias de áreas urbanas. A fala rural (principalmente em Minas Gerais) parece ser mais acentual do que a urbana, apresentando características rítmicas que reduzem a percepção de quebras entonacionais menos evidentes, normalmente devidas a mero escansionamento e que não refletem padrões informacionais.

mais aprofundados. São eles: a alta frequência de coarticulação e a compatibilidade de quebra prosódica com a coarticulação (o que não ocorre em línguas fortemente silábicas como o italiano); a alta frequência de ênfases, que podem ser facilmente confundidas com quebras; o padrão rítmico fortemente acentual do PB, que pode gerar uma percepção de fala escansionada (grupos acentuais confundidos com unidades tonais).

Antes de o *corpus* ser publicado, aproximadamente 20% dos enunciados serão escolhidos aleatoriamente entre todos os textos e serão submetidos à avaliação de não-lingüistas para um novo teste Kappa sobre o acordo. O teste será aplicado e controlado por pesquisadores externos ao projeto.

Transcrevi 13 textos de aproximadamente 1500 palavras, sendo 4 diálogos privados, 2 diálogos públicos, 4 monólogos privados, 1 monólogo público e 2 conversações públicas. Destes 13 textos, 6 integram o *subcorpus* – 2 diálogos privados, 2 diálogos públicos e 2 monólogos privados.

Como membro do grupo 1, participei de todas as fases e atividades do treinamento de segmentação descrito nesta subseção.

3.9 O *subcorpus*: da composição à etiquetagem informacional

Para permitir rapidamente a realização de estudos, decidiu-se proceder à transcrição, segmentação, alinhamento e etiquetagem informacional de um *subcorpus* balanceado (respeitando-se proporcionalmente a arquitetura do *corpus*), que contivesse 20 textos e pouco mais de 30.000 palavras, e cerca de 5000 enunciados para garantir a ocorrência de pelo menos 2000 enunciados complexos.

A composição do *subcorpus* obedece a princípios de máxima qualidade. Assim, constitui-se (em suas diversas ramificações) apenas dos textos que oferecem a melhor combinação dos seguintes critérios:

- representatividade da ramificação, devendo o texto ser prototípico do tipo de variação (público vs familiar/privado; monológico vs dialógico vs conversacional);

- máxima variação na situação comunicativa, ou seja, na atividade desenvolvida;
- alta qualidade acústica, dada pela qualidade do espectrograma, ausência ou quase ausência de ruído de fundo e de retorno do sinal, clareza da voz, baixo índice de sobreposições; bom ganho; cálculo confiável da F0;
- diversidade dos locutores, variação de idades e representatividade paritária de vozes masculinas e femininas, podendo um informante participar de duas interações apenas no caso de uma delas ser um monólogo;
- não-marcação diastrática, ou seja, os textos não devem ser representativos de diastratia muito baixa ou muito alta;
- interesse do conteúdo, importante para promover um aumento no nível de atenção dos transcritores e no nível de informatividade, por garantir uma fala mais espontânea.

As mais de 180 gravações coletadas permitem cobrir todas as ramificações do *corpus*, mas o processo de gravação está em continuidade a fim de gerar maior variabilidade de textos e conseqüente melhora da qualidade do *corpus*⁵². Vale lembrar que de várias gravações, por apresentarem longa duração, é possível extrair mais de um texto.

Quanto às revisões, 19 textos de aproximadamente 1500 palavras foram por mim revisados, sendo 5 diálogos privados, 2 diálogos públicos, 4 monólogos privados, 3 monólogos públicos, 3 conversações privadas e 2 conversações públicas. Destes 19 textos, 13 integram o *subcorpus* – 3 diálogos privados, 3 monólogos privados, 2 monólogos públicos, 3 conversações privadas e 2 conversações públicas.

⁵² A ampliação do *corpus* para além dos objetivos do projeto C-ORAL-BRASIL poderá expandir a gama de fenômenos passíveis de serem estudados de maneira confiável (a exemplo do *corpus* italiano LABLITA, que em muito supera as dimensões do *corpus* italiano do C-ORAL-ROM).

Como já se mencionou na subseção 3.6, a conclusão das revisões dos textos integrantes do *subcorpus* permite o treinamento e a programação do etiquetador Palavras para que se torne adequado para a etiquetagem lexical e morfossintática de todo o *corpus* – *PoS tagging* (*Part of Speech tagging*).

As principais medidas da fala serão fornecidas pela mesma macro e pela mesma folha Excel usada para o C-ORAL-ROM, juntamente com o *software* usado para o *PoS tagging*: para cada tipologia interacional (monológica, dialógica e conversacional) serão calculados o número de turnos, enunciados e unidades tonais em relação ao tempo e ao número de palavras; o número de enunciados interrompidos e de fenômenos de *retracting*; o número de enunciados com e sem verbo, associando tal dado à natureza simples ou complexa do enunciado; a frequência de ocorrência da negação e das conjunções *E*, *MAS*, *PORQUE* e *QUE* e sua posição, considerando-se as seguintes: início de turno, início de enunciado, início de unidade tonal, posição interna a unidade tonal, unidade dedicada (quando a unidade é ocupada somente pelo item investigado)⁵³.

Um estudo qualitativo sobre as mesmas medidas será feito com base em nove textos que integrarão o *subcorpus* (três de cada tipologia), de modo a possibilitar a observação de fenômenos que fogem a um estudo quantitativo com ferramentas computacionais. Ilustrativamente, o etiquetador informático informa a presença de um elemento verbal no enunciado, mas não especifica se dito elemento é verbal apenas do ponto de vista morfológico ou se o é também funcionalmente. Desse modo, itens como *tá* ou *sei* são etiquetados da mesma forma tanto se sua ocorrência se dá em enunciados do tipo *ele tá bem, eu sei disso* quanto em enunciados em que *tá* e *sei* tenham valor de *sim* ou *ok*. O etiquetador é igualmente incapaz de revelar o valor funcionalmente não-verbal da pergunta eco do verbo para afirmar ou concordar, de uso freqüente no PB, como por exemplo em **ABC: o João viajou pra Itália // *DEF: viajou //*, em que o segundo enunciado tem o valor de *sim*. A análise qualitativa permite ainda distinguir os enunciados verbais em que o verbo constitui o núcleo do enunciado daqueles em que o verbo ocupa posição não-nuclear, podendo também revelar a frequência de ocorrência de enunciados não-verbais caracterizados por expressões como *hum hum* ou *ahn ahn*.

⁵³ Para estudos sobre as línguas integrantes do C-ORAL-ROM, vejam-se Moneglia (2004, 2006) e Cresti e Moneglia (2007).

As transcrições, as revisões e os alinhamentos dos textos integrantes do *subcorpus* já foram concluídos. A etiquetagem informacional dos primeiros textos, exclusivamente a cargo do grupo 1, já está sendo feita⁵⁴.

Veja-se um exemplo de texto etiquetado com diversas configurações:

The screenshot shows the WinPitch software interface. The main window displays a list of text segments with phonetic and linguistic annotations. The text is aligned with a waveform below it. The annotations include speaker labels (e.g., *BEL, *BAL), time markers in brackets (e.g., [1], [2]), and linguistic tags (e.g., /=COM=, /=INT=, /=EMP=). The waveform shows the pitch contour of the speech segments.

Text segments shown in the screenshot:

- *BEL: [1] que que fica aqui //=-COM=\$
- *BAL: [2] eu tô pensando ainda //=-COM=\$
- *BEL: [3] mas tipo <assim /=INT= cê nã> [2]=EMP= cê nã sabe /=CMM= ou cê comprou e nã <tem> //=-CMM=\$
- *BAL: [4] <he /=TMP= olha só> //=-COM=\$ [5] <não> /=INP= isso aí veio na mochila //=-COM=\$
- *BEL: [6] ah //=-COM=\$
- *BAL: [7] <veio como parte> +=EMP=\$
- *BEL: [8] <uai> //=-COM=\$
- *BAL: [9] olha só //=-COM=\$
- *BEL: [10] <talvez as pilhas /=COM= não> //=-PHA=\$
- *BAL: [11] <que que eu tava pensando &a [16]=EMP= que que> eu tava pensando aqui //=-COM=\$ [12] &a [1]=EMP= não //=-COM=\$ [13] as pilhas /
- *TOP= eu coloquei aqui //=-COM=\$ [14] as recarregáveis /=TOP= tão aqui //=-COM=\$
- *BEL: [15] ah //=-CMM= tá //=-CMM=\$
- *BAL: [16] tem essas aqui que foram usadas /=COB= só que a gente não sabe ainda se elas acabaram /=COB= ou não /=COB= <se elas tem muito>
- *BEL: [17] <hum hum> //=-COM=\$ [18] tá //=-COM=\$
- *BAL: [19] <então / vamo &deix> +=EMP=\$
- *BEL: [20] <isso é o> regarregador //=-COM=\$
- *BAL: [21] &reca +=EMP=\$ [22] <inclusive pode &t> +=COM=\$
- *BEL: [23] <pode guardar junto> <deias> //=-COM=\$
- *BAL: [24] <e> //=-COM=\$ [25] é //=-COM=\$
- *BEL: [26] tem outro //=-COM=\$ [27] ou é só <esse> //=-COM=\$
- *BAL: [28] <não> /=INP= é só esse /=CMM= e tem a tomada dele ali //=-CMM=\$
- *BEL: [29] é a [1]=SCA= a <cinza> //=-COM=\$
- *BAL: [30] <essa &bra> [2]=EMP= essa cinza aí //=-COM=\$ [31] um cuidado /=TOP= que cês têm que tomar /=COM= <Bel> //=-ALL=\$
- *RFI: [32] <ah> //=-COM=\$ [33] fio //=-COM=\$ [34] né //=-COM=\$

FIGURA 27 - Imagem da tela do *software* WinPitch com texto alinhado e etiquetado

⁵⁴ Os textos selecionados para integrar o *subcorpus* são de responsabilidade apenas do grupo 1.

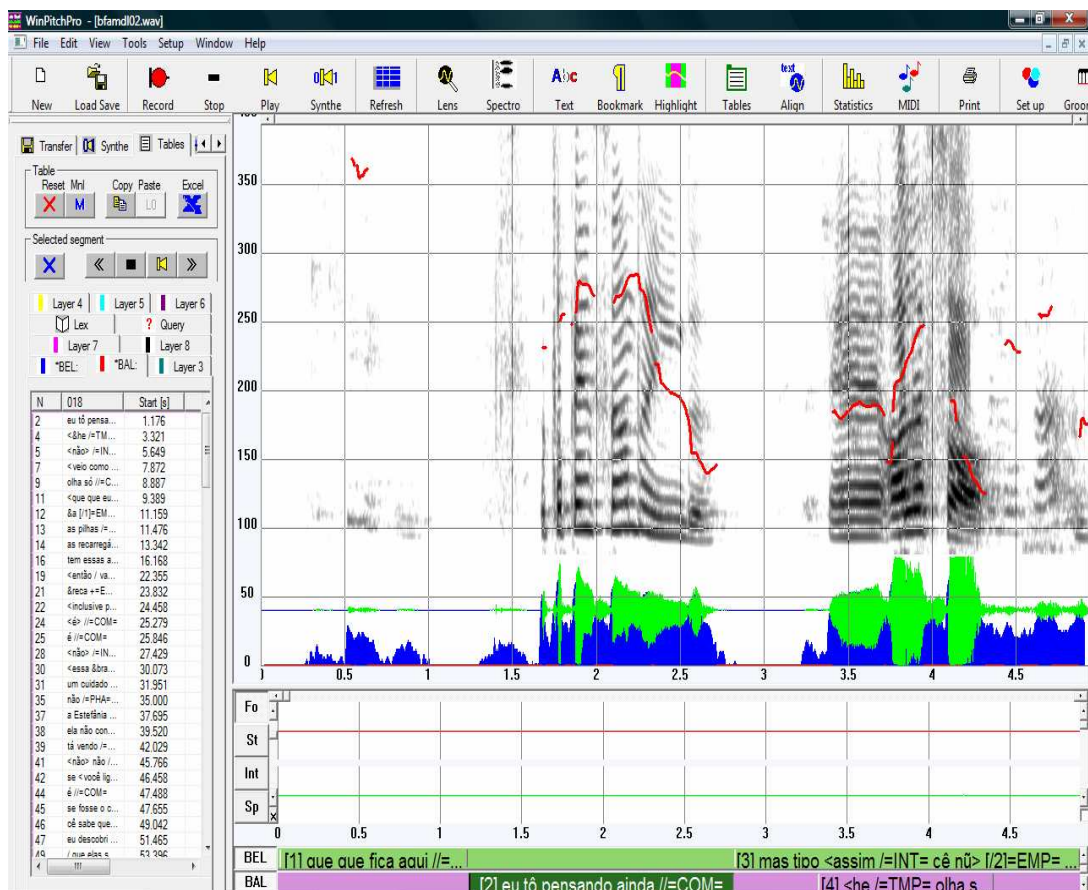


FIGURA 28 - Imagem da tela do *software* WinPitch com enunciados etiquetados em tabela à esquerda, perfis entonacionais à direita e enunciados alinhados na parte inferior

	A	B	C	D	E	F	G
1	Rank	Speaker	Text	Start [s]	End [s]	Channel	Duration [s]
2							
3		1 BEL	que que fica aqui //COM=	0,012	1,173	2	1,161
4		2 BAL	eu tô pensando ainda //COM=	1,176	2,808	1	1,632
5		3 BEL	mas tipo <assim /=INT= cê nũ> [/2]=EMP= cê nũ sabe /=CMM= ou	2,808	6,044	1	3,235
6		4 BAL	<&he /=TMP= olha só> //COM=	3,321	4,405	2	1,084
7		5 BAL	<não> /=INP= isso aí veio na mochila //COM=	5,649	7,132	1	1,482
8		6 BEL	ah //COM=	6,964	7,872	1	0,907
9		7 BAL	<veio como parte> +=EMP=	7,872	8,873	1	1
10		8 BEL	<uai> //COM=	7,872	8,742	1	0,87
11		9 BAL	olha só //COM=	8,887	9,352	1	0,464
12		10 BEL	<talvez as pilhas /=COM= não> //PHA=	9,325	10,564	1	1,239
13		11 BAL	<que que eu tava pensando &a [/6]=EMP= que que> eu tava pensan	9,389	11,159	1	1,77
14		12 BAL	&a [/1]=EMP= não //COM=	11,159	11,476	1	0,317
15		13 BAL	as pilhas /=TOP= eu coloquei aqui //COM=	11,476	12,694	1	1,218
16		14 BAL	as recarregáveis /=TOP= tão aqui //COM=	13,342	15,365	2	2,022
17		15 BEL	ah /=CMM= tá //CMM=	15,365	16,177	2	0,811
18		16 BAL	tem essas aqui que foram usadas /=COB= só que a gente não sabe	16,168	21,752	2	5,584
19		17 BEL	<hum hum> //COM=	19,996	20,417	1	0,421
20		18 BEL	tá //COM=	21,598	22,159	1	0,561
21		19 BAL	<então / vamo &deix> +=EMP=	22,355	23,084	2	0,728
22		20 BEL	<isso é o> regarregador //COM=	22,355	23,805	2	1,449
23		21 BAL	&reca +=EMP=	23,832	24,458	2	0,625

FIGURA 29 - Imagem da folha Excel com enunciados etiquetados e relativas medidas

Para a etiquetagem informacional também houve um processo de formação, naturalmente apenas para o grupo 1, similar ao que foi feito para a segmentação na dinâmica da exercitação e dos testes. Vale lembrar que a segmentação se faz com base unicamente na percepção, enquanto a etiquetagem é fruto de raciocínio sobre um texto já transcrito, segmentado, revisado e alinhado.

Antes da exercitação da etiquetagem propriamente dita, foram realizadas inúmeras reuniões para o estudo das especificações elaboradas pelo grupo do C-ORAL-ROM italiano para as unidades informacionais, bem como para a seleção de protótipos das unidades no PB e contemporâneo levantamento de casos que geravam maior dificuldade, a fim de discuti-los junto ao grupo italiano. O intercâmbio de idéias foi constante e intenso, tendo inclusive contado com a ida para a Itália de uma das componentes do grupo 1 para aprofundar os estudos que iriam permitir o início do treinamento propriamente dito no Brasil. Este consistiu na etiquetagem de quatro textos pelas três estudantes e posteriores discussões sobre os casos de desacordo.

Primeiramente foram etiquetados 100 enunciados de um monólogo privado. Na seqüência, 200 enunciados de um diálogo privado, 88 enunciados de um monólogo público e 162 enunciados de um monólogo familiar. O número de enunciados dos dois últimos textos corresponde aos textos integrais, ao passo que os dois primeiros textos foram apenas em parte etiquetados. A escolha da predominância da tipologia monológica para a exercitação se deveu à sua maior complexidade – menos acional e mais textual, o que naturalmente redundava em enunciados mais longos e com maior número de quebras prosódicas internas –, que iria impor às etiquetadoras um maior grau de dificuldade e conseqüente elevação do nível do treinamento. As discussões foram bastante frutíferas, possibilitando às componentes do grupo 1 iniciarem o trabalho de etiquetagem dos primeiros textos que irão integrar o *subcorpus*. Como membro do grupo 1, sou uma das três pessoas responsáveis não só pela segmentação e revisão de todo o *subcorpus*, mas também pela etiquetagem informacional do mesmo, após participação no processo de formação de etiquetadores descrito nesta subseção.

Uma vez descrito o *corpus* C-ORAL-BRASIL, procede-se, na próxima seção, à descrição da unidade de Parentético por meio da literatura já existente sobre a mesma.

4 A UNIDADE DE PARENTÉTICO (PAR)

4.1 Visão geral

A literatura geralmente apresenta quatro níveis de análise dos Parentéticos (TUCCI, 2009):

1. Sintático: Parentético como estrutura sintática desconexa, frasal ou sintagmática, não-linearizada, podendo ser eliminada sem comprometer a estrutura hospedeira (SERIANNI, 1989; BORGATO; SALVI, 1995; DARDANO; TRIFONE, 1997).

2. Retórico-textual: Parentético como digressão, exemplificação ou comentário de vários gêneros em relação à argumentação que se desenvolve em um primeiro plano, sistematicamente indicado por sinais de pontuação (parênteses, vírgulas e travessões) ao início e ao final da inserção.

3. Semântico-lexical: o Parentético é normalmente realizado através de lexemas modalizadores, verbos parentéticos etc.

4. Prosódico: o Parentético é caracterizado por um andamento entonacional mais baixo, “parentético”, em relação àquele do enunciado que o hospeda.

Jubran (1996a, 1996b) preleciona que para o reconhecimento e a delimitação dos Parentéticos funcionam como critérios algumas marcas formais advindas exatamente da natureza parentética: pausas delimitadoras de Parentéticos, ou seja, antes e depois do encaixe; interrupção do enunciado precedente ao Parentético e retomada do mesmo, sem ruptura sintática, após a inserção; ausência de conectores do tipo lógico, que pudessem estabelecer relações lógico-semânticas entre o Parentético e o enunciado onde se encaixa; mudanças prosódicas, como rebaixamento de tessitura particularizador de inserção e alteração de velocidade de elocução da parte inserida, em contraste com o contexto.

Ressalta ainda a autora que o conceito de Parentético não deve fazer supor uma desvinculação da inserção em relação ao segmento do discurso que a abarca e a

contextualiza, mas que, ao contrário, os Parentéticos têm papel importante no estabelecimento da significação, de base informacional, uma vez que promovem avaliações, esclarecimentos, ressalvas, atenuações, advertências e comentários laterais sobre o que está sendo dito, e/ou sobre como se diz, e/ou sobre a situação interativa. Assim, as inserções parentéticas não podem ser consideradas como desvios do texto e como dele sendo descartáveis, visto que orientam a sua compreensão, integrando-se ao contexto, atuando sobre o conteúdo das proposições criadoras desse contexto e trazendo para dentro do texto explicitações sobre a situação enunciativa que têm implicações sobre a significação proposicional dos enunciados vizinhos.

Schneider (2007) desenvolve um interessante estudo sobre verbos parentéticos (*reduced parenthetical clauses – RPCs*) a partir de *corpora* orais de três línguas românicas: francês, italiano e espanhol. O autor sustenta que o escopo de uma estrutura parentética é amplamente predeterminado pela sua função pragmática e pela estrutura e significado da estrutura que a hospeda. Sustenta ainda que a descrição prosódica e a descrição sintática da estrutura parentética não necessariamente correspondem e que, em termos de prosódia, deve ser feita a diferenciação entre expressões parentéticas que interrompem o contorno entonacional do enunciado e aquelas que não o fazem:

The expressions of the first type possess the properties that are typical of the parenthetical intonation [...]: They are introduced by a sudden change (décrochement) in the utterance's intonational contour and continue with a low and almost flat F0 that may rise only slightly at the end; they are pronounced with an increased rate of speech; pauses before and/or afterwards are possible. According to some authors, they constitute separate intonation units. The expressions of the second type are usually but not always RPCs. Their prosodic properties correspond partly to those of the expressions of the first type. Yet, there are at least two very important differences: They are not introduced by a sudden break of the intonational contour, in other words, their F0 respects the ligne de déclinaison; secondly, they are not separated from their intonation units by pauses. Hence, with respect to intonation, the expressions of the second type are not really parentheticals, in the sense of being separate and isolated from the host sentence. (SCHNEIDER, 2007: 209)⁵⁵

⁵⁵ “As expressões do primeiro tipo possuem as propriedades que são típicas da entonação parentética [...]: São introduzidas por uma mudança abrupta (destacamento) no contorno entonacional do enunciado e continuam com uma F0 baixa e quase nivelada que pode se elevar apenas suavemente no final; são pronunciadas com uma taxa de elocução aumentada; pausas antes e/ou depois são possíveis. Segundo alguns autores, elas constituem unidades tonais independentes. As expressões do segundo tipo são normalmente, mas não sempre, orações parentéticas reduzidas (RPCs). Suas propriedades prosódicas

Em outras abordagens teóricas, a unidade de Parentético apresenta características de marcadores discursivos (BAZZANELLA, 2001).

Os trabalhos de Tenani (1996a, 1996b, 1997), Paiva (1999), Dias (2001, 2002) e Galembeck (2009a, 2009b) também apresentam estudos interessantes das unidades parentéticas.

4.2 Parentético na Teoria da Língua em Ato

A descrição da unidade de Parentético desenvolvida nesta seção baseia-se em estudos realizados pelo grupo LABLITA a partir do *corpus* italiano de fala espontânea integrante do C-ORAL-ROM⁵⁶. As análises referentes à unidade de Parentético no PB serão apresentadas na seção 5.

Do ponto de vista da Teoria da Língua em Ato, para se chegar a uma generalização teórica adequada a respeito da unidade de Parentético, é necessário acrescentar aos níveis de análise elencados na seção 1 o nível informacional-funcional, que provém do nível prosódico e a ele está estreitamente correlacionado. Assim, não se pode prescindir, para o estudo da unidade, de um *corpus* de fala espontânea representativo dos vários contextos comunicativos em que é produzida (TUCCI, 2009).

Em relação ao nível sintático, Tucci apregoa que a não-integração sintática do Parentético é um correlato da não-integração prosódica, tanto que, para associar à ordem não-linear o caráter de “parenteticidade”, é necessário reproduzi-lo na leitura. É a natureza parentética da estrutura, individualizada somente entonacionalmente, que a torna insubordinada, independente em relação à estrutura que a hospeda. Sendo assim, a não-conexão sintática é um correlato positivo mas não definitivo dos Parentéticos.

correspondem parcialmente àquelas das expressões do primeiro tipo. Há ainda pelo menos duas diferenças muito importantes: Não são introduzidas por uma quebra abrupta do contorno entonacional; em outras palavras, sua F0 respeita a linha de declinação; em segundo lugar, não são separadas de suas unidades tonais por pausas. Assim, em relação à entonação, as expressões do segundo tipo não são realmente parentéticas, no sentido de serem independentes e isoladas da frase hospedeira.” Todas as traduções feitas no presente trabalho são de minha responsabilidade.

⁵⁶ O *corpus* de referência de tal pesquisa é constituído de 100 exemplos de fala espontânea extraídos da amostra do Laboratorio Linguistico del Dipartimento di Italianistica dell’Università di Firenze - LABLITA (<http://lablita.dit.unifi.it/>), 50 de voz masculina e 50 de voz feminina.

Em nível retórico-textual, a estudiosa ressalta que são muitas as potencialidades funcionais das inserções parentéticas reconhecidas na literatura. Através dessas inserções passa-se da objetividade à subjetividade da narração ou do ponto de vista. No entanto, assim como no nível sintático, a unidade parentética é recuperada apenas por sinais de pontuação, que contudo às vezes não assinalam a necessidade de se ler o conteúdo parentético com uma entonação mais baixa.

Quanto ao nível semântico-lexical, Tucci destaca que a parenteticidade não é uma qualidade semântica do elemento lexical – nem todos os verbos parentéticos e advérbios modalizadores coincidem com unidades parentéticas.

O nível prosódico, segundo a Teoria da Língua em Ato, mostra-se como um traço definitório fundamental para a identificação do fenômeno da parenteticidade, sendo esta identificação com base entonacional a única que permite a leitura dos Parentéticos na complexidade de sua realização.

Segundo o arcabouço teórico da Língua em Ato, a unidade de Parentético (CRESTI, 2000; FIRENZUOLI; TUCCI, 2003; TUCCI, 2004) pode ser definida como uma unidade informacional textual que tem como domínio o enunciado como um todo ou parte dele, sendo dele independente sintática e prosodicamente. Funcionalmente tem um valor metalingüístico, permitindo ao falante comentar o conteúdo da própria locução, separando-se sob o ponto de vista interno ao enunciado e não participando de sua composição textual, mas dele constituindo uma interpretação ou uma instrução lingüística voltada ao interlocutor. Pode-se dizer que o Parentético não faz parte da progressão comunicativa normal do enunciado, estando fora dele, e cria uma momentânea suspensão em nível locutivo e informacional, podendo trazer novos elementos para o enunciado, sobretudo em termos de juízo.

Os Parentéticos são freqüentemente elementos modalizadores, permitindo uma explicitação do juízo pessoal do falante sobre o próprio enunciado, a ponto de modificá-lo, reforçando ou limitando sua ilocução primária.

4.2.1 Funções

Além de uma primária função metalingüística (de controle e correção sobre a linguagem), o Parentético pode ter uma função referencial (voltada ao controle da proeminência informacional ou à ampliação do seu conteúdo), de valoração modal (determinando uma modalidade anexa àquela de base do enunciado), ou também de precisar, reforçar ou atenuar⁵⁷ a ilocução que se está realizando. Nesse diapasão, Tucci (2009) menciona uma função metanarrativa, modal e metalingüística.

A função metanarrativa se verifica quando se acrescentam informações úteis à orientação do interlocutor a respeito do posicionamento do falante em relação ao conteúdo narrativo, ou seja, através da unidade de Parentético o falante agrega ao enunciado informações de caráter genericamente narrativo que são úteis para o fim de explicitar o próprio ponto de vista sobre o que está dizendo. Tais inserções são verdadeiras intervenções emotivas, feitas no plano da comunicação interpessoal, diverso do plano pragmático, que é dedicado à realização do escopo comunicativo. Um estudo de Moneglia (2008) sobre o reconhecimento das unidades para a expressão das emoções revela que uma amostra significativa de falantes competentes concorda sobre o fato de que o modo como é entoada a unidade parentética transmite informações sobre o posicionamento do falante, isto é, comunica que o ponto de vista que expressa é positivo, negativo, atenuativo etc.

Vejam-se os exemplos:

*GUI: *perché all'epoca che ti parlo io /=TOP= parlo di circa vent'anni trent'anni fa /=PAR= non c'erano i mezzi che abbiamo oggi //COM=*⁵⁸

*BAL: *a minha igreja [/3]=EMP= o [/1]=EMP= isso aquele Marcelo Crivella /=PAR= <aquele bispo> lá /=PAR(1)= a minha igreja não aceita homossexuais //COM_r=*⁵⁹

⁵⁷ Sobre a utilização de verbos parentéticos em entrevistas, como recurso para amenizar a força ilocucionária do enunciado e indeterminar seu grau de verdade, ver Farneda (2007).

⁵⁸ “porque na época que eu te falo /=TOP= falo de cerca de vinte anos trinta anos atrás /=PAR= não havia os meios que temos hoje //COM=” Exemplo extraído do C-ORAL-ROM italiano.

⁵⁹ Exemplo extraído do C-ORAL-BRASIL, o qual será visto em detalhe na seção 5. O significado do número entre parênteses será explicitado na subseção 5.2.1.

A função modal se evidencia quando se insere uma avaliação subjetiva em caráter modal sobre o que é dito no enunciado. O Parentético em função modalizadora atua como um “segundo *modus*” sobre o *dictum* do enunciado (vide exemplos seguintes). Esta função modalizadora foi amplamente encontrada no *corpus* italiano (TUCCI, 2007, no prelo a). É muito estreita a relação entre a unidade de Parentético e a questão da modalidade, tornando inevitável estudar a unidade sem que se coloque tal questão. Assim, o tema será aprofundado a partir da subseção 4.2.6.

*BIA: però il potenziale /=i-COM= sicuramente /=PAR= si può migliorare //COM=⁶⁰

*BEL: eles tavam num posto de gasolina /=COM= eu acho //PAR=⁶¹

A função metalingüística se revela quando o falante indica ao interlocutor uma sua escolha lexical particular e subjetiva. Trata-se de uma formulação ou reformulação subjetiva de um conceito ou de um termo, que demonstra ser o falante responsável pela validade de sua escolha.

Ao exemplo⁶²:

*PRO: allora /=INP= questo è un fondo /=i-COM= per così dire /=PAR= flessibile //COM=⁶³

Tucci (2009) resume com maestria a função informacional da unidade de Parentético:

Così, entro la comunicazione a scopo eminentemente pragmatico, la presenza di Parentesi dice di più di quanto il messaggio porta a compimento. Il parlante che ‘interrompe’ la verbalizzazione in primo piano inserendovi dei ‘momenti’ di valutazione personale, cioè, aggiunge alla verbalizzazione volta a realizzare l’atto pragmatico una coordinata comunicativa di ordine diverso, di contatto empatico con l’interlocutore, manifestando aspetti della complessità dell’intenzione comunicativa. Tale meccanismo ‘costringe’ l’interlocutore a formarsi giudizi diversi (stratificati) di

⁶⁰ “mas o potencial /=i-COM= certamente /=PAR= se pode melhorar //COM=”. A letra *i* seguida de hífen (i-) antes da sigla da etiqueta indica que se trata de uma unidade informacional interrompida por uma unidade de Parentético.

⁶¹ Exemplo extraído do C-ORAL-BRASIL.

⁶² Não foram encontrados exemplos de Parentéticos com função metalingüística na amostra do C-ORAL-BRASIL que será apresentada na seção 5.

⁶³ “então /=INP= esse é um fundo /=i-COM= por assim dizer /=PAR= flexível //COM=”.

*rilevanza rispetto alle informazioni ricevute. Esso fa parte del gioco comunicativo, e non può essere cancellato senza perdere una componente importante, seppure non fondamentale, della comunicazione.*⁶⁴

4.2.2 Distribuição

A disposição dos Parentéticos é interna ao enunciado (podendo ocorrer até mesmo dentro de uma unidade de Comentário, Tópico, Apêndice ou mesmo de uma unidade de Parentético), ou em fim de enunciado, sendo possível também ocorrer após um outro Parentético. Não ocorrem, porém, em início de enunciado porque não poderiam desenvolver a sua função de comentário direto de um enunciado que ainda não tenha sido realizado em nenhuma sua parte. A unidade de Parentético pode ter como escopo todo o enunciado ou parte dele.

4.2.3 Características prosódicas

Sob um ponto de vista entonacional, sempre a partir do *corpus* italiano já foram individualizadas algumas características prosódicas que identificam o Parentético de maneira macroscópica em relação às porções ou unidades tonais que o precedem ou o sucedem: um movimento de F0 geralmente uniforme; um abaixamento ou, mais raramente, um aumento da média de F0; uma sensível variação da velocidade de elocução (normalmente, um aumento). A característica entonacional que distingue a unidade, como descrito por Cresti (2000) e Cresti e Moneglia (2008), é a de um perfil de tipo assertivo fraco e conclusivo, que não lhe confere autonomia; tanto que, se excluída, o restante do enunciado mantém uma unidade prosódica.

⁶⁴ “Assim, dentro da comunicação com escopo eminentemente pragmático, a presença de Parêntese diz mais do que a mensagem leva a execução. O falante que ‘interrompe’ a verbalização em primeiro plano inserindo ‘momentos’ de avaliação pessoal, isto é, agrega à verbalização voltada a realizar o ato pragmático uma coordenada comunicativa de ordem diversa, de contato empático com o interlocutor, manifestando aspectos da complexidade da intenção comunicativa. Tal mecanismo ‘obriga’ o interlocutor a formar juízos diversos (estratificados) de relevância em relação às informações recebidas. Ele faz parte do jogo comunicativo e não pode ser eliminado sem perder um componente importante, embora não fundamental, da comunicação.”

A figura 30 mostra um enunciado composto de uma unidade de Comentário interrompida por uma unidade de Parentético, retomada sucessivamente e concluída. Ainda que os valores de F0 no exemplo sejam bastante baixos por se tratar de uma voz masculina, a unidade de Parentético emerge claramente como a parte desprovida de movimentos de F0, atestada pelos valores em média mais baixos alcançados no enunciado.

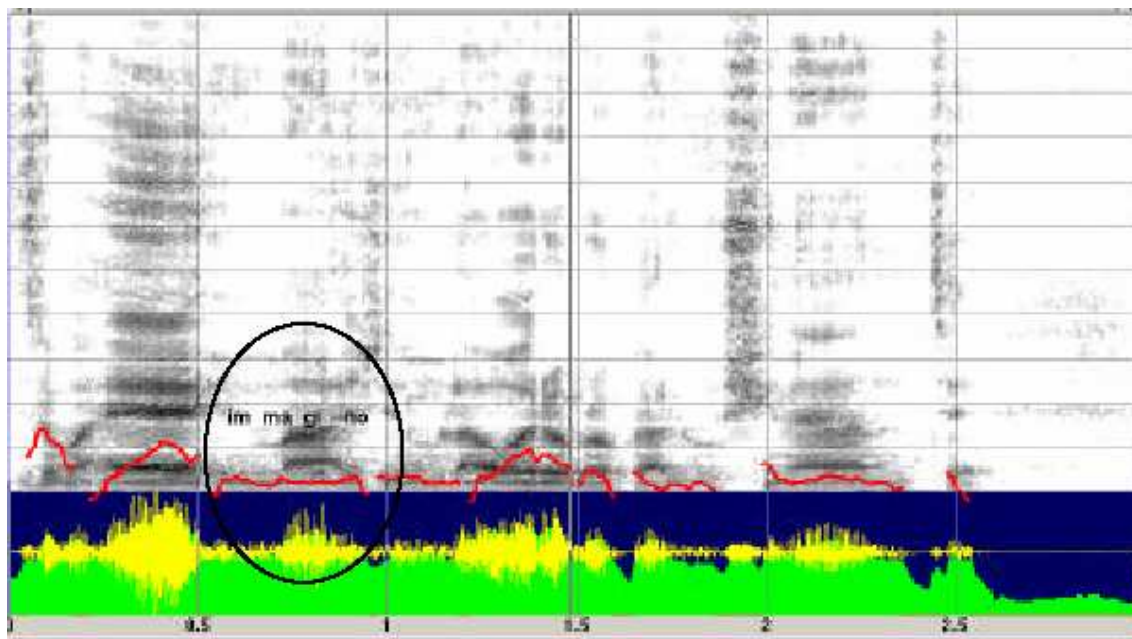


FIGURA 30 - *insomma è / immagino /=PAR= un lavoro proprio allucinante ||=COM='⁶⁵*

⁶⁵ “resumindo é / *imagino* /=PAR= um trabalho realmente incrível ||=COM=”.

A figura 31 apresenta um exemplo de Parentético em fim de enunciado, em posição seguinte à unidade de Comentário. Nesse caso o Parentético não interrompe a unidade. As características prosódicas são as mesmas descritas acima: abaixamento da média dos valores de F0 (no caso trata-se de uma voz feminina), andamento de F0 desprovido de movimentos perceptualmente relevantes e curta duração.

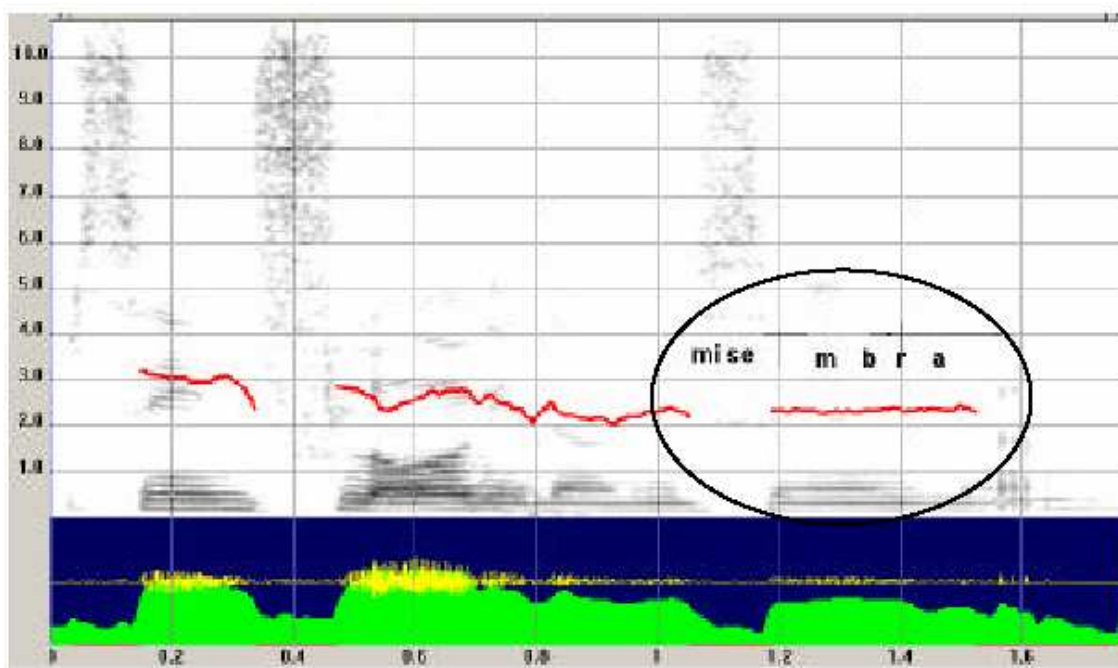


FIGURA 31 - si / in Florida /=COM= mi sembra //PAR=⁶⁶

⁶⁶ “é / na Flórida /=COM= me parece //PAR=”.

Quando ocupa uma posição interna ao enunciado, pode apresentar uma cauda tonal ascendente – o Parentético interrompe uma outra unidade tonal, em um primeiro movimento nivelado ou descendente, seguido da cauda tonal (opcional), caracterizando um segundo movimento ascendente, em uma retomada da unidade tonal interrompida. É o que se vê na figura 32, em que a seta aponta a cauda tonal:

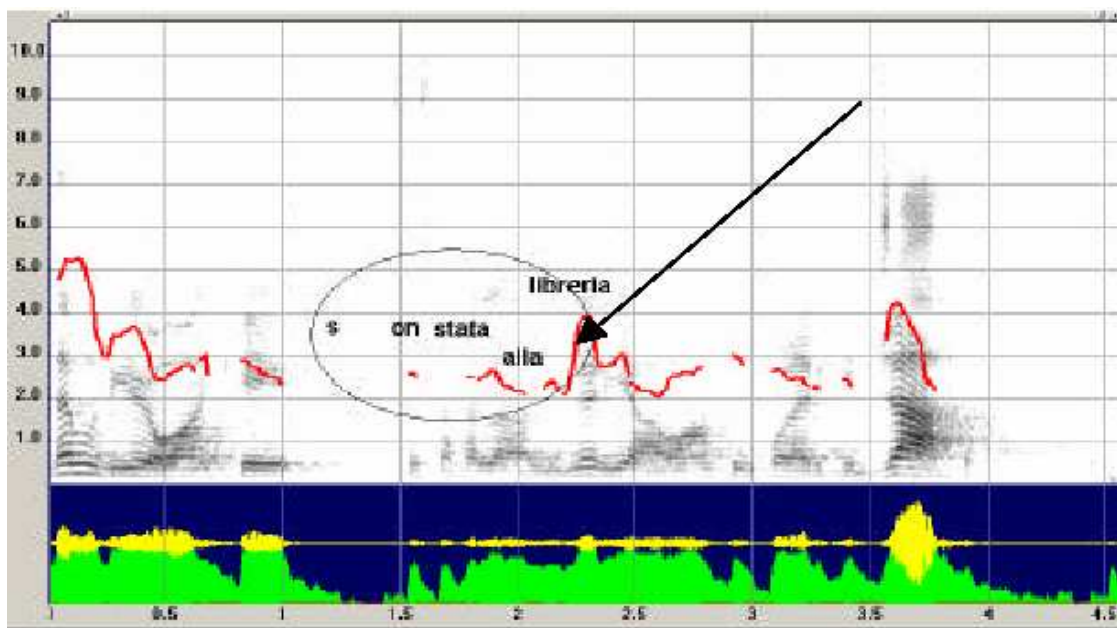


FIGURA 32 - devo dire ho anche / son stata alla libreria /=PAR= ho anche un po' largheggiato //COM='⁶⁷

4.2.4 Características morfossintáticas e lexicais

Os Parentéticos podem ser realizados através de expressões as mais variadas, como SN, SP, advérbios de juízo e modais, e também expressões contendo uma forma verbal. Assim, não parece haver nem uma estratégia de seleção lexical nem de seleção sintagmática. Muito frequentemente o Parentético é constituído de orações principais com ponto de vista externo ao do enunciado sobre o qual intervém, por orações subordinadas de tipo explicativo, causal, limitativo, que explicam justamente o sentido do Parentético, ou ainda por fórmulas que comentam metalingüisticamente o material lingüístico da locução.

⁶⁷ “tenho que dizer que também / estive na livreria /=PAR= também fui um pouco esbanjadora //COM='”.

Até o momento o *corpus* italiano revelou duas principais tipologias morfossintáticas e lexicais da unidade de Parentético: adverbiais e verbais. Nesse *corpus*, 46% dos Parentéticos são do primeiro tipo e 54% do segundo, e essa porcentagem é paritária mesmo dentro das tipologias textuais presentes no *corpus*. As duas subunidades compartilham algumas características (não todas), o que gera a discussão sobre se se trata de uma única unidade ou de unidades distintas. Por isso é mais adequado definir cada uma separadamente.

Os Parentéticos adverbiais (morfossintática ou funcionalmente) apresentam um perfil entonacional descendente dentro do enunciado ou ao final dele e geralmente ocupam uma única unidade tonal. Através de uma força ilocucionária secundária de tipo assertivo, desempenham funções acessórias dentro dos enunciados nos quais estão encaixados. A maior parte dos Parentéticos adverbiais é constituída por advérbios modalizadores (de juízo, de modo, de dúvida etc.), que precisam, limitam ou reforçam a ilocução primária.

Vejam-se os exemplos seguintes:

*SIM: io credo sia un lavoro molto interessante / perché è un lavoro che [//] di ricerca / su di te /=COM= *fondamentalmente* //PAR=⁶⁸

*PM1: la storia è /=TOP= *per definizione* /=PAR= storia per / e di tutta l'umanità /=COM= anche nei suoi segmenti minori //APC=⁶⁹

*LAN: quella lì che s'andò a vedere /=TOP= *Malaga e Granada* /=PAR= si scese dalla nave //COM=⁷⁰

*BEL: &he /=TMP= &e [1]=EMP= quando eu fui minha mala tinha /=i-COM= *tipo* /=PAR= quatorze quilos //COM=

Os Parentéticos verbais são portadores de uma força ilocucionária secundária que se anexa àquela primária do enunciado, dando lugar a uma espécie de enunciado encaixado

⁶⁸ “acho que é um trabalho muito interessante / porque é um trabalho que [//] de pesquisa / sobre você /=COM= *fundamentalmente* //PAR=”. A barra dupla entre colchetes indica, no C-ORAL-ROM, quebra prosódica não-terminal associada a fenômeno de *retracting* com repetição parcial do material lingüístico.

⁶⁹ “a história é /=TOP= *por definição* /=PAR= história para / e de toda a humanidade /=COM= também nos seus segmentos menores //APC=”.

⁷⁰ “aquela lá que foi ver /=TOP= *Malaga e Granada* /=PAR= desceu do barco //COM=”.

em que há uma subordinação de tipo modal, causal, comparativo, relativo etc. Geralmente mais longos que os adverbiais, podem apresentar movimento e são freqüentemente organizados em mais de uma unidade tonal. Encontram-se também afirmações que pertencem à esfera da metalinguagem.

Aos exemplos:

*VES: volevo chiudere il collegamento chiedendo / *adesso poi decidete voi chi risponde* /=PAR= se questa missione è più rischiosa //COM=⁷¹

*BRE: e quindi credo che / *conoscendo / e non avendo fatto obiezioni* /=PAR= lo sosterrà //COM=⁷²

*CAR: e outra também /=COM= que /=TXC= quando nós fomos levar o papel do advogada lá pra assinar /=TOP= *que a advogada é que mexeu pra mim* /=PAR= ela nã queria assinar //COM=

4.2.5 Parentético e Estrofes

Como já visto, um estudo de Cresti (2009) revela que nas Estrofes, entidades que não apresentam um programa informacional pré-constituído mas que se constroem pela junção de sucessivos Comentários Ligados, os Parentéticos aparecem com uma freqüência mais alta do que a verificada nos enunciados complexos.

Exemplificando:

*GIA: ma soprattutto /=TOP= *e entro davvero / in [/] in uno dei punti che Paolo richiama* /=PAR= io credo che /=TOP= abbia dimostrato / come in questo paese / si è creato / un blocco sociale / *mi verrebbe da dire* /=PAR= corporativo /=COB= che ha / *come dire* /=PAR= forte connotazione / anche geografiche /=COB= tutta l'Italia del nord /=TOP= *diciamo del centro nord* /=PAR= è / compattamente schierata con la Casa della Libertà /=COB= così come / una larga fetta del sud /=COB= ma aldilà di un elemento / di connotazione

⁷¹ “eu queria encerrar a ligação pedindo / *agora então vocês decidem quem responde* /=PAR= se essa missão é mais arriscada //COM=”.

⁷² “e portanto eu acho que / *conhecendo / e não tendo feito objeções* /=PAR= vai sustentá-lo //COM=”.

geografico territoriale /=TOP= c'è proprio un elemento / *come dire* /=PAR= di carattere / sociale //COM=⁷³

Observou-se, sempre no *corpus* italiano, a ocorrência da unidade parentética entre dois Comentários Ligados, de modo a ser valorada como se fosse no início de um hipotético novo enunciado, com uma possibilidade de distribuição não registrada nos enunciados complexos.⁷⁴ Enquanto estes estabelecem um padrão informacional e prosódico dentro de um modelo, em torno de sua valência ilocutória, a Estrofe se comporta de modo processual informacional e prosodicamente, sem grandes vínculos formais e substancialmente fora de um modelo. Usa, no entanto, estratégias peculiares como a contínua inserção de Parentéticos metalingüísticos, como se vê nos exemplos seguintes:

*COL: non per reati politici /=COB= *perché ritengo che da molti anni / in Cina / non ci siano condanne a morte / per reati politici* /=PAR= ma per reati comuni /=COB= in particolare / per la corruzione / e per i reati collettivi / contro la persona //COM=⁷⁵

*CLA: documento che nasce / anche / dal dibattito della scorsa assemblea /=COB= *che noi abbiamo fatto la scorsa assemblea sempre qui a San Quirico* /=PAR= ma direi più in generale documento che nasce / dal tentativo di declinare su scala locale / quelli che sono i caratteri costitutivi /=COM= del laboratorio per la democrazia //APC=⁷⁶

⁷³ “mas principalmente /=TOP= e dentro realmente / em [/] em um dos pontos que Paolo mencionava /=PAR= eu acho que /=TOP= tenha demonstrado / como nesse país / se criou / um bloco social / eu diria /=PAR= corporativo /=COB= que tem / como dizer /=PAR= forte conotação / também geográficas /=COB= toda a Itália do norte /=TOP= digamos do centro norte /=PAR= é / solidamente alinhada com a Casa da Liberdade /=COB= assim como / uma grande fatia do sul /=COB= mas além de um elemento / de conotação geográfico-territorial /=TOP= tem mesmo um elemento / como dizer /=PAR= de caráter / social //COM=”.

⁷⁴ Os Parentéticos não podem estar em posição de abertura do enunciado (mas podem interromper uma unidade informacional textual) tanto em virtude de sua condição informacional de unidades de inserção metalingüística, quanto por restrições de tipo entonacional, já que normalmente apresentam um forte abaixamento de F0 em relação à unidade tonal precedente. Veja-se TUCCI, 2004.

⁷⁵ “não por crimes políticos /=COB= *porque considero que há muitos anos / na China / não haja condenações à morte / por crimes políticos* /=PAR= mas por crimes comuns /=COB= em particular / pela corrupção / e pelos crimes coletivos / contra a pessoa //COM=”.

⁷⁶ “documento que nasce / também / do debate da assembléia passada /=COB= *que nós fizemos a assembléia passada sempre aqui em San Quirico* /=PAR= mas eu diria mais em geral documento que nasce / da tentativa de declarar em escala local / aqueles que são os caracteres constitutivos /=COM= do laboratório pela democracia //APC=”.

4.2.6 Parentético e modalidade

Definido o Parentético como a unidade informacional na qual o falante “comenta de maneira direta o conteúdo de seu próprio enunciado” (CRESTI, 2000: 143), há de se perguntar qual é a sua relação com a categoria semântica denominada modalidade, que, nas palavras de Tucci (2007), constitui justamente um julgamento subjetivo do enunciador sobre seu conteúdo proposicional. A partir dessa breve conceituação, evidencia-se a congruência existente entre o escopo da unidade informacional de Parentético e da modalidade. Esta subseção e as seguintes dedicam-se a essa questão, sendo o fenômeno definido nos termos da Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000).

O tema é um dos mais controversos na literatura. Sendo assim, para uma visão mais ampla, remete-se aos trabalhos de HOYLE (2005a, 2005b), TUCCI (2007) e MELLO *et al.* (2009).

4.2.6.1 A modalidade na Teoria da Língua em Ato

Na Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000), a modalidade é definida semanticamente como “a atitude subjetiva do falante em relação ao próprio conteúdo proposicional”⁷⁷, ou seja, o *Modus* com o qual o falante considera o *Dictum*. Essa definição encontra suas raízes na tradição onomasiológica de investigação do fenômeno, que o concebe como a expressão da subjetividade do falante. Alinha-se, em particular, à concepção de Bally (*apud* TUCCI, 2007), para quem

*a modalidade é a forma lingüística de um julgamento intelectual, de um julgamento afetivo ou de uma vontade que um sujeito pensante enuncia a propósito de uma percepção ou de uma representação de sua mente. (BALLY, 1942 apud TUCCI, 2007: 113)*⁷⁸

A Teoria da Língua em Ato trabalha com três categorias modais: alética, epistêmica e deôntica. Tucci (2007) sustenta que essas categorias sejam suficientes para a descrição dos usos modais encontrados na linguagem oral, além de serem, em sua opinião, “mais

⁷⁷ “l’atteggiamento soggettivo del parlante sul proprio contenuto proposizionale”. (TUCCI, 2007: 67)

⁷⁸ “la modalité est la forme linguistique d’un jugement intellectuel, d’un jugement affectif ou d’une volonté qu’un sujet pensant énonce à propos d’une perception ou d’une représentation de son esprit.” (BALLY, 1942 *apud* TUCCI, 2007: 113)

relevantes do ponto de vista lingüístico porque podem ser expressos com meios lingüísticos diferenciados” (2007: 67). No entanto, como poderá ser observado adiante, o que a autora define como modalidade alética, epistêmica e deôntica é a expressão de uma revisão conceitual realizada pela mesma, que “em parte une e em parte separa as categorias até então descritas na literatura por razões de economia metodológica” (2007: 67).

Sendo assim, tomando a modalidade como *atitude subjetiva do falante em relação ao próprio conteúdo proposicional*, passa-se à conceituação de cada categoria modal tal qual proposto pela autora (TUCCI, 2007: 67-72).

A modalidade **alética** diz respeito à atitude subjetiva do falante em relação à necessidade, possibilidade, impossibilidade do conteúdo de sua enunciação em todos os mundos possíveis. Tais julgamentos podem ser feitos com bases factuais, lógicas ou perceptivas. Na Língua em Ato, esse tipo de modalidade compreende também os casos de discurso reportado, levando-se em conta que um falante, ao reportar ao interlocutor o discurso de um terceiro, atribui às palavras reportadas um valor de verdade. Por “valor de verdade” entende-se a pressuposição de que o discurso reportado pelo falante corresponde, de fato, àquele proferido originalmente. Cumpre notar que isso não implica, por parte do enunciador, a aceitação das opiniões que está reportando.

Abaixo, algumas proposições de modalidade alética e exemplos extraídos do *corpus* analisado por Tucci (2007: 68):

Pássaros podem ser macho ou fêmea.

Uma zebra deve ter listras pretas e brancas.

Um camaleão não pode respirar debaixo d’água.

*LIA: *può darsi* /=COM= che gliel’abbiano data /=APC= perché qui non c’è nulla //INX=⁷⁹

⁷⁹ “*pode ser* /=COM= que lhe tenham dado /=APC= porque aqui não tem nada //INX=”. INX é a antiga sigla utilizada como etiqueta da unidade de Parentético no C-ORAL-ROM.

*GIM: però il <problema> è di chi *non può* spendere //=-COM=⁸⁰

Na modalidade **epistêmica**, a atitude do falante diz respeito ao grau e à natureza do comprometimento em relação à verdade de sua proposição, que podem variar em função de seus conhecimentos, opiniões e atitudes. Na Teoria da Língua em Ato, o julgamento realizado pelo falante pode ser probabilístico ou pode ocorrer em termos de juízo de valor. O comprometimento do falante com um determinado estado de coisas implica a compatibilidade entre ele e seus conhecimentos e crenças; não a existência desse estado de coisas em todos os mundos possíveis e reais.

Carlos *pode* ter comido a maçã (porque ele me disse que queria fazê-lo). [menos provável]

Carlos *deve* ter comido a maçã (porque a maçã não está mais aqui). [mais provável]

Carlos comeu a maçã, *eu acho*.

Abaixo, exemplos de enunciados extraídos do C-ORAL-BRASIL:

*BEL: eles tavam num posto de gasolina /=COM= eu acho //=-PAR=

*BEL: &he /=TMP= &e [/1]=EMP= quando eu fui minha mala tinha /=i-COM= tipo /=PAR= quatorze quilos //=-COM=

A modalidade **deôntica** é a expressão da subjetividade do falante em relação a obrigações morais e sociais dos conteúdos de sua proposição. As avaliações são realizadas em termos de necessidade, obrigação, permissão e proibição dos conteúdos presentes em sua proposição e se fundamentam no que é tido como bem/mal, justo/injusto, certo/errado com base em regras sociais, morais, religiosas etc. Para a Teoria da Língua em Ato, a modalidade deôntica é vista em sentido amplo, englobando também os estados de coisas que pertencem ao âmbito do “desejar”, do “querer”.

⁸⁰ “mas o <problema> é de quem *não pode* pagar //=-COM=”.

Vocês não podem entrar de boné na igreja.

Nós queremos almoçar agora.

O Carlos não pode ficar com o dinheiro só para ele!

Abaixo, um exemplo coletado por Tucci (2007):

*PRI: perché *dovendo* lavorare dalla mattina alla sera /=TOP= e *dovendo* faticare molto /=TOP= non avevano il tempo di andare / spesso alla sinagoga //COM=⁸¹

Ainda a respeito da modalidade deôntica, Tucci (2007: 62) lembra que a atitude subjetiva do falante pode ser vinculada não só a contextos do presente e do futuro, mas também a eventos passados. No exemplo abaixo, o índice lexical “deveria” expressa um julgamento sobre a obrigatoriedade da presença do interlocutor em um evento passado (a festa). Tal julgamento não implica que o interlocutor deva ir a uma festa que já ocorreu, mas descreve a obrigação que o interlocutor tinha, no passado, de ir à festa⁸².

Você *deveria* ter ido à festa ontem.

Uma vez definida a categoria semântica da modalidade e os possíveis valores que ela pode assumir na Teoria da Língua em Ato, cumpre esclarecer que, à semelhança de uma grande quantidade de estudos sobre a modalidade, tal teoria trabalha com a noção de formas gramaticalizadas modalizadoras: os ditos índices lexicais de modalidade. Para o italiano, Tucci (no prelo b) faz uma lista dos diferentes meios lingüísticos que podem exprimir a modalidade⁸³:

a) advérbios modalizadores (*probabilmente, realmente, per forza*⁸⁴ etc.)

⁸¹ “porque *tendo* que trabalhar de de manhã à noite /=TOP= e *tendo* trabalhado muito /=TOP= não tinham tempo de ir / com freqüência à sinagoga //COM=”.

⁸² Essa linha de argumentação, bem como o exemplo que se segue remetem a Lyons (1977).

⁸³ Uma discussão aprofundada do tema pode ser encontrada em Tucci (2007: 136-204).

⁸⁴ “*provavelmente, realmente, necessariamente*”.

- b) predicados nominais com adjetivos avaliativos (*è certo, è doveroso, è bene*⁸⁵ etc.)
- c) verbos modais (*potere, dovere, volere*⁸⁶)
- d) verbos de crença (*sapere, credere, immaginare, ritenere*⁸⁷ etc.)
- e) construções analíticas e perifrásticas (*essere/avere da + infinitivo, andare + particípio passado*⁸⁸ etc.)
- f) verbos *sembrare* e *parere*⁸⁹
- g) verbos de necessidade e desejo (*bisognare, sperare, augurarsi*⁹⁰ etc.)
- h) modos verbais (o *Indicativo futuro* e o *Condizionale*⁹¹)

Em relação aos índices lexicais de modalidade para o PB, este trabalho adota os critérios de Neves (2006: 167-168)⁹², segundo a qual podem ser expressões modalizadoras:

a) um verbo

a1) auxiliar modal:

*Esse casarão **deve** ser ideal para o reumatismo de minha tia Margherita.*

(ACM)

⁸⁵ “*é certo, é necessário, é bom*”.

⁸⁶ “*poder, dever, querer*”.

⁸⁷ “*saber, crer, imaginar, considerar*”.

⁸⁸ “*ser/ter que + infinitivo, ir + particípio passado*”.

⁸⁹ “*verbos parecer e parere*”.

⁹⁰ “*bisognare, sperare, augurarsi*”.

⁹¹ “*o Futuro do indicativo e o Condizional*”.

⁹² Além das possíveis formas de gramaticalização relacionadas pela autora e elencadas neste trabalho, Neves (2006) também aponta elementos sintáticos e prosódicos como possíveis modalizadores. Uma vez que a Teoria da Língua em Ato analisa a modalização somente enquanto expressão lexicalizada em uma língua (TUCCI, 2007: 73), esses elementos não serão incluídos na presente classificação.

a2) de significação plena, indicador de opinião, crença ou saber:

Acho que por humilhação maior jamais passaram. (A)

b) advérbio, que ainda pode-se associar a um verbo modal:

*Esse exame propicia a visualização de vários dados, que **devem** ser **obrigatoriamente** pesquisados.* (CLC)

c) adjetivo em posição predicativa:

*Quem sabe se nada disso vai ser **necessário**?* (FIG)

d) substantivo:

*O homem não deve pensar muito, esta é a minha **opinião**.* (OMT)

*Cada folha sulfite dobrada em quatro dá **possibilidade** para oito páginas impressas.* (LOP)

e) categorias gramaticais do verbo da predicação (tempo, aspecto, modo), que freqüentemente estão associadas a advérbios modalizadores:

*E a discussão **ficaria** nisso.* (A)

*Essa obra **talvez tenha sido** um dos livros mais importantes da época.* (ATN)

Observada a polissemia dos índices lexicais de modalidade e a ausência de uma relação biunívoca entre os mesmos e os tipos possíveis de modalidade (PALMER, 1986), Tucci diz que a atribuição de um valor modal a um índice lexical de modalidade deve ser feita de caso em caso. Assim, com o objetivo de avaliar qual dos valores modais é congruente a uma dada expressão modal, deve-se levar em conta “o ‘sentido’ de toda a expressão em relação ao contexto comunicativo e em relação à função informacional desempenhada”. Abaixo, um exemplo fornecido pela autora (TUCCI, 2007: 244):

*GUI: perché io poi a un certo punto /=TOP= ieri / chiaramente /=INX= sono andato via //COM=⁹³

Nesse enunciado, que é composto de uma unidade de Tópico e uma de Comentário (na qual se insere uma unidade de Parentético), o índice modal é o advérbio *chiaramente*

⁹³ “porque eu depois a um certo ponto /=TOP= ontem / claramente /=INX= fui embora //COM=”.

em posição de Parentético. Tem-se, aqui, uma modalidade de valor epistêmico, uma vez que o falante julga o evento como “correto”. Visto que a unidade informacional em que está inserido o índice de modalidade tem como característica funcional adicionar uma modalidade à modalidade do enunciado, a autora considerou que o valor epistêmico assumido pelo advérbio não pode ser estendido a todo o enunciado, mas somente à sua unidade informacional.

Nesse ponto vem à tona a questão do domínio de pertinência da modalidade. Em relação à língua escrita, a tradição tende a considerar a frase como o domínio da modalidade. Uma aproximação entre a linguagem oral e a escrita poderia fazer supor que o domínio da modalidade na oralidade seria o enunciado. Entretanto, essa não é a visão proposta pela Teoria da Língua em Ato, para a qual a modalidade pertence ao domínio da unidade informacional e não ao do enunciado.

Retomando as explanações teóricas a respeito do tratamento dado pela Teoria da Língua em Ato ao fenômeno da modalidade, é de extrema importância notar que, para Cresti (2000), existe uma diferença conceitual entre *modalidade* e *ilocução*. Essa posição não está de acordo com uma grande gama de teorias da tradição lingüística, que tendem a aproximar as duas noções (TUCCI, 2007: 119). Para Cresti, o ato ilocutório constitui a expressão da subjetividade do falante *em relação a seu interlocutor*, o que ocorre em termos de uma manifestação acional de uma pulsão afetiva do primeiro sobre o último⁹⁴. Por outro lado, no caso da modalidade, a expressão da subjetividade se dá *em relação ao conteúdo proposicional do próprio falante*, que pode considerá-lo verdadeiro, falso, provável, improvável, necessário etc.

Em sua tese de doutorado, Tucci (2007: 283) aponta evidências empíricas para que esses conceitos não sejam amalgamados: operando um estudo com base no *corpus C-ORAL-ROM* italiano, a autora analisou 24.119 enunciados informais e 14.622 enunciados formais, dos quais 5.498 apresentavam ao menos um índice lexical de modalidade⁹⁵. Nesse *subcorpus*, a autora revelou a existência de índices de modalidade de todos os tipos (aléticos, deônticos e epistêmicos) inseridos em enunciados de todas as classes ilocutivas (Assertivo, Diretivo, Expressivo, Recusa e Rito). Como consequência,

⁹⁴ Para um aprofundamento sobre a base psicológica afetiva da linguagem oral, vide Cresti (2002: 43-45).

⁹⁵ Para uma melhor caracterização da arquitetura do *subcorpus* analisado, vide Tucci (2007: 251).

pode-se dizer que nenhuma classe ilocutiva é determinante na seleção de algum valor modal.

As figuras seguintes mostram dois casos analisados pela autora que ilustram essa situação. No primeiro deles, um enunciado com uma ilocução de tipo diretivo na qual se tem um índice de modalidade deôntica. O segundo mostra o verbo modal *può* (“pode”), com valor igualmente deôntico, inserido em uma ilocução de tipo assertivo.

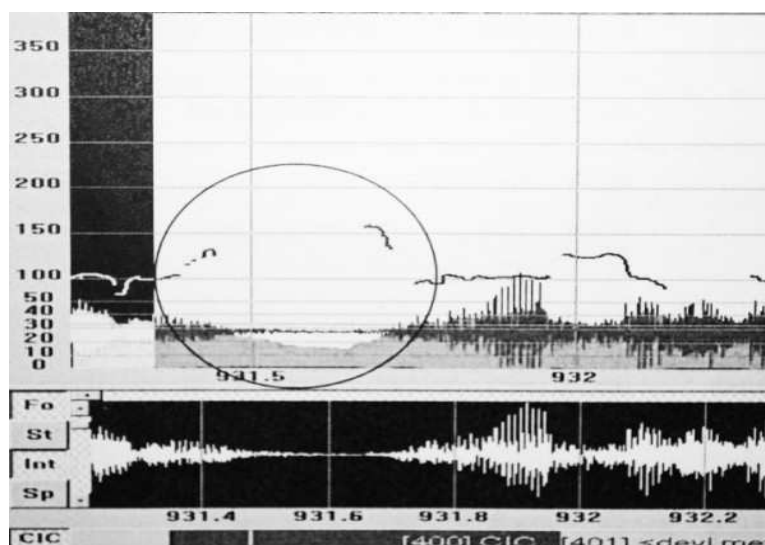


FIGURA 33⁹⁶ - Ilocução de tipo diretivo com modalidade deôntica

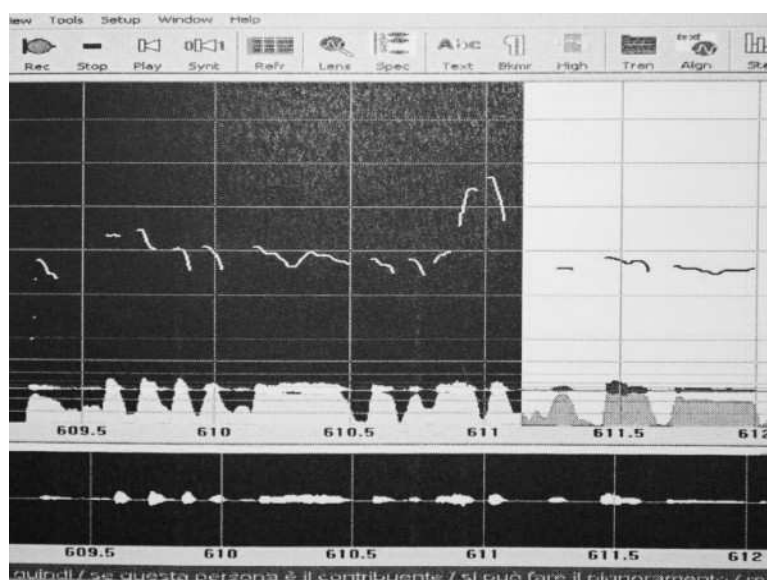


FIGURA 34⁹⁷ - Ilocução de tipo assertivo com modalidade deôntica

⁹⁶ Reprodução da Figura 3.1, de Tucci (2007: 120).

⁹⁷ Reprodução da Figura 3.2, de Tucci (2007: 121).

Por outro lado, a autora revela a existência de algumas relações preferenciais (mas não necessárias) entre a escolha da ilocução e a escolha da modalidade: para asserções, 49,1% dos índices modais são de valor epistêmico; para enunciados diretivos, 53,2% dos índices são deônticos; em relação aos expressivos, 60,7% dos índices de modalidade são aléticos.

Em meio a essas indagações, chama a atenção o fato de que, dentre todos os tipos de unidades informacionais, somente quatro delas podem sofrer modalização: Tópico, Comentário, Parentético e Introdutor Locutivo. Essa seleção contextual em função de unidades de informação também constitui mais um argumento para se pensar que a modalidade diz respeito a elas mesmas e não ao enunciado. A figura abaixo reporta a porcentagem de índices lexicais de modalidade para cada uma das unidades informacionais que podem ser modalizadas:

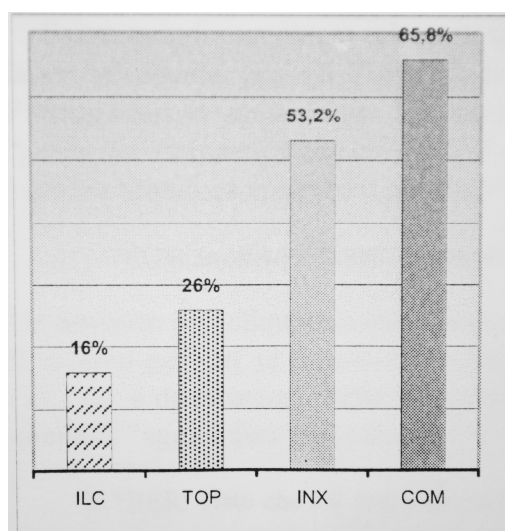


FIGURA 35⁹⁸ - Percentual de índices lexicais de modalidade nas unidades informacionais modalizadas

A partir dessas evidências é que se conclui que, sob a perspectiva da Teoria da Língua em Ato, *o domínio da modalidade é a unidade informacional* e não o enunciado.

Por fim, há ainda reflexões de outra ordem que podem ser feitas a partir da figura 35. Se o Parentético é definido justamente como *a unidade dedicada à expressão da modalidade*, e 53,2% de sua totalidade apresentam índices lexicais voltados a tal fim, existem 46,8% de Parentéticos sem índices lexicais. Em face desses dados, pode-se

⁹⁸ Reprodução da Figura 3.1, de Tucci (no prelo b). ILC é a antiga sigla utilizada como etiqueta da unidade de Introdutor Locutivo no C-ORAL-ROM.

pensar em ao menos duas possibilidades: 1) todos os Parentéticos têm modalidade, mas ela não é necessariamente manifestada por meio de um índice lexical; 2) alguns Parentéticos não são modalizados e, portanto, não cumprem a função de fazer um comentário subjetivo sobre o conteúdo locutivo.

Tal questão relaciona-se a uma das discussões centrais que emergem do estudo da modalidade: se todo e qualquer conteúdo proposicional é necessariamente modalizado ou se há proposições sem modalidade. A esse respeito, Tucci lembra que uma concepção mais ampla de modalidade que a entende como “atitude do falante em relação à sua locução” pressupõe que todo enunciado seja modalizado, uma vez que “não pode existir uma externalização de um pensamento que não seja primeiramente refletido e avaliado segundo o juízo ‘intelectual’ do falante” (TUCCI, 2007: 128). Por outro lado, Cresti afirma não ser fácil distinguir entre o que deveria constituir a avaliação (ou seja, o *Dictum*) e o que deveria constituir a avaliação do falante (o *Modus*). Sendo assim, os trabalhos realizados no âmbito da Teoria da Língua em Ato optam pela escolha metodológica de analisar somente a modalidade expressa por meio de índices lexicais explícitos.

Existe, pois, uma discussão sobre a extensão da modalidade e a possível existência de uma fala não-modalizada. Este trabalho se limita à análise dos indicadores explícitos de modalidade, ao passo que para Cresti (2000) sempre há modalidade em uma escolha lexical. Efetivamente, para a autora, todos os Parentéticos delimitam, de uma forma ou de outra, o modo com que o enunciado – ou uma parte dele – deve ser interpretado.

4.2.6.1.1 A modalidade e a unidade informacional de Parentético no PB

Dentre todos os enunciados com unidades de Parentético extraídos da amostra do C-ORAL-BRASIL tomada no presente trabalho, quatro apresentam índices lexicais de modalidade:

*BEL: falar em cento-e-dez duzentos-e-vinte não é muito legal /=COM= <pramim> //PAR=

*BEL: eles tavam num posto de gasolina /=COM= eu acho //PAR=

*BEL: o cara /=i-COB= **tipo** /=PAR= falou de forma /=SCA= ofensiva /=COB= ainda [/1]=EMP= e teve agressão /=COM= <até> //PHA=

*BEL: &he /=TMP= &e [/1]=EMP= quando eu fui minha mala tinha /=i-COM= **tipo** /=PAR= quatorze quilos //COM=

Em todos os casos, a modalidade detectada é de valor epistêmico. No primeiro e no segundo enunciados, o valor modal é atribuído em função da expressão “pra mim” e do verbo “achar”, que indicam crença. Já no segundo e no terceiro enunciados, o índice lexical “tipo”, comumente utilizado com valor epistêmico, indica que o falante está fazendo uma aproximação e, portanto, compromete-se de forma parcial em relação ao valor de verdade de seu enunciado.

Não parece ser uma coincidência a relação entre essa unidade informacional e esse valor modal. Apesar da pequena quantidade de dados dessa pesquisa, TUCCI (2007) aponta em seu trabalho, baseado em um *subcorpus* bastante expressivo, a mesma correlação: dentre os possíveis valores modais, há uma predominância em 75,8% dos casos da modalidade epistêmica. A autora oferece uma explicação para isso: “o motivo pelo qual, no Parentético, tem-se uma predominância de realizações epistêmicas deve ser procurado na natureza da sua função informacional que, por definição, é aquela de ‘adicionar uma avaliação subjetiva do falante’ no enunciado.” (TUCCI, no prelo b)

A amostra analisada no presente trabalho, que será apresentada na seção 5, não é suficiente para esgotar a questão no PB, mas o trabalho de Tucci mostra claramente como a análise futura de uma quantidade maior de textos não pode prescindir das considerações aqui apresentadas. Um *subcorpus* maior tornará possível verificar se as conclusões levantadas por Tucci em relação à modalidade do Parentético se confirmam no PB.

Uma vez descrita de forma mais aprofundada a unidade de Parentético, segue, na seção seguinte, um estudo preliminar da unidade no PB, com a apresentação da metodologia utilizada nas análises acústicas, dos dados delas resultantes e de alguns aspectos estruturais das unidades investigadas.

5 A UNIDADE DE PARENTÉTICO NO PB: UM ESTUDO PRELIMINAR

5.1 Apresentação

Nesta seção são apresentadas algumas análises preliminares da unidade de Parentético no PB. Trata-se de um estudo desprovido de valor estatístico em vista do tamanho da amostra que lhe serviu de substrato, extraída do C-ORAL-BRASIL – quatro textos de aproximadamente 1500 palavras, sendo um diálogo privado, um diálogo público e dois monólogos privados.

Foram individualizados todos os enunciados que continham Parentéticos, e para as análises acústicas os respectivos trechos nos arquivos de áudio foram tratados com os *softwares* WinPitch e Praat⁹⁹. Estas serão apresentadas nas subseções seguintes, e na seqüência se fará uma breve abordagem de alguns aspectos estruturais das unidades de Parentético presentes na amostra.

5.2 Análises acústicas

As análises acústicas foram feitas segundo o procedimento seguinte:

Por meio do WinPitch, identificavam-se e extraíam-se dos textos etiquetados os enunciados que continham unidades de Parentético; tais enunciados eram segmentados no Praat, seguindo a mesma segmentação proposta no texto transcrito, para se obterem as medidas de F0 média do Parentético e F0 média do restante do enunciado (esta, obtida a partir da F0 da(s) unidade(s) anterior(es) à unidade de Parentético e, se houvesse, posterior(es) a ela). Foi feito também o cálculo da velocidade de fala durante a produção do Parentético e do restante do enunciado, dividindo-se o número de sílabas fonológicas pela duração, obtendo-se, por conseguinte, o percentual de aumento ou de diminuição da velocidade do Parentético em relação ao restante do enunciado.

⁹⁹ O Praat é um programa destinado a pesquisas em Fonética e pode ser baixado gratuitamente em <http://www.praat.org/>. Um tutorial sobre o *software* pode ser baixado em http://www.slp.utoronto.ca/aboutus/rlabs/oraldlaboratory/oraldynamicslab/Links___Downloads/PRAAT_tutorial.htm, bastando, para tal, preencher um pequeno formulário com informações sobre a área de pesquisa e a instituição do solicitante.

Assim, para cada Parentético encontrado na amostra, vêm apresentados na seqüência o percentual de abaixamento ou aumento da F0 da unidade de Parentético em relação ao restante do enunciado, o percentual de aumento ou de diminuição da velocidade do Parentético em relação ao restante do enunciado, e os perfis entonacionais observados para a unidade.

Tais medidas são importantes para apresentar um primeiro delineamento no PB das características da unidade de Parentético tratadas pela Teoria da Língua em Ato, permitindo um futuro cotejo com as características encontradas para a unidade no italiano e nas demais línguas em que for estudada.

Independentemente se o Parentético apareceu em posição contígua a outro Parentético ou se era Parentético de outro Parentético, foi dado o mesmo tratamento no que se refere às medidas e aos perfis entonacionais, ou seja, considerou-se o Parentético isoladamente, sempre com relação ao restante do enunciado, excetuando-se de “restante do enunciado” outras possíveis unidades de Parentético.

Em alguns casos houve dificuldade de leitura da curva melódica, o que se deveu a: a) intensidade muito baixa; b) ruído; ou c) sobreposição de fala. Nesses casos não foram feitas as medições, mas os arquivos de áudio estão disponíveis no CD anexo, conforme indicado ao longo do texto. Tais casos são utilizáveis tão-somente para análise lexical e morfossintática das unidades.

Nos casos de subidas finais e aparentes ênfases (movimento circunflexo) no Parentético, foi feita a análise perceptual com base na síntese da fala: quando não houve mudança de percepção ao se fazer a síntese, seguindo-se a tendência do movimento melódico, considerou-se como perfil entonacional o movimento melódico sem a subida final ou ênfase, fazendo-se a observação “subida na tônica final”. Caso a remoção da subida compromettesse a percepção do Parentético, considerou-se o perfil como ascendente ou misto com ascendente no final, como por exemplo “nivelado com cauda tonal ascendente”.

5.2.1 Diálogos

DIÁLOGO 1

@Title: packing the equipment

@File: bfamdl02

@Participants: BAL, Bruno (man, A, 3, graduate student, participant, Santa Bárbara/MG) BEL, Maria Isabel (woman, A, 3, graduate student, participant, Belo Horizonte/MG)

@Date: 21/02/2008

@Place: Belo Horizonte

@Situation: BAL and BEL talk while packing the recording equipment, two clip-on mics not hidden, researcher participant

@Topic: how to organize the recording equipment in a backpack

@Source: C-ORAL-BRASIL

@Class: informal, family/private, dialogue

@Length: 7' 26"

@Words: 1581

@Acoustic_quality: AB

@Transcriber: Maryualê Malvessi Mittmann

@Revisor: Heloísa Pereira Vale

@Comments: BAL syllabifies the word “nunca”. BAL pronounces “abusada” when it should be “abusado”.

Nesse diálogo foram encontrados 6 Parentéticos:

1) [74] falar em cento-e-dez duzentos-e-vinte não é muito legal /=COM= <pra mim>
//=**PAR**=¹⁰⁰

Parentético em final de enunciado. (CD, arquivo 34)

Não foi possível calcular o abaixamento da média de F0 da unidade em relação ao restante do enunciado, nem descrever seu perfil entonacional porque a curva não é confiável devido à sobreposição de vozes.

¹⁰⁰ O primeiro número entre colchetes indica o número do enunciado no texto.

2) [173] a minha igreja [3]=EMP= o [1]=EMP= **isso aquele Marcelo Crivella** /=**PAR**= <**aquele bispo**> lá /=**PAR**(1)= a minha igreja não aceita homossexuais //=**COM_r**=¹⁰¹

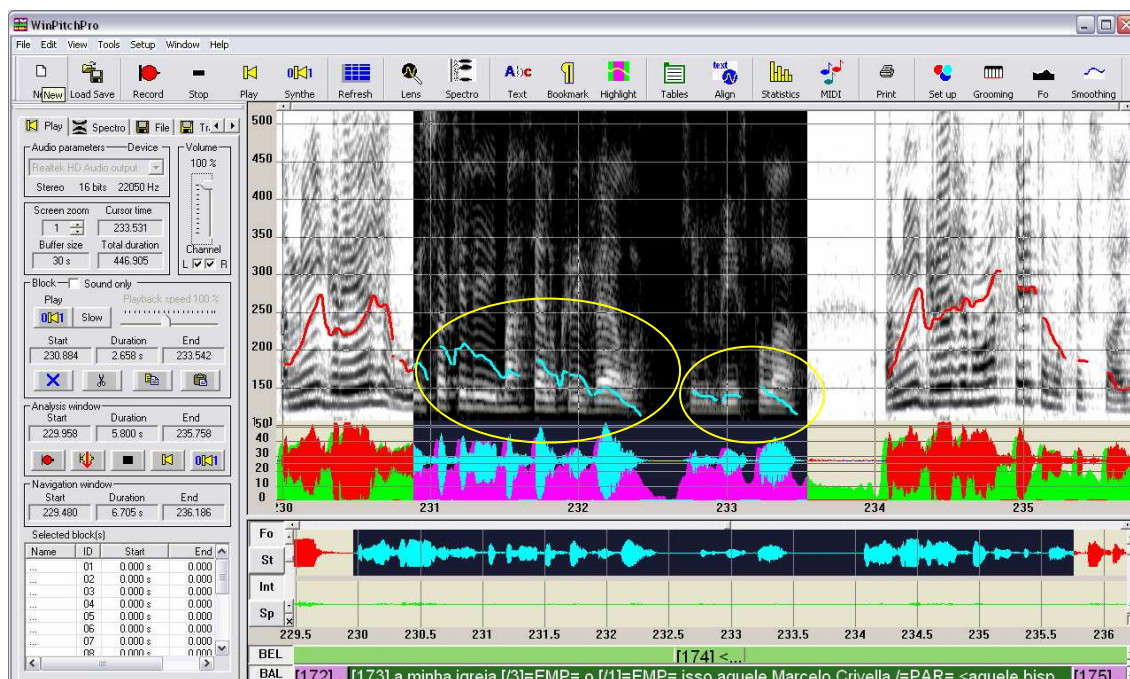


FIGURA 36 - Enunciado com dois Parentéticos, em posição interna e contíguos (CD, arquivo 35)

Dados do primeiro Parentético:

Média de F0 26,4% mais baixa que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 9% mais alta que no restante do enunciado.

Perfil entonacional descendente.

Dados do segundo Parentético:

Média de F0 40,6% mais baixa que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 7% mais baixa que no restante do enunciado.

Perfil entonacional nivelado.

Este é um caso de Parentético de uma outra unidade de Parentético, com abaixamento da F0 do segundo Parentético em relação ao primeiro.

¹⁰¹ O número entre parênteses indica diferença de nível entre as unidades de Parentético presentes em um mesmo enunciado, dada pelo abaixamento da F0 do segundo Parentético em relação ao primeiro. Nesses casos, há ocorrência de Parentético de uma outra unidade de Parentético.

3) [192] eles tavam num posto de gasolina /=COM= **eu acho** //=**PAR**=

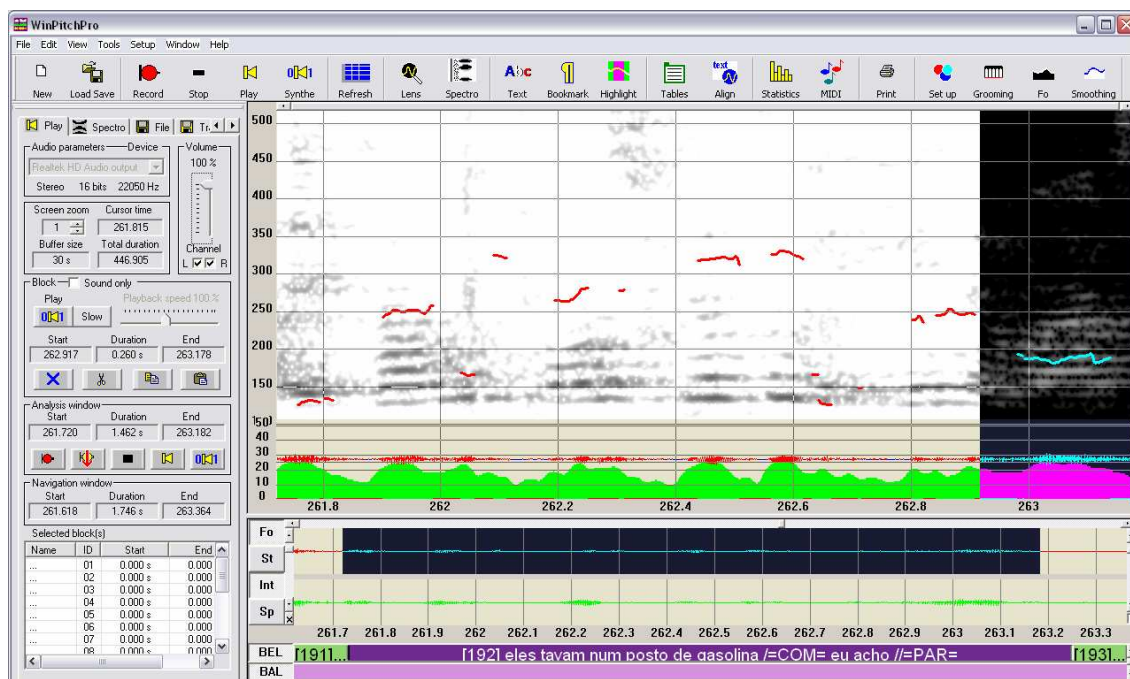


FIGURA 37 - Parentético em final de enunciado (CD, arquivo 11)

Média de F0 32,6% mais baixa que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 21,2% mais baixa que no restante do enunciado.

Perfil entonacional nivelado.

4) [194] o cara /=i-COB= **tipo** //=**PAR**= falou de forma /=SCA= ofensiva /=COB= ainda [1]=EMP= e teve agressão /=COM= <até> //={PHA}=
 Parentético interno ao enunciado. (CD, arquivo 36)

Média de F0 0,7% mais baixa que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 48,7% mais alta que no restante do enunciado.

A confiabilidade das medidas não é total porque os formantes são pouco visíveis. Não

foi possível descrever o perfil entonacional da unidade porque a curva não é visível.

5) [256] &he /=TMP= &e [/1]=EMP= quando eu fui minha mala tinha /=i-COM= **tipo** /=PAR= quatorze quilos //COM=

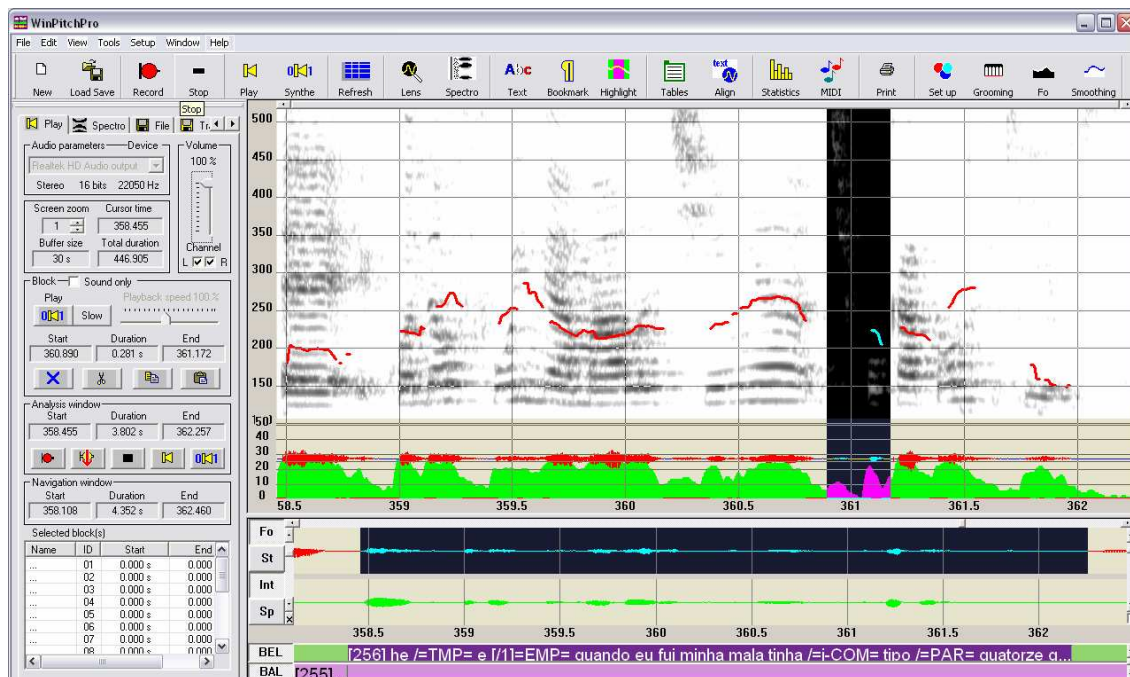


FIGURA 38 - Parentético interno ao enunciado (CD, arquivo 37)

Média de F0 8,1% mais baixa que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 21,4% mais alta que no restante do enunciado.

Perfil entonacional nivelado. A unidade de Parentético é pronunciada muito rapidamente, e praticamente com apenas um segmento vozeado, que é o único visível na curva.

DIÁLOGO 2

@Title: obra no sítio

@File: bpubdl01

@Participants: ROG, Rogélio (homem, B, 1, pedreiro, participante, Inhapim/MG) PAU, Paulo (homem, D, 3, engenheiro agrônomo/dirigente de órgão ambiental, participante, Lavras/MG)

@Date: 22/03/2008

@Place: Confins

@Situation: conversa entre engenheiro e pedreiro enquanto este realiza obra no sítio do engenheiro, dois microfones de lapela não-escondidos, pesquisadora não participa

@Topic: instruções e troca de idéias sobre como realizar a obra

@Source: C-ORAL-BRASIL

@Class: informal, público, diálogo

@Length: 26' 08"

@Words: 1581

@Acoustic_quality: AB
 @Transcriber: Heloísa Pereira Vale
 @Revisor: Maryualê Malvessi Mittmann
 @Comments: PAU pronuncia “Rogério” em vez de “Rogélio”. Áudio editado nos seguintes trechos em que apenas se ouve ROG trabalhando (tempos aproximados): 20” a partir de 117”, 18” a partir de 164”, 45” a partir de 210”, 27” a partir de 270”, 16” a partir de 350”, 55” a partir de 380”, 32” a partir de 446”, 125” a partir de 482”, 45” a partir de 742”, 25” a partir de 928”, 68” a partir de 975”, 18” a partir de 1204”, 78” a partir de 1244”, 58” a partir de 1355”, 24” a partir de 1422”, 15” a partir de 1486”, 50” a partir de 1503”.

Nesse diálogo não foram encontrados Parentéticos.

5.2.2 Monólogos

MONÓLOGO 1

@Title: adoption
 @File: bfamnm05
 @Participants: CAR, Carmosina (woman, C, 1, housekeeper, narrator, Alpercata/MG)
 MMM, Maryualê (woman, B, 3, PHD student, researcher, São Miguel do Oeste/SC)
 JUN, Junior (man, A, 2, visual arts teacher, CAR’s son, Belo Horizonte/MG)
 @Date: 12/04/2008
 @Place: informant’s house, Belo Horizonte
 @Situation: narration about how CAR adopted her youngest daughter, CAR’s kitchen, CAR makes lunch, two clip-on mics not hidden, researcher participant
 @Topic: daughter’s adoption
 @Source: C-ORAL-BRASIL
 @Class: informal, family/private, monologue
 @Length: 9’ 52”
 @Words: 1583
 @Acoustic_quality: AB
 @Transcriber: Maryualê Malvessi Mittmann
 @Revisor: Heloísa Pereira Vale
 @Comments: JUN interrupts CAR’s narration, CAR pronounces “dócia” when it should be “dócil”, “amava” when it should be “amável”, “vivenos” when it should be “vivendo”, “outa” when it should be “outra”, “capu” when it should be “capô”, “memo” when it should be “mesmo”. Sometimes CAR calls the researcher Mara and not Mary.

Nesse monólogo foram encontrados 6 Parentéticos:

1) [3] conteceu uma tragédia comigo que tive que perder minha filha /=COB= **que é um retratinho que tá ali na estante** /=PAR= **comigo** /=PAR(1)= **ela abraçada em mim** /=PAR= pra /=SCA= eu /=TOP= &he /=TMP= chegar a essa conclusão pa mim pegar uma filhinha pa mim criar //COM=

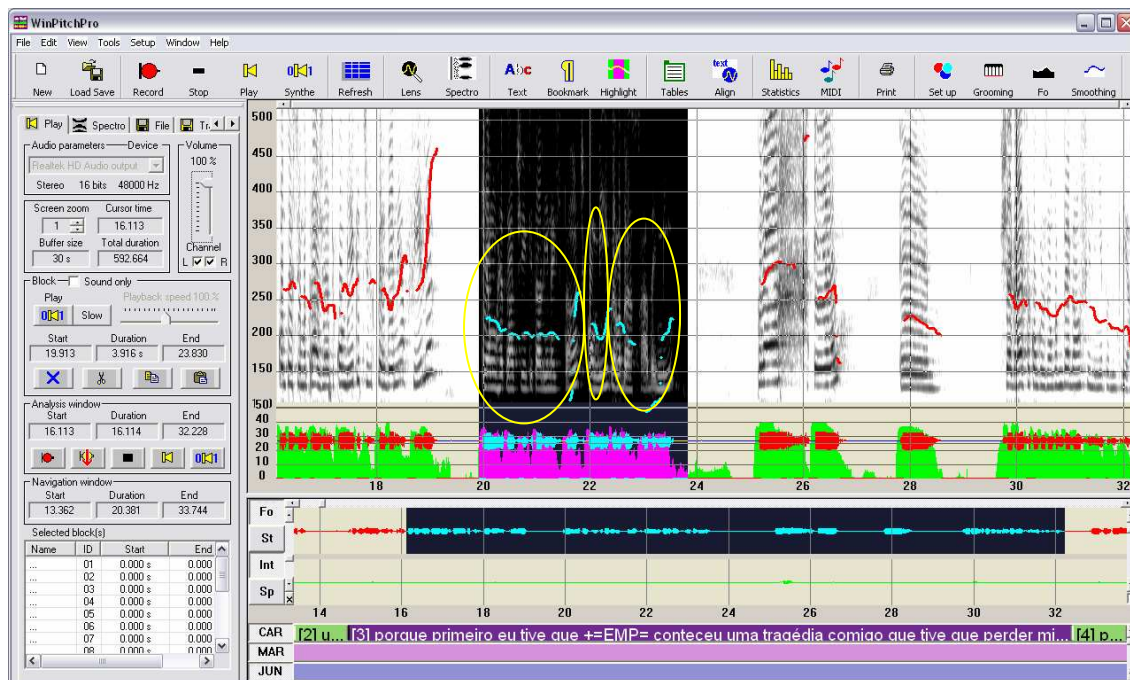


FIGURA 39 - Enunciado com três Parentéticos, em posição interna e contíguos (CD, arquivo 38)

Dados do primeiro Parentético:

Média de F0 19,6% mais baixa que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 114,5% mais alta que no restante do enunciado.

Perfil entonacional nivelado com subida na tônica final.

Dados do segundo Parentético:

Média de F0 17,5% mais baixa que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 65,2% mais alta que no restante do enunciado.

Perfil entonacional descendente-ascendente.

Este é um caso de Parentético de uma outra unidade de Parentético, com abaixamento da F0 do segundo Parentético em relação ao primeiro.

Dados do terceiro Parentético:

Média de F0 29,7% mais baixa que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 92,4% mais alta que no restante do enunciado.

Perfil entonacional nivelado com cauda tonal ascendente.

2) [5] mas depois que eu perdi a minha [2]=SCA= &me [1]=EMP= meu bebê /=TOP= &mai [1]=EMP= &m [1]=EMP= **com oito ano de idade** /=PAR= aí eu peguei um bebezim com /=SCA= três mês de idade /=COB= que é a Mislaine hoje //COM=

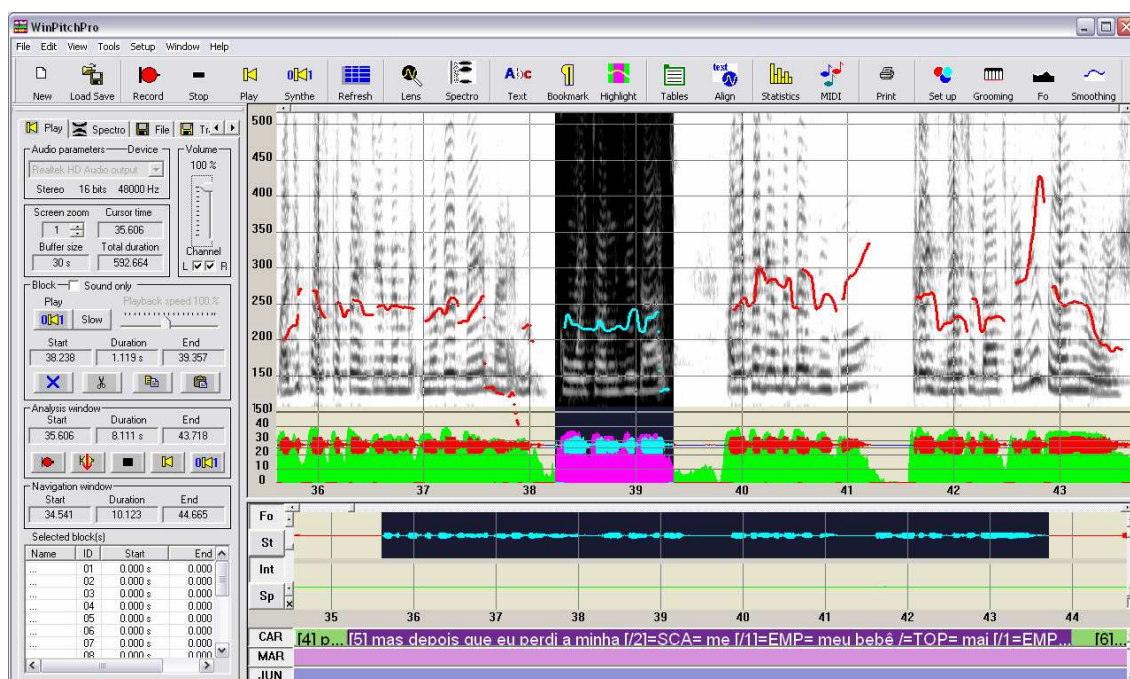


FIGURA 40 - Parentético interno ao enunciado (CD, arquivo 39)

Média de F0 13,2% mais baixa que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 29,3% mais alta que no restante do enunciado.

Perfil entonacional nivelado com subida na tônica final.

3) [61] a única coisa que eu fiquei muito triste que eu nã falo perto dela /=TOP= Mary /=ALL= é que /=INT= quando fez oito dia que ela tava com a gente /=TOP= eu /=SCA= não falo perto dela /=SCA= porque /=SCA= isso ela não sabe /=PAR= é que /=INT= &he /=TMP= a mãe /=TOP= mandou buscar porque tinha vendido ela por seiscentos reais //COM=

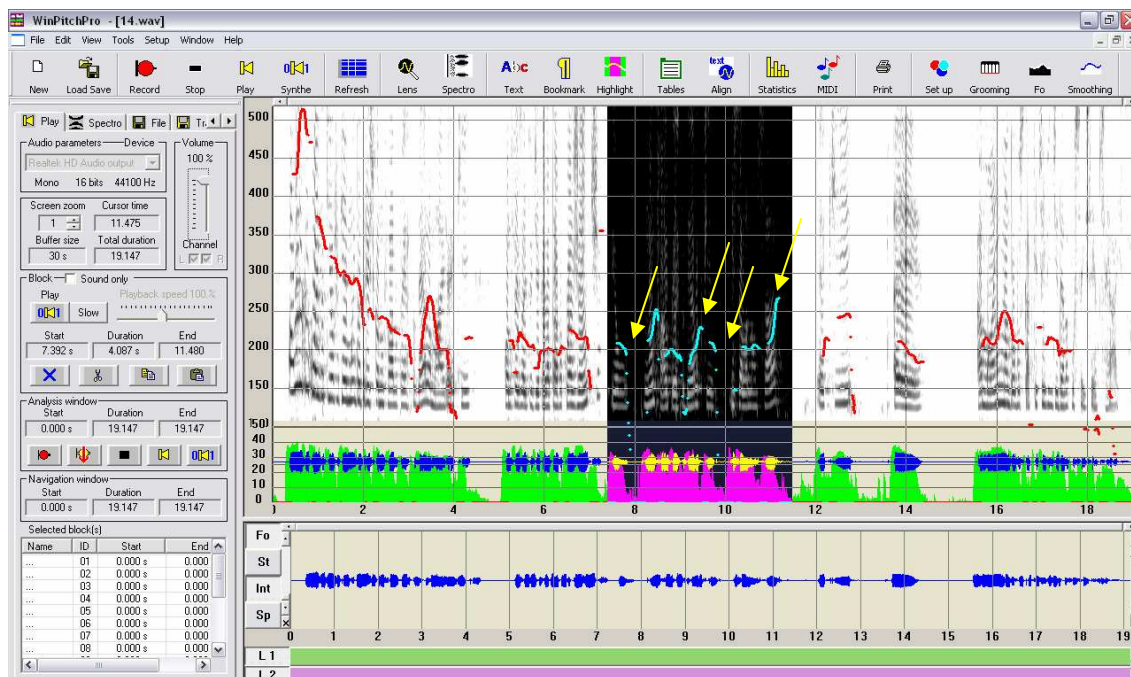


FIGURA 41 - Parentético escansionado interno ao enunciado (CD, arquivo 14)

Média de F0 17% mais baixa que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 2,3% mais baixa que no restante do enunciado.

Perfil entonacional nivelado com cauda tonal ascendente.

4) [107] e outra também /=COM= que /=TXC= quando nós fomos levar o papel do advogada lá pra assinar /=TOP= **que a advogada é que mexeu pra mim** /=PAR= ela não queria assinar //COM=

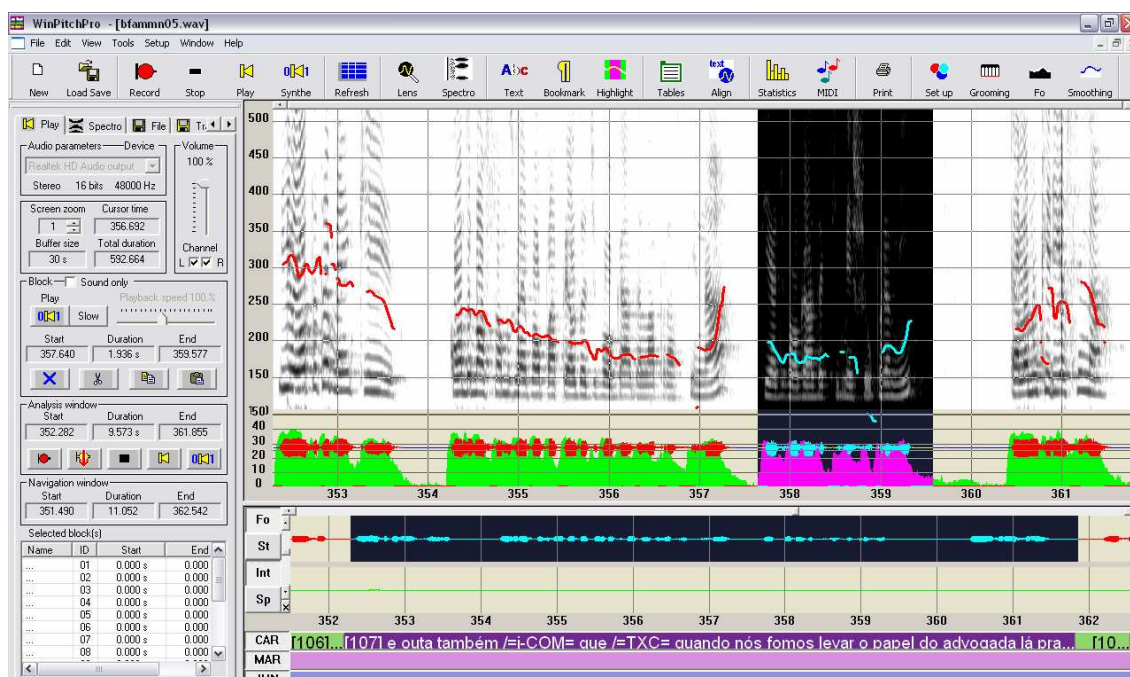


FIGURA 42 - Parentético interno ao enunciado (CD, arquivo 12)

Média de F0 26% mais baixa que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 26,9% mais alta que no restante do enunciado.

Perfil entonacional nivelado com cauda tonal ascendente.

MONÓLOGO 2

@Title: parto no carro

@File: bfammm04

@Participants: REG, Regina (mulher, B, 2, proprietária de estabelecimento comercial, narradora, Belo Horizonte/MG) BAL, Bruno (homem, A, 2, estudante de graduação, ouvinte, Santa Bárbara/MG)

@Date: 12/11/2007

@Place: Contagem

@Situation: mulher fala de sua experiência de dar à luz o terceiro filho dentro de um automóvel, a caminho do hospital, dois microfones de lapela não-escondidos, pesquisador participa

@Topic: parto do filho

@Source: C-ORAL-BRASIL

@Class: informal, familiar/privado, monólogo

@Length: 06' 57"

@Words: 1452

@Acoustic_quality: A

@Transcriber: Heloísa Pereira Vale
 @Revisor: Maryualê Malvessi Mittmann
 @Comments: BAL ri frequentemente.

Nesse monólogo foram encontrados 6 Parentéticos:

1) [21] aí a médica lá no quarto /=TOP= não /=PHA= no [1]=EMP= na sala de &es [2]=SCA= de cirurgia /=SCA= tal /=PAR= mas nũ tinha +=EMP=

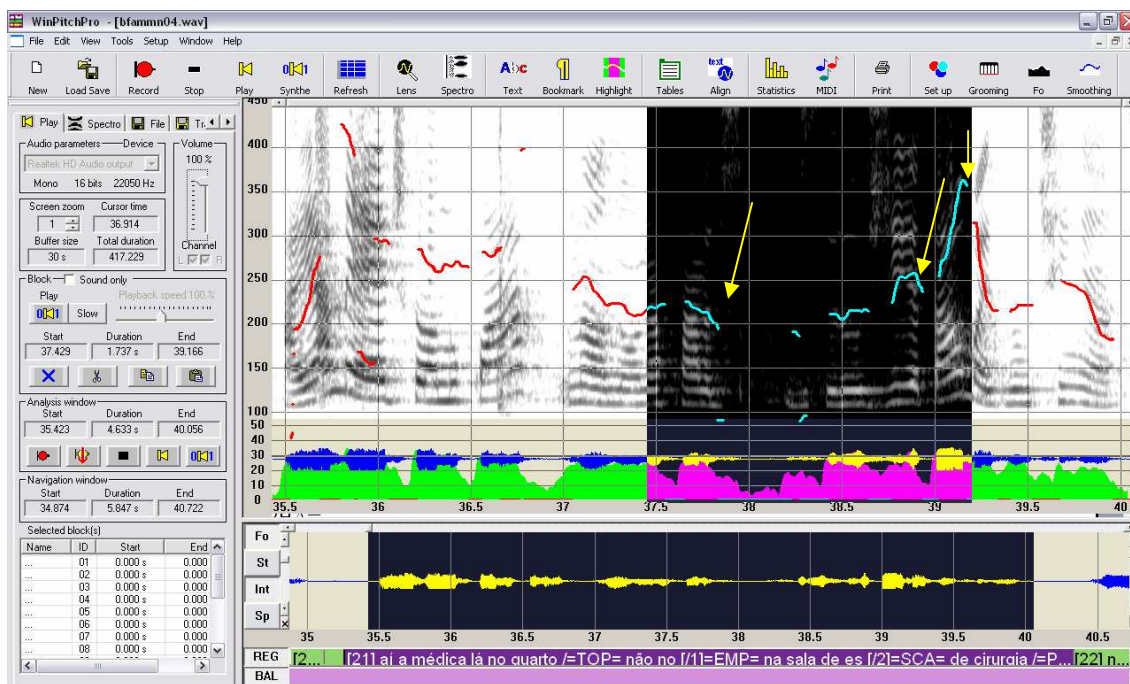


FIGURA 43 - Parentético escansionado interno ao enunciado (CD, arquivo 40)

Média de F0 2,2% mais alta que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 21,5% mais alta que no restante do enunciado.

Perfil entonacional nivelado com cauda tonal ascendente.

2) [22] né /=PHA= a anestesia já não pegava /=CMM= por causa da adrenalina /=SCA= do coisa /=PAR= &he /=TMP= as veia da gente some nessa <hora /=CMM= né> //=-PHA=

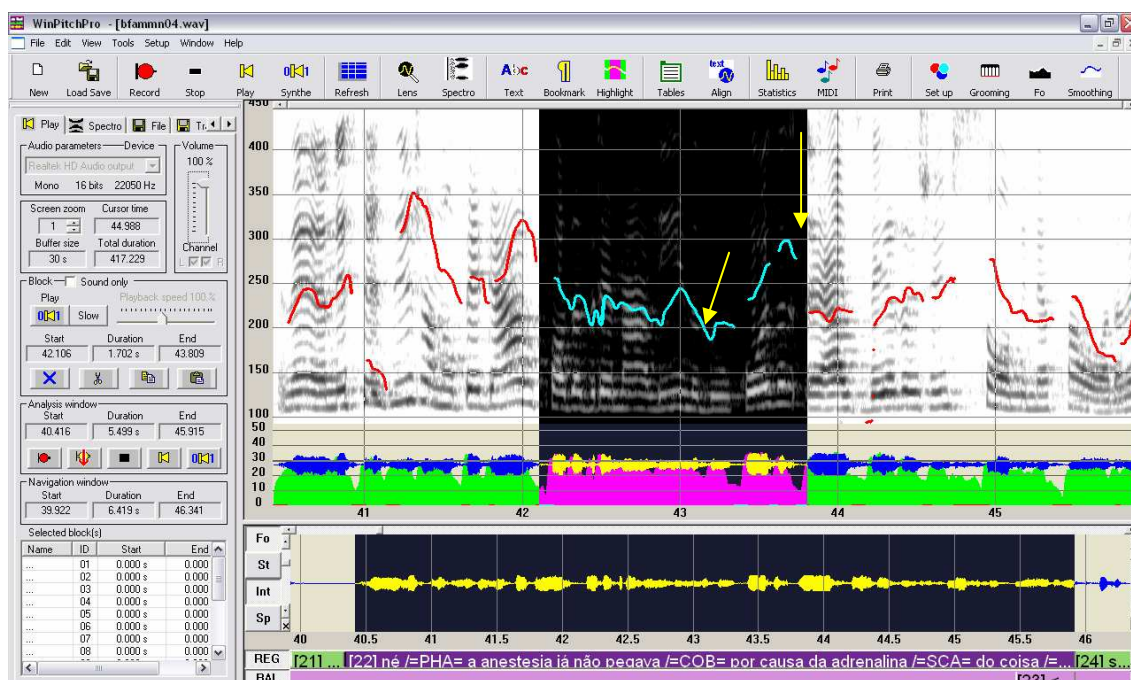


FIGURA 44 - Parentético escansionado interno ao enunciado (CD, arquivo 41)

Média de F0 1,3% mais alta que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 5% mais alta que no restante do enunciado.

Perfil entonacional nivelado com cauda tonal ascendente.

3) [156] na hora que cê sentir uma pressão /=TOP_r= **lá na sala** /=PAR= **do lado da sala de parto** /=PAR(1)= **já tava deitada** /=PAR= **esperando** /=PAR= cê me fala /=TOP_r= que a gente vai //COM_r=¹⁰²

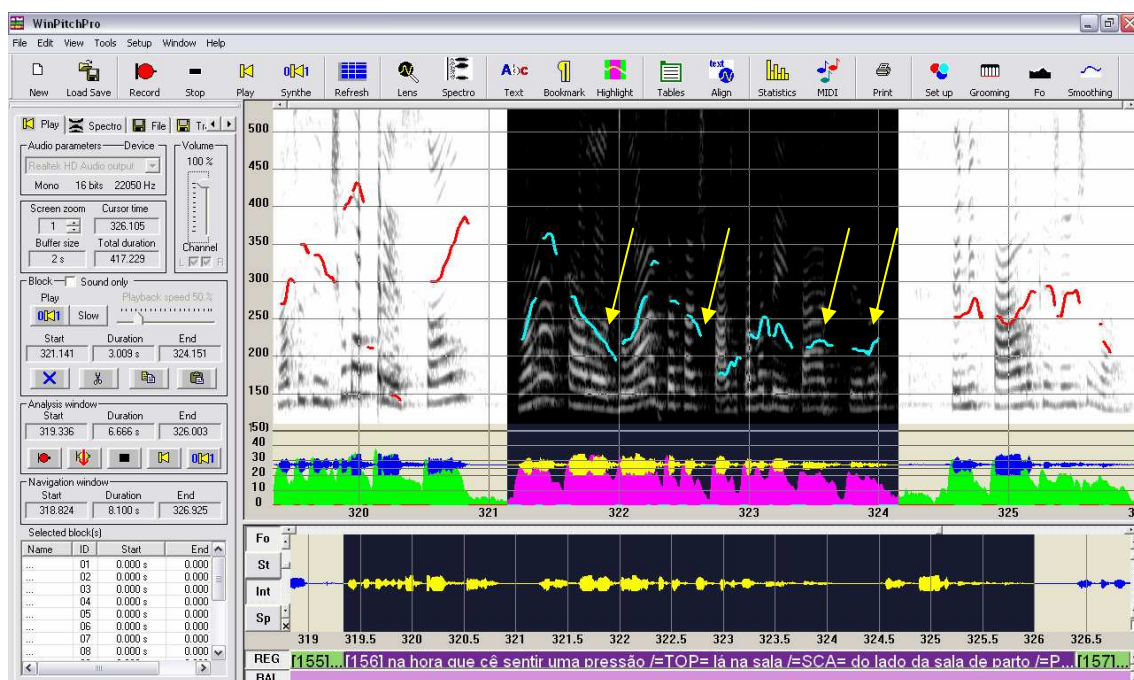


FIGURA 45 - Enunciado com quatro Parentéticos, em posição interna e contíguos (CD, arquivo 42)

Dados do primeiro Parentético:

Média de F0 9,6% mais baixa que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 17% mais baixa que no restante do enunciado.

Perfil entonacional descendente. A subida da curva no início da unidade é mera ênfase.

Dados do segundo Parentético:

Média de F0 15,8% mais baixa que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 80,5% mais alta que no restante do enunciado.

Perfil entonacional descendente. A subida da curva no início da unidade é mera ênfase.

Este é um caso de Parentético de uma outra unidade de Parentético, com abaixamento da F0 do segundo Parentético em relação ao primeiro.

¹⁰² A sigla TOP_r indica Tópico reportado.

Dados do terceiro Parentético:

Média de F0 24,2% mais baixa que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 39,1% mais alta que no restante do enunciado.

Perfil entonacional nivelado.

Dados do quarto Parentético:

Média de F0 24,5% mais baixa que no restante do enunciado.

Velocidade de elocução 26,3% mais alta que no restante do enunciado.

Perfil entonacional nivelado.

5.2.3 Síntese dos resultados

Os resultados das análises acústicas são apresentados na tabela abaixo:

TABELA 1
Variações de F0, velocidade e perfis entonacionais
das unidades de Parentético presentes na amostra do PB

F0, VELOCIDADE E PERFIS ENTONACIONAIS	DIÁLOGOS ¹⁰³		MONÓLOGOS		TOTAIS	
	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%
Total de Parentéticos	4	100,00%	12	100,00%	16	100,00%
Abaixamento de F0	4	28,57%	10	71,43%	14	100,00%
Aumento de F0	0	0,00%	2	100,00%	2	100,00%
Aumento de velocidade	2	16,67%	10	83,33%	12	100,00%
Abaixamento de velocidade	2	50,00%	2	50,00%	4	100,00%
Perfil descendente	1	33,33%	2	66,67%	3	100,00%
Perfil nivelado	3	60,00%	2	40,00%	5	100,00%
Perfil nivelado c/ cauda tonal ascendente	0	0,00%	5	100,00%	5	100,00%
Perfil nivelado c/ subida na tônica final	0	0,00%	2	100,00%	2	100,00%
Perfil descendente-ascendente	0	0,00%	1	100,00%	1	100,00%

Primeiramente é de se notar que, não obstante a reduzida dimensão da amostra, o número de Parentéticos encontrado nos monólogos é exatamente o dobro daquele presente nos diálogos, o que se torna especialmente significativo se se considera que: 1)

¹⁰³ Foram desconsiderados os enunciados 74 e 194 por não-confiabilidade ou não-visibilidade das curvas.

todos os quatro textos apresentam aproximadamente o mesmo número de palavras, sendo que a soma nos monólogos gera um número um pouco inferior relativamente aos diálogos (127 palavras a menos); 2) a quantidade de Parentéticos encontrada nos dois textos da mesma tipologia monológica é paritária (seis Parentéticos em cada um), ao passo que em um dos diálogos não houve uma ocorrência sequer da unidade. Tal resultado pode ser decorrente da própria natureza textual (e menos acional) dos monólogos, que pode levar o falante a produzir mais inserções parentéticas do que em uma interação de tipo mais acional, típica de diálogos. Estes apresentam enunciados mais curtos, sendo as reações do interlocutor às intervenções do falante mais imediatas. Já os monólogos são caracterizados por um maior número de enunciados complexos, requerendo do falante um maior planejamento de sua fala, o que confere um caráter mais textual a esse tipo de interação e naturalmente uma maior ocorrência de unidades que intervenham sobre a entidade textual que está sendo elaborada, para, por exemplo, ampliar, atenuar ou precisar seu conteúdo, dentre tantas outras funções observadas para as unidades de Parentético.

Confirmam-se aqui os estudos prévios realizados para o italiano no que diz respeito à maior frequência do abaixamento da média de F0 (para ambas as tipologias) do que um seu aumento, podendo-se também verificar uma tendência ao aumento da velocidade de elocução durante a realização da unidade parentética, constatada em quase todos os casos da unidade presentes nos monólogos e em metade daqueles que comparecem na tipologia dialógica.

Outro dado interessante diz respeito ao perfil da unidade – predominantemente nivelado em ambas as tipologias, confirmando as especificações da unidade já largamente difundidas a partir dos estudos realizados no *corpus* do italiano.

Nesse ponto, cumpre relevar que somente a partir de uma amostra maior do *corpus* do PB é que se poderá estudar a unidade de forma aprofundada e eventualmente confirmar a observância dos fenômenos aqui descritos, bem como verificar se as observações e conclusões a que chegaram os estudos para o italiano se confirmariam no PB.

5.3 Alguns aspectos estruturais

Tomando-se em alguns de seus aspectos estruturais as unidades de Parentético presentes nos textos analisados, procedeu-se à seguinte categorização:

- 1) PAR internos ao enunciado ou em posição final.
- 2) PAR interrompendo ou não uma outra unidade, ou seja, dentro ou fora de unidade.
- 3) PAR longos (metalingüísticos; unidades que veiculam informações mais complexas sobre o conteúdo do enunciado) ou curtos (modalizadores; unidades que modalizam rapidamente o discurso).
- 4) PAR escansionados ou não-escansionados.
- 5) PAR encaixados (quando há Parentéticos de diferentes níveis, ou seja, Parentéticos de Parentéticos) ou não-encaixados, sendo que todo PAR encaixado foi considerado dentro de unidade de PAR.
- 6) PAR verbais ou adverbiais, com a presença ou ausência de verbo como elemento definidor.

5.3.1 Diálogo¹⁰⁴

DIÁLOGO 1

- 1) [74] falar em cento-e-dez duzentos-e-vinte não é muito legal /=COM= <pra mim> //=**PAR**=

Parentético em posição final, fora de unidade, curto, não-escansionado, não-encaixado, adverbial.

¹⁰⁴ Vale lembrar que no DIÁLOGO 2 não houve ocorrência de unidades de Parentético.

2) [173] a minha igreja [/3]=EMP= o [/1]=EMP= **isso aquele Marcelo Crivella** /=PAR= <**aquele bispo**> **lá** /=PAR(1)= a minha igreja não aceita homossexuais //COM_r=

Primeiro Parentético: interno, fora de unidade, longo, não-escansionado, não-encaixado, adverbial.

Segundo Parentético: interno, dentro de unidade de Parentético, longo, não-escansionado, encaixado, adverbial.

3) [192] eles tavam num posto de gasolina /=COM= **eu acho** //PAR=

Parentético em posição final, fora de unidade, curto, não-escansionado, não-encaixado, verbal.

4) [194] o cara /=i-COB= **tipo** /=PAR= falou de forma /=SCA= ofensiva /=COB= ainda [/1]=EMP= e teve agressão /=COM= <até> //PHA=

Parentético interno, dentro de unidade de Comentário, curto, não-escansionado, não-encaixado, adverbial.

5) [256] &he /=TMP= &e [/1]=EMP= quando eu fui minha mala tinha /=i-COM= **tipo** /=PAR= quatorze quilos //COM=

Parentético interno, dentro de unidade de Comentário, curto, não-escansionado, não-encaixado, adverbial.

5.3.2 Monólogos

MONÓLOGO 1

1) [3] conteceu uma tragédia comigo que tive que perder minha filha /=COB= **que é um retratinho que tá ali na estante** /=PAR= **comigo** /=PAR(1)= **ela abraçada em mim** /=PAR= pra /=SCA= eu /=TOP= &he /=TMP= chegar a essa conclusão pa mim pegar uma filhinha pa mim criar //COM=

Primeiro Parentético: interno, fora de unidade, longo, não-escansionado, não-encaixado, verbal.

Segundo Parentético: interno, dentro de unidade de Parentético, longo, não-escansionado, encaixado, adverbial.

Terceiro Parentético: interno, fora de unidade, longo, não-escansionado, não-encaixado, adverbial.

2) [5] mas depois que eu perdi a minha [/2]=SCA= &me [/1]=EMP= meu bebê /=TOP= &mai [/1]=EMP= &m [/1]=EMP= **com oito ano de idade** /=PAR= aí eu peguei um bebezim com /=SCA= três mês de idade /=COB= que é a Mislaine hoje //COM=

Parentético interno, fora de unidade, longo, não-escansionado, não-encaixado, adverbial.

3) [61] a única coisa que eu fiquei muito triste que eu nũ falo perto dela /=TOP= Mary /=ALL= é que /=INT= quando fez oito dia que ela tava com a gente /=TOP= **eu** /=SCA= **não falo perto dela** /=SCA= **porque** /=SCA= **isso ela não sabe** /=PAR= é que /=INT= &he /=TMP= a mãe /=TOP= mandou buscar porque tinha vendido ela por seiscentos reais //COM=

Parentético interno, fora de unidade, longo, escansionado, não-encaixado, verbal.

4) [107] e outra também /=COM= que /=TXC= quando nós fomos levar o papel do advogada lá pra assinar /=TOP= **que a advogada é que mexeu pra mim** /=PAR= ela nũ queria assinar //COM=

Parentético interno, fora de unidade, longo, não-escansionado, não-encaixado, verbal.

MONÓLOGO 2

1) [21] aí a médica lá no quarto /=TOP= não /=PHA= no [/1]=EMP= **na sala de &es** [/2]=SCA= **de cirurgia tal** /=PAR= mas nũ tinha +=EMP=

Parentético interno, fora de unidade, longo, escansionado, não-encaixado, adverbial.

2) [22] né /=PHA= a anestesia já não pegava /=CMM= **por causa da adrenalina** /=SCA= **do coisa** /=PAR= &he /=TMP= as veia da gente some nessa <hora /=CMM= né> //PHA=

Parentético interno, fora de unidade, longo, escansionado, não-encaixado, adverbial.

3) [156] na hora que cê sentir uma pressão /=TOP_r= **lá na sala** /=PAR= **do lado da sala de parto** /=PAR(1)= **já tava deitada** /=PAR= **esperando** /=PAR= cê me fala /=TOP_r= que a gente vai //COM_r=

Primeiro Parentético: interno, fora de unidade, longo, não-escansionado, não-encaixado, adverbial.

Segundo Parentético: interno, dentro de unidade de Parentético, longo, não-escansionado, encaixado, adverbial.

Terceiro Parentético: interno, fora de unidade, longo, não-escansionado, não-encaixado, verbal.

Quarto Parentético: interno, fora de unidade, longo, não-escansionado, não-encaixado, verbal.

5.3.3 Síntese dos resultados

Os resultados das análises de alguns aspectos estruturais das unidades de Parentético estão descritos na tabela abaixo:

TABELA 2
Aspectos estruturais das unidades de Parentético presentes na amostra do PB

ASPECTOS ESTRUTURAIIS	DIÁLOGOS		MONÓLOGOS		TOTAIS	
	ABSOLUTO	%	ABSOLUTO	%	ABSOLUTO	%
Total de Parentéticos	6	33,33%	12	66,67%	18	100,00%
Em posição interna ao enunciado	4	25,00%	12	75,00%	16	100,00%
Em final de enunciado	2	100,00%	0	0,00%	2	100,00%
Dentro de unidade	3	60,00%	2	40,00%	5	100,00%
Fora de unidade	3	23,08%	10	76,92%	13	100,00%
Longos	2	14,29%	12	85,71%	14	100,00%
Curtos	4	100,00%	0	0,00%	4	100,00%
Escansionados	0	0,00%	3	100,00%	3	100,00%
Não-escansionados	6	40,00%	9	60,00%	15	100,00%
Encaixados	1	33,33%	2	66,67%	3	100,00%
Não-encaixados	5	33,33%	10	66,67%	15	100,00%
Verbais	1	16,67%	5	83,33%	6	100,00%
Adverbiais	5	41,67%	7	58,33%	12	100,00%

Ressalvando-se sempre o caráter reduzido da amostra tomada para este estudo, emerge dos dados uma clara tendência ao posicionamento da unidade de Parentético internamente ao enunciado, para ambas as tipologias. Nota-se que no diálogo houve duas ocorrências de Parentéticos em final de enunciado, para nenhuma ocorrência nas interações monológicas, sendo que nestas, como já se viu, mesmo com um número inferior de palavras, foi encontrado o dobro do número de Parentéticos presentes no diálogo. A investigação desse aspecto em um número maior de textos e a eventual confirmação de tal tendência poderão trazer conclusões interessantes a respeito de uma possível correlação entre distribuição e tipologia interacional.

Na interação dialógica examinada, é paritária a ocorrência de unidades de Parentético dentro e fora de uma outra unidade, ao passo que nos monólogos é prevalente o Parentético externo a unidade informacional.

Quanto à extensão dos Parentéticos presentes na amostra, observa-se que no diálogo os curtos comparecem em número dobrado em relação aos longos, enquanto nos monólogos todas as ocorrências são de unidades longas; em relação ao escansionamento, é interessante notar que mesmo sendo longas todas as unidades de Parentético presentes nos monólogos, a grande maioria não é escansionada, como de resto não é escansionada nenhuma das ocorrências de Parentéticos do diálogo.

Observa-se também que Parentéticos de diferentes níveis ou encaixados ocorrem em número reduzido em ambas as tipologias, sendo também mais reduzido o número de unidades parentéticas verbais comparativamente às adverbiais, deixando talvez entrever uma tendência oposta àquela que se verifica no italiano, em que há uma maior presença de Parentéticos de natureza verbal. Aqui se ressalta novamente a necessidade de uma amostra maior que permita estudos mais aprofundados.

Apresentado o estudo preliminar da unidade de Parentético no PB, passa-se, na seção a seguir, às considerações finais do trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo realizar uma primeira reflexão sobre a unidade informacional de Parentético na fala espontânea do PB, com o aporte teórico da Língua em Ato em amostra extraída do *corpus* C-ORAL-BRASIL. Os principais resultados, dentre os apresentados nas seções 4 e 5, são retomados na seqüência.

Identificou-se a presença de valor modal epistêmico em quatro unidades da amostra, expresso pelos índices lexicais de modalidade “pra mim”, “achar” (indicadores de crença) e “tipo”, indicador de que o falante se compromete parcialmente em relação ao valor de verdade de seu enunciado. Não obstante a pequena quantidade de dados deste trabalho, o *subcorpus* do italiano, por outro lado bastante amplo, indica a predominância dessa modalidade epistêmica dentre os possíveis valores modais.

Verificou-se o dobro do número de Parentéticos na tipologia monológica em relação à dialógica, lembrando-se que todos os textos utilizados apresentam aproximadamente o mesmo número de palavras, inferior, contudo, nos monólogos, e que um dos diálogos não apresentou ocorrências da unidade. Esses resultados podem ser indício de como um texto falado estrutura-se segundo uma dada tipologia – um texto monológico apresenta uma estruturação discursiva mais elaborada do que um texto de natureza dialógica, com um grande número de enunciados complexos, constituídos, além da obrigatória e necessária unidade de Comentário, de outras unidades informacionais, dentre elas naturalmente a de Parentético.

Observou-se que os correlatos prosódicos das unidades presentes na amostra, quais sejam, uma maior freqüência do abaixamento da média de F0, uma tendência ao aumento da velocidade de elocução e um perfil predominantemente nivelado, confirmam os dados apresentados em estudos prévios realizados para o italiano.

Os resultados obtidos através da aplicação da Teoria da Língua em Ato apontaram também para uma possível particularidade observada no PB, constatada a partir da comparação com os estudos já em nível avançado para o italiano, merecendo, portanto, estudos mais aprofundados: a presença de um menor número de unidades parentéticas de natureza verbal relativamente às adverbiais, apontando possivelmente para uma

tendência oposta àquela que se verifica no italiano, em que há uma maior presença de Parentéticos de natureza verbal.

Não se pretende aqui afirmar que o PB apresente de fato esta ou outras especificidades, mas acredita-se que deva(m) ser investigada(s) em futuros estudos a partir de uma amostra mais ampla. Somente assim se poderá verificar se as observações e conclusões a que chegaram os pioneiros estudos para o italiano se confirmariam no PB. Resultados mais iluminadores atingidos com o aumento da amostra abririam a perspectiva de comparações interlingüísticas dos dados relativos à unidade de Parentético no PB também com os das demais línguas integrantes dos *corpora* C-ORAL-ROM.

REFERÊNCIAS

ALVES DE DEUS, L. *A Unidade Informacional de Tópico no Português do Brasil*. 2008. 230f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

AUSTIN, J. *How to do things with words*. London: Oxford University Press, 1962.

BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique française*. Berna: Francke Verlag, 1942.

BAZZANELLA, C. I segnali discorsivi. In: RENZI, L.; SALVI, G.; CARDINALETTI, A. (Orgs.). *Grande grammatica italiana di consultazione*. Bologna: Il Mulino, 2001. v. 3, p. 225-257.

BICK, E. *Linguistics Page*. Automatic Analysis of Portuguese. Disponível em: <<http://visl.hum.ou.dk/Linguistics.html>>. Acesso em 10 jan. 2010.

BICK, E. *The Parsing System Palavras: Automatic Grammatical Analysis of Portuguese in a Constraint Grammar Framework*. Aarhus: Aarhus University Press, 2000.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer*. *Software livre*. Versão 5.1.07. Disponível em: <<http://www.praat.org/>>. Acesso em: 26 dez. 2009.

BORGATO, G.; SALVI, G. Le frasi parentetiche. In: RENZI, L.; SALVI, G.; CARDINALETTI, A. (Orgs.). *Grande grammatica italiana di consultazione. Tipi di frase, deissi, formazione delle parole*. Bologna: Il Mulino, 1995. v. 3, p. 165-174.

CRESTI, E. *Corpus di italiano parlato*. Firenze: Accademia della Crusca, 2000. 2 v. 1 CD-ROM.

CRESTI, E. Illocuzione e modalità. In: BECCARIA, P.; MARELLO, C. (Eds.). *La parola al testo: scritti per Bice Mortara-Garavelli*. Torino: Ed. dell'Orso, 2002.

CRESTI, E. Per una nuova classificazione dell'illocuzione. In: BURR, E. (Ed.). *Tradizione e innovazione. Atti del VI Convegno SILFI*. Duisburg, 28.06-02.07 2000. Firenze: Cesati, 2005, p. 233-246.

CRESTI, E. La Stanza: un'unità di costruzione testuale del parlato. In: *Atti del X Congresso della Società Internazionale di Linguistica e Filologia Italiana, SILFI 2008*. Basilea, 30.06-03.07 2008. 2009, p. 1-25.

CRESTI, E.; FIRENZUOLI, V. L'articolazione informativa topic-comment e comment-appendice: correlati intonativi. In: REGNICOLI, A. (Ed.). *La fonetica acustica come strumento di analisi della variazione linguistica in Italia*. Atti delle XII giornate del Gruppo di Fonetica Sperimentale (GFS). Roma: Il Calamo, 2002, p. 153-166.

CRESTI, E.; MONEGLIA, M. *C-ORAL-ROM: Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 2005.

CRESTI, E.; MONEGLIA, M. C-ORAL-ROM: Comparing Romance Languages in Spontaneous Speech Corpora. In: SILVA, T. C.; MELLO, H. (Eds.). *Conferências do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CRESTI, E.; MONEGLIA, M. *Transcrição e análise da fala com base na Teoria da Língua em Ato*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008. Workshop.

DANIELI, M.; GARRIDO, J. M.; MONEGLIA, M.; PANIZZA, A.; QUAZZA, S.; SWERTS, M. Evaluation of Consensus on the Annotation of Prosodic Breaks in the Romance Corpus of Spontaneous Speech C-ORAL-ROM. In: LINO, M. T.; XAVIER, M. F.; FERREIRA, F.; COSTA, R.; SILVA, R. (Eds.). *Proceedings of the 4th International Conference on Language Resources and Evaluation*. Paris: ELRA, 2004. v. 4, p. 1513-1516.

DARDANO, M.; TRIFONE, P. *La nuova grammatica italiana*. Bologna: Zanichelli, 1997.

DIAS, N. B. *As cláusulas de finalidade*. 2001. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000235773>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

DIAS, N. B. As funções discursivas das cláusulas de finalidade. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*. Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 137-148, 2002. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap081.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2009.

FARNEDA, E. S. Perguntas e respostas na entrevista radiofônica. *Revista Letra Magna*, ano 4, n. 6, 2007. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/entrevistaradio.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2009.

FIRENZUOLI, V. Metodologie sperimentali per l'identificazione di profili intonativi di valore illocutivo a partire dal corpus LABLITA. In: *Atti del VI Convegno SILFI*. Duisburg: Università di Duisburg, 2000.

FIRENZUOLI, V.; TUCCI, I. L'unità informativa di inciso: correlati intonativi. In: MAROTTA, G.; NOCCHI, N. (Orgs.). *La coarticolazione*. Atti delle XIII giornate del Gruppo di Fonetica Sperimentale (GFS). Pisa, 11.2002. Pisa: ETS, 2003, p. 185-192.

FIRENZUOLI, V.; TUCCI, I. Una strategia di costruzione del testo parlato: l'introduttore locutivo. In: *Atti del Convegno "Il parlato italiano"*, no prelo.

FLEISS, J. L. *Measuring nominal scale agreement among many raters*. Psychological Bulletin, 76, 378-382. 1971.

FROSALI, F. Le unità di informazione di ausilio dialogico: valori percentuali, caratteri intonativi, lessicali e morfo-sintattici in un corpus di italiano parlato (C-ORAL-ROM). In: CRESTI, E. (Org.). *Prospettive nello studio del lessico italiano*. Firenze University Press, 2008, p. 417-424.

GALEMBECK, P. T. Inserções parentéticas em interações simétricas. *XIX Seminário do CELLIP*. Cascavel: 2009a. Resumo. Disponível em: <<http://projetos.unioeste.br/eventos/cellip/moodle/mod/glossary/print.php?id=315&mode=letter&hook=ALL&sortkey=CREATION&sortorder=asc&offset=0>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

GALEMBECK, P. T. Inserções parentéticas na fala culta de São Paulo. *Anais do XIX Seminário do CELLIP*. Cascavel: v. 1, 2009b. p. 45-52. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno07-08.html>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

t'HART, J.; COHEN, A.; COLLIER, R. *A perceptual study on intonation: an experimental approach to speech melody*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Houaiss Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.dicionariohouaiss.com.br/>>. Acesso em: 6 set. 2007.

HOYE, L. F. You may think that; I couldn't possibly comment! *Modality studies: Contemporary research and future directions*. Part I. *Journal of Pragmatics*, Hong Kong, 2005a. v. 37, p. 1295-1321.

HOYE, L. F. You may think that; I couldn't possibly comment! *Modality studies: Contemporary research and future directions*. Part II. *Journal of Pragmatics*, Hong Kong, 2005b. v. 37, p. 1481-1506.

JESUS, A. C. U. *A unidade de apêndice no português do Brasil*. 2008. 230 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

JUBRAN, C. C. A. S. Para uma descrição textual-interativa das funções de parentetização. In: KATO, M. A. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP. SP: FAPESP, 1996a. v. V: Convergências, p. 339-354.

JUBRAN, C. C. A. S. Parênteses: propriedades identificadoras. In: *Gramática do português falado*. DE CASTILHO, A. T.; BASILIO, M. (Orgs.). Campinas: Editora da UNICAMP. SP: FAPESP, 1996b. v. IV: Estudos Descritivos, p. 411-421.

Laboratorio Linguistico del Dipartimento di Italianistica dell'Università di Firenze. Disponível em: <<http://lablita.dit.unifi.it/>>. Acesso em: 6 set. 2007.

LANDIS, J. R.; KOCH. G. G. *The measurement of observer agreement for categorical data*. *Biometrics* 33, 159-174. 1977.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 2.

MACWHINNEY, B. J. *The CHILDES Project: Tools for Analyzing Talk*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2000. 2 v.

MAIA ROCHA, B.; RASO, T. *Análise da unidade informacional de introdutor locutivo no português brasileiro*, em preparação.

MAIA ROCHA, B.; RASO, T.; ANDRADE, M. I. Alguns auxílios dialógicos em italiano, português do Brasil e em italianos cultos em contato prolongado com o português do Brasil. *Fragmentos*, 2008.

MARTIN, P. *WinPitch Corpus: A Software Tool for Alignment and Analysis of Large Corpora*. Disponível em: <<http://emeld.org/workshop/2003/martin-paper.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2007.

MARTIN, P. *WinPitch Corpus: A Text to Speech Alignment Tool for Multimodal Corpora*. Lisbon: LREC. May 2004. Disponível em: <<http://lablita.dit.unifi.it/coralrom/papers/index.html>>. Acesso em: 6 set. 2007.

MELLO *et al.* Prolegômenos sobre modalidade. *Domínios de Linguagem*, ano 3, v. 5, n. 1, p. 104-134, 2009. Disponível em: <<http://www.dominiosdelinguagem.org.br/pdf/dl5/DL5-5.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

MELLO, H.; RASO, T. Para a transcrição da fala espontânea: o caso do C-ORAL-BRASIL. In: *Revista Portuguesa de Humanidades*, n. 13, 2009.

MONEGLIA, M. *Specifications on the C-ORAL-ROM Corpus*. Disponível em: <<http://lablita.dit.unifi.it/coralrom/papers/Specifications-CORALROM.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2007.

MONEGLIA, M. Measurements of Spoken Language Variability in a Multilingual Corpus: Predictable Aspects. In: LINO, M. T., XAVIER, M. F., FERREIRA, F., COSTA, R., SILVA, R. (Eds.). *Proceedings of the 4th International Conference on Language Resources and Evaluation*. Paris: ELRA, 2004. p. 1419-1422.

MONEGLIA, M. C-ORAL-ROM. Un corpus di riferimento del parlato spontaneo per l'italiano e le lingue romanze. In: KORZEN, J. (Ed.). *Lingua, cultura e intercultura. L'italiano e le altre lingue*. Atti del VIII Convegno SILFI. Copenhagen, 22-26.07 2004. Copenhagen: Samfunzliteratur Press, 2005, p. 229-242.

MONEGLIA, M. Units of Analysis of Spontaneous Speech and Speech Variation in a Cross-linguistic Perspective. In: KAWAGUCHI, Y., ZAIMA, S., TAKAGAKI, T. (Eds.). *Spoken Language Corpus and Linguistics Informatics*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 2006, p. 153-179.

MONEGLIA, M. Le unità di riferimento per l'espressione delle emozioni: dati dal corpus C-ORAL-ROM. In MAGNO, E.; CAVICCHIO F.; COSI, P. (Eds.). *Comunicazione parlata e manifestazione delle emozioni*. Atti del I Convegno Nazionale G.S.C.P. Napoli: Liguori, 2008. p. 151-187.

MONEGLIA, M.; CRESTI, E. L'intonazione e i criteri di trascrizione del parlato adulto e infantile. In: BORTOLINI, U., PIZZUTO, E. *Il Progetto CHILDES Italia*. Pisa: Del Cerro, 1997, p. 57-90.

MONEGLIA, M.; SCARANO, A.; SPINU, M. Validation by expert transcribers of the C-ORAL-ROM prosodic tagging criteria on Italian, Spanish and Portuguese corpora of spontaneous speech. In: *Information Society Technologies Programme (C-ORAL-ROM)*, 2002.

MOTA, B. A. *A unidade informacional de Parentético na fala espontânea do espanhol*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, em preparação.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, C. J. F. Apêndice de Comentário e Comentários Ligados: uma distinção à luz da Teoria da Língua em Ato. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura*, ano 5, n. 10, 2009.

PAIVA, J. R. *Funções metaenunciativas das inserções parentéticas*. 1999. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000184337>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

Projeto C-ORAL-BRASIL. Disponível em: <<http://www.c-oral-brasil.org/>>. Acesso em: 10 maio 2009.

RASO, T.; ALMEIDA, F. *A unidade de alocutivo em espanhol e português europeu*, em preparação.

RASO, T. *et al.* Uma aplicação da Teoria da Língua em Ato ao PB. *Revista de Estudos da Linguagem*, n. 2, p. 147-166, 2007.

RASO, T.; GOULART, L. Estudo contrastivo do uso de alocutivos em português brasileiro e italiano. *Fragmentos*, no prelo.

RASO, T.; MELLO, H. Parâmetros de compilação de um corpus oral: o caso do C-ORAL-BRASIL. *Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos*. Programa de Pós-Graduação em Lingüística. Juiz de Fora, 2009.

RASO, T.; MELLO, H. The C-ORAL-BRASIL corpus. In: MONEGLIA, M.; PANUNZI, A. (Orgs.) *Bootstrapping Information from Corpora in a Cross Linguistic Perspective*. Firenze University Press, 2010.

RASO, T.; MELLO, H. As especificidades da unidade de tópico em PB e possíveis efeitos do contato lingüístico. In: SARAIVA, E.; CHAVES MARINHO, J. *Estudos da língua em uso: da gramática ao texto*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, no prelo.

RASO, T.; MITTMANN, M. Validação estatística dos critérios de segmentação da fala espontânea no corpus C-ORAL-BRASIL. Submetido para *Revista de Estudos da Linguagem*.

SCHNEIDER, S. *Reduced Parenthetical Clauses as Mitigators: a corpus study of spoken French, Italian and Spanish*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 2007.

SERIANNI, L. *Grammatica italiana*. Italiano comune e lingua letteraria. Suoni, forme e costrutti. Torino: UTET, 1989.

SIGNORINI, S. Il Topic: criteri di identificazione e correlati morfosintattici in un corpus di italiano parlato. In: LEONI, F. A.; CUTUGNO, F.; PETTORINO, M.; SAVY, R. (Eds.). *Atti del Convegno Nazionale "Il parlato italiano"*. Napoli: M. D'Auria, 2004a, p. 15-39.

SIGNORINI, S. L'unità di topic: caratteristiche e frequenza in un corpus di italiano parlato. Il topic complesso. In: D'ACHILLE, P. (Ed.). *Generi, architetture e forme testuali*. Atti del VII Convegno Internazionale SILFI. Firenze: Franco Cesati, 2004b, p. 227-238.

TENANI, L. E. *Análise Prosódica das Inserções Parentéticas no Corpus do Projeto da Gramática do Português Falado*. 1996. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996a.

TENANI, L. E. Marcas prosódicas das inserções parentéticas. *Estudos Lingüísticos*. Taubaté, 1996b. v. 25, p. 803-808.

TENANI, L. E. O fenômeno de parentetização na fala. *Estudos Lingüísticos*. São Paulo, 1997. v. 26, p. 787-793.

The R Project for Statistical Computing. Disponível em: <<http://www.r-project.org/>>. Acesso em: 19 abr. 2009.

TUCCI, I. L'inciso: características morfosintáticas e intonativas em um corpus de referência. In: LEONI, F. A. *et al.* (Orgs.). *Atti del Convegno "Il parlato italiano"*. Napoli, 13-15.02 2003. Napoli: M. D'Auria, 2004, p. 1-14.

TUCCI, I. *L'espressione lessicale della modalità nel parlato spontaneo: dati dal corpus C-ORAL-ROM italiano*. PhD diss. Università di Firenze, Dipartimento di Linguistica, 2007.

TUCCI, I. "Obiter dictum": a função informativa das unidades parentéticas. In: *Atti del Convegno Internazionale G.S.C.P. "La comunicazione parlata"*. Napoli, 23-25.02 2009.

TUCCI, I. A modalização léxica na enunciação. Semântica, pragmática e composicionalidade dos significados de uma perspectiva corpus based. In: *Atti del XLII Congresso SLI*. Pisa, 25-27.09 2008. No prelo a, p. 57-81.

TUCCI, I. A Modalidade no discurso espontâneo e o seu domínio de pertinência. Uma pesquisa corpus-based (C-ORAL-ROM Italiano). In: *Actes du XXVe CILPR*, no prelo b. Disponível em: <<http://lablita.dit.unifi.it/>>. Acesso em: 10 dez. 2009.

University of Toronto. Speech-Language Pathology. Apresenta formulário para solicitação de *download* do *software* Praat. Disponível em: <http://www.slp.utoronto.ca/aboutus/rlabs/oraldlaboratory/oraldynamicslab/Links___Downloads/PRAAT_tutorial.htm>. Acesso em: 10 jan. 2010.

Syddansk Universitet. Visual Interactive Syntax Learning. Apresenta publicações de Eckhard Bick. Disponível em: <<http://beta.visl.sdu.dk/Artikeloversigt.html>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

WinPitch: *software* livre. Versão Pro. Disponível em: <<http://www.winpitch.com/>>. Acesso em: 6 set. 2007.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. A. (Org.). *A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1998. p. 31-54.

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nº Registro COEP: CAAE 0209.0.203.000-07

Título do Projeto: **Estudos sobre a fala espontânea: diálogos, monólogos e conversações**

Prezado(a) Senhor(a),

Este Termo de Consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

1) Introdução

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa com o objetivo de estudar aspectos da fala da área de Belo Horizonte. Você foi selecionado porque mora na área de Belo Horizonte, porém sua participação não é obrigatória. Segue uma rápida explicação do projeto com sua justificativa e seus objetivos. Qualquer outra informação pode ser obtida entrando em contato com o pesquisador responsável ou conversando diretamente com o pesquisador que entrou diretamente em contato com você para efetuar a gravação. As amostras escolhidas para o estudo constarão em um CD ou outro suporte de acesso público. Você vai poder, portanto, acessar as gravações que serão consideradas idôneas para formar o *corpus*.

A pesquisa visa analisar a estruturação da fala espontânea na maior diversificação situacional possível, para analisar os vários elementos que constituem a fala em relação às diferentes funções para a qual a própria fala é utilizada. Ao falar, nós fazemos coisas diferentes (pedidos, ordens, sugestões, reclamações, contos etc.) em situações muito diferentes (conversa entre amigos em lugar público ou particular, relação de trabalho, jantar em casa ou fora, relação com filhos, com outros familiares, ou com outras pessoas e em outros contextos). A combinação das possíveis ações e das possíveis situações gera uma grande variação que influencia a estrutura da própria fala, junto com fatores de caráter individual.

Dispor de um *corpus* que permita o estudo dessas variáveis em combinação oferece a chance de estudar como a fala se estrutura em relação à função específica que tem e até que ponto, ao contrário, a fala se estrutura de maneira invariável ou ligada a fatores de ordem individual (o tipo de voz, o tipo de articulação do som independente do contexto, a velocidade média de fala etc.).

Vale ressaltar que este projeto tem como objetivo ser a ramificação brasileira de um projeto (chamado C-ORAL-ROM) que foi financiado e realizado pela comunidade europeia graças à coordenação de E. Cresti e M. Moneglia da Universidade de Florença (Itália), com a participação de pesquisadores das universidades de Florença, Lisboa, Madri e Aix-en-Provence. O projeto C-ORAL-ROM já oferece os dados comparáveis (pois coletados segundo a mesma metodologia e arquitetura) para o italiano, o espanhol,

o francês e o português europeu. O presente projeto visa portanto disponibilizar esses dados também para o português do Brasil, na sua variedade belorizontina.

2) Procedimentos do estudo

Para participar deste estudo, solicito a sua especial colaboração em permitir que seja gravada sua fala espontânea durante um intervalo de tempo de não mais de duas horas. A sua fala pode ser gravada ou através de um microfone de ambiente ou através de microfone de lapela, dependendo da situação.

No caso de a sua fala já ter sido gravada, porque você entrou em uma situação em que já estava acontecendo a gravação, solicito a sua especial colaboração em permitir que essa gravação seja utilizada para os fins de pesquisa indicados. Você tem o direito de exigir que a gravação seja destruída. Você tem o direito de escutar a gravação antes de decidir sobre o destino dela.

3) Riscos e desconfortos

Consideramos que a metodologia utilizada para coleta de dados não oferece riscos ou desconforto, além daquele inevitável devido à necessidade de gravar a fala do informante (em caso de diálogo entre duas pessoas e em alguns monólogos, o desconforto consiste em aplicar ao informante um microfone de lapela, sempre sem fio, ou seja, sempre sem nenhuma limitação de movimento).

4) Benefícios

Consideramos que essa pesquisa não trará benefícios diretos para você.

5) Custos/reembolso

Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberá pagamento pelo mesmo.

6) Caráter confidencial dos registros

A sua identidade será mantida em sigilo. Os resultados do estudo serão sempre apresentados como o retrato de um grupo e não de uma pessoa. Dessa forma, você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa.

Na parte da gravação que será publicada, o falante será indicado com uma sigla que não permitirá de maneira alguma a sua identificação. Relacionados à sigla serão disponibilizados somente os seguintes dados: faixa etária (dentro de um leque de pelo menos 10 anos); nível de estudo (dividido entre nenhum, primeiro grau completo, segundo grau completo, terceiro grau completo); sexo; tipologia de trabalho. O registro da correspondência de cada sigla ao informante será mantido sigiloso e nunca será divulgado de forma alguma.

7) Participação

Sua participação neste estudo é muito importante, porém é voluntária. Você tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento. Em caso de você decidir retirar-se do estudo, favor informar o pesquisador e/ou a pessoa de sua equipe que o esteja atendendo.

8) Informações

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, que poderá ser contatado para esclarecimentos pelo telefone (31) 3409-4592, por email coep@prpq.ufmg.br, ou no seguinte endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, sala 2005, CEP 31270-901 - Belo Horizonte, MG.

Os pesquisadores responsáveis poderão fornecer qualquer esclarecimento sobre esta pesquisa, assim como tirar dúvidas, bastando contato no seguinte endereço e/ou telefone:

Nome do pesquisador: Heliana Ribeiro de Mello

Endereço: Faculdade de Letras - UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627

Telefone: (31) 3409-6065

Email: heliana.mello@ufmg.br

9) Declaração de consentimento

Li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este Termo de Consentimento. Declaro que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas.

Confirmo também que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma):

Assinatura do participante ou representante legal:

Data:

Nome (em letra de forma) e assinatura do pesquisador:

Data:

Obrigado pela sua colaboração e por merecermos sua confiança.